

**JOÃO BATISTA CHEMIN**

**O PERFIL DO EDUCADOR NA FORMAÇÃO DOS FUTUROS PRESBÍTEROS NO  
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Tescarolo

**CURITIBA**

**2011**

**JOÃO BATISTA CHEMIN**

**O PERFIL DO EDUCADOR NA FORMAÇÃO DOS FUTUROS PRESBÍTEROS NO  
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Professor Dr. Ricardo Tescarolo  
(Orientador)

---

Professora Dra. Marilda Behrens  
(Convidada Interna)

---

Professor Dr. Ednilson Turozi de Oliveira  
(Convidado Externo)

Curitiba, 29 de junho de 2011.

Dedico este trabalho aos formadores, companheiros dedicados, que assumiram o compromisso de formar integralmente os futuros presbíteros. Aos formandos que procuram fazer, com seriedade, o seu discernimento vocacional, tendo em vista o serviço na Igreja.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo dom da vida. Aos meus pais Arlindo Chemin (in memoriam) e Pedrina Andreassa Chemin que contribuíram com Deus para que eu nascesse. São pessoas especiais na minha vida. Eles tornaram possível a minha vocação ao presbiterado, dando-me todo seu amor.

Aos meus familiares pelo incentivo e pela presença.

Aos meus arcebispos: Dom Pedro Fedalto e Dom Moacyr José Vitti que depositaram em mim a confiança de formar os futuros presbíteros da Arquidiocese de Curitiba.

Aos meus irmãos presbíteros que foram apoio e estímulo para minha caminhada acadêmica.

Ao Professor Dr. Padre Ednilson Turozi de Oliveira pelo dedicado trabalho de ler a dissertação e, com muito carinho, de sugerir mudanças e melhorias. Saiba Professor Padre Ednilson que as freqüentes e profícuas trocas de ideias enriqueceram a mim e a esta dissertação.

À professora Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Eyng, que fez parte da banca do exame de qualificação da dissertação, o meu reconhecimento pelo seu carinho e pela sua competência.

À professora Dr<sup>a</sup>. Marilda Aparecida Behrens que foi minha professora desde os idos tempos do curso de filosofia. Sou imensamente grato pelo seu entusiasmo e pelo seu otimismo. Quantas foram as ocasiões, já como presbítero e cursando psicologia e especialização em neurociência, em que nos encontramos nos corredores desta instituição, sempre procurou incentivar-me para cursar o Mestrado. Muito obrigado.

Não querendo, em hipótese nenhuma deixar por último para dizer que é menos importante, mas, pelo contrário, para dar um destaque especial, gostaria de agradecer o meu orientador Professor Dr. Ricardo Tescarolo, que tive a grata satisfação de conhecê-lo no ano de 2008. Confesso que o Professor Tescarolo nunca deixou de ser um “exigente amoroso”. Constantemente, durante as suas orientações, partilhou comigo a paixão pelo conhecimento e pela educação. Sou eternamente grato.

Aos meus amigos que chegaram ontem e já se fizeram imprescindíveis, o meu carinho, o meu bem-querer.

## **EPÍGRAFE**

“É melhor ensinar as virtudes, do que condenar os vícios”.

## RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de estudo o perfil do educador na formação dos futuros presbíteros no paradigma da complexidade. O problema da pesquisa destaca a importância dos encontros formativos no processo de desenvolvimento integral dos futuros presbíteros que se constituem em eventos educativos transformadores. A metodologia utilizada na pesquisa segue a linha crítico-dialética, de natureza qualitativa, mediante entrevistas semi-estruturadas. Os referenciais para análise fundamentaram-se em Freire (1986, 1987, 2003, 2007); Behrens (2005, 2006); Morin (2000, 2001, 2005); Imoda (1996); Ferguson (1992); Tescarolo (2005); Papa Paulo VI (1997); Papa João Paulo II (1992, 2008); CNBB (2010). Os temas abordados abrangeram os reflexos do paradigma da complexidade na prática pedagógica dos educadores na formação do presbiterado, tendo como fundamento documentos da Igreja. Foram igualmente estudados os reflexos das pedagogias da essência, da existência e a tecnicista na prática pedagógica dos educadores dos futuros presbíteros. A investigação promovida nos seminários situados na região metropolitana de Curitiba levou à conclusão da importância de um guia pedagógico para esses formadores como pedagogos da presença.

**Palavras-chave:** Educação. Prática Pedagógica. Complexidade. Futuros Presbíteros.

## RIASSUNTO

Questa tesi ha come oggetto di studio il profilo dell'educatore nella formazione dei futuri sacerdoti nel paradigma della complessità. Il problema della ricerca distacca l'importanza di incontri formativi nel processo di sviluppo integrale dei futuri sacerdoti che sono eventi educativi trasformatori. La metodologia utilizzata per l'indagine segue la linea critica-dialettica di natura qualitativa, attraverso interviste semi-strutturali. I punti di riferimento per le analisi sono state basate su Freire (1986, 1987, 2003, 2007); Behrens (2005, 2006); Morin (2000, 2001, 2005); Imoda (1996); Ferguson (1992); Tescarolo (2005); Papa Paulo VI (1997); Papa João Paulo II (1992, 2008); CNBB (2010). Gli argomenti di discussione figurano i riflessi del paradigma della complessità nella pratica pedagogica degli educatori nella formazione del presbitero, avendo come fondamento i documenti della chiesa. Sono stati studiati anche i riflessi delle pedagogie di essenza, l'esistenza e la tecnicità nella pratica pedagogica degli educatori dei futuri sacerdoti. La ricerca promossa nei seminari si trova nell'area metropolitana di Curitiba ha portato alla conclusione dell'importanza di un orientamento per gli insegnanti come educatori della presenza.

**Parole-chiave:** Educazione. Pratica Pedagogica. Complessità. Futuri Sacerdoti.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A Janela de Johari .....	54
-------------------------------------	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Título: Entrevista com Formadores – Trajetória para ser Educador.....	67
Quadro 2 - Título: Entrevista com Formadores – Formação Permanente.....	69
Quadro 3 – Título: Entrevista com Formadores – Guia Pedagógico.....	71
Quadro 4 – Título: Entrevista com Formadores – “O Pedagogo da Presença”.....	73
Quadro 5 – Título: Entrevista com Formadores – A Importância da Disciplina.....	77
Quadro 6 - Título: Entrevista com Formandos – O Formador como “Guia de Referência”.....	81
Quadro 7 – Título: Entrevista com Formandos – O Formador e a Virtude da Resiliência.....	86

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ARSEM - Assembléia dos Reitores dos Seminários
- CIC - Código de Direito Canônico
- CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- Dap - Documento de Aparecida
- DMPB - Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos
- OSIB - Organização dos Seminários e Institutos do Brasil
- OT - Optatam Totius
- PDV - Pastores Dabo Vobis
- RFIS - Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis
- Vat II - Concílio Ecumênico Vaticano II

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 A INTER-RELAÇÃO DO PAPEL DOS EDUCADORES NOS DOCUMENTOS DA IGREJA COM O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE SEGUNDO A PERSPECTIVA CIENTÍFICA</b> .	<b>18</b>
2.1 OS REFLEXOS DO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS EDUCADORES.....	21
2.2 OS REFLEXOS DO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE NOS DOCUMENTOS DA IGREJA.....	24
<b>3 AS INFLUÊNCIAS DAS TEORIAS PEDAGÓGICAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS EDUCADORES DOS FUTUROS PRESBÍTEROS</b> .....	<b>39</b>
3.1 OS REFLEXOS DA PEDAGOGIA DA ESSÊNCIA.....	39
3.2 OS REFLEXOS DA PEDAGOGIA DA EXISTÊNCIA.....	47
3.3 OS REFLEXOS DA PEDAGOGIA TECNICISTA.....	56
<b>4 PESQUISA DE CAMPO</b> .....	<b>65</b>
4.1 A TRAJETÓRIA PARA SER EDUCADOR DOS FUTUROS PRESBÍTEROS .....	66
4.2 A IMPORTÂNCIA DE UM GUIA PEDAGÓGICO NO PROCESSO FORMATIVO .....	71
4.3 A IMPORTÂNCIA DO FORMADOR COMO O “PEDAGOGO DA PRESENÇA” .....	73
4.4 A DISCIPLINA COMO INSTRUMENTO AUXILIAR DO FORMADOR.....	76
4.5 A AÇÃO PEDAGÓGICA DO FORMADOR COMO “GUIA DE REFERÊNCIA” .....	81
4.6 O FORMADOR E A VIRTUDE DA RESILIÊNCIA .....	86
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>92</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>96</b>
APÊNDICE A ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADO COM OS FORMADORES .....	97
APÊNDICE B ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADO COM OS FORMANDOS.....	98
APÊNDICE C TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS FORMANDOS .....	99
APÊNDICE D TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS FORMADORES.....	126

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação discorre sobre o perfil do educador na formação dos futuros presbíteros no paradigma da complexidade, manifestada

na aparente desordem dos sistemas abertos e no metabolismo que sustenta e faz evoluir a vida e estimula a cogitação sobre o sagrado como referência de valores, principalmente pela identificação de um vínculo orgânico universal que conecta a pessoa e a sua realidade em uma rede dinâmica, além de se apresentar como a perspectiva da necessária existência do outro que transcende essa relação (TESCAROLO, 2005, p. 19).

Trata-se de um olhar atento sobre como está se processando a formação dos futuros presbíteros. Há preocupação com sua formação intelectual, humano-afetiva, espiritual e pastoral que se consagra para dedicar sua vida a favor de Cristo nos irmãos. Se mantivermos um contato com as pessoas das comunidades católicas e perguntarmos quais as características que gostariam de ver nos presbíteros das suas comunidades, bem como se consultarmos o que dizem os documentos conciliares e pós-conciliares da Igreja Católica, certamente teríamos como respostas: padres humano-afetivamente equilibrados; comunicativos; piedosos; sociáveis; com competência e destreza na administração; capacidade intelectual reflexiva e prática.

Nesse contexto, é necessário definir o que seja um presbítero, bem como a sua função na sociedade. Pode-se afirmar que o presbítero, segundo o documento da CNBB, *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*, é aquele que:

[...] recebe as potencialidades da paternidade espiritual e quando o bispo lhe confere jurisdição designa-lhe um povo, a fim de que venha a ser dele o pai espiritual, com a função de gerar, nutrir, educar, organizar e levar à plenitude uma comunidade do Povo de Deus. Na Sagrada Escritura, aparece o termo *presbítero*, que designa o ancião, o adulto, já experimentado na vida, que se tornou sábio, mestre, conselheiro e guia. Aquele que recebe o segundo grau do sacramento da Ordem deve ser “mestre da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade”, particularmente “pastor e guia da comunidade paroquial” (2010, p.41).

Os presbíteros, para atuarem como homens missionários, profetas e pastores na sociedade, recebem a sua formação nos seminários, como destaca o Código de Direito Canônico (1983, p.107):

Os seminários legitimamente erigidos têm, *ipso iure*, personalidade jurídica na Igreja. No trato de todos os negócios, representa a pessoa do Seminário o seu

reitor, salvo determinação contrária da autoridade competente, a respeito de certos negócios. Em cada seminário haja o reitor que o presida, e, se for o caso, o vice-reitor, o ecônomo e, se os alunos fazem os estudos no próprio seminário, também professores que ensinem as diversas disciplinas coordenando-as entre si.

### O citado documento da CNBB afirma que o seminário maior constitui

o lugar necessário para a formação de presbíteros e o seminário menor como instituição válida e adequada para cultivar germes da vocação, embora não impeça que se adotem outras soluções (OT 3-4). Para o desenvolvimento do processo de formação dos futuros presbíteros, as Diretrizes indicam diversos ambientes ou espaços formativos (2010, p.60).

A partir dessas constatações, infere-se que os seminários se assemelham ao “monte” sobre o qual Jesus Cristo subiu e chamou os discípulos (cf. Marcos 3,13-19). Com isso, todos os jovens, chamados ao serviço da Igreja e da Sociedade como futuros presbíteros, encontram nos seminários o ambiente formativo adequado. Pelos formadores, recebem instruções gerais e acompanhamento personalizado que favorecem sólida formação humano-afetiva, espiritual, intelectual, comunitária e pastoral, como mencionado.

Recentemente, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) publicou o documento 93, *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil* (2010). Diante dos inúmeros desafios que o documento apresenta, ficam evidenciados alguns deles, como por exemplo, as mudanças referentes à autoridade e ao poder que se manifestam mediante a auto-suficiência, o democratismo e a competição, a aproximação afetiva sem gerar compromisso o que leva ao risco de se menosprezar os sentimentos alheios, a falta de cultivo de relações fraternas com os bispos e com os colegas do ministério, a falta de “mortificação” e entrega apaixonada por sua missão pastoral, bem como o exibicionismo — como a atitude de se atrair as pessoas para si — que se manifesta na obtenção de aplausos e na religião como espetáculo.

Desse modo, partindo do pressuposto de que todos somos aprendizes desde o nascimento, pode-se afirmar que, além da família e da escola, o seminário é lugar privilegiado de promover aprendizagem. Os educadores, colocados à frente dos educandos nos seminários, assumem o compromisso de formar integralmente os futuros presbíteros, como lembra o papa João Paulo II na exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*:

Enquanto comunidade educadora, a inteira vida do Seminário, em suas mais diversas expressões, está empenhada na formação humana, espiritual, intelectual e pastoral dos futuros presbíteros: trata-se de uma formação que, embora assuma tantos aspectos comuns à formação humana e cristã de todos os membros da Igreja, apresenta conteúdos, modalidades e características que decorrem especificamente do seu fim principal, que é o de preparar para o sacerdócio (1992, p.160-161).

Sobre a importância da aprendizagem, é interessante a comparação do filósofo Al-Ghazali do sec. XIX, ao sugerir que o camelo é mais forte, o elefante maior, o leão mais corajoso, o gado mais voraz e as aves mais fortes do que o ser humano. Por isso, conclui, “o homem foi feito com o propósito de aprender” (*apud* CLAXTON, 2005, p.16).

O documento *Gravissimum Educationis*, declaração sobre a educação cristã do papa Paulo VI (1997, p.332), ao se referir à importância da formação dos educadores, exorta:

Lembrem-se, porém, os professores que depende, sobretudo deles, a escola católica poder realizar os seus intentos e iniciativas. Sejam, por isso, preparados com particular solícitude, para que estejam munidos de ciência quer profana quer religiosa, comprovada pelos respectivos títulos, e possuam a arte de educar, de harmonia com o progresso dos nossos dias. Unidos entre si e com os alunos pela caridade, e imbuídos de espírito apostólico, dêem testemunho de Cristo, Mestre único, quer com a vida quer com a doutrina.

A importância do papel do educador, como sendo aquela pessoa que contribui para que ocorra, nas instituições educacionais confessionais, uma aprendizagem significativa e relevante, justifica o presente trabalho, considerando-se a própria experiência do pesquisador como educador e, mais especificamente, como reitor de seminário, gestor e professor do curso de filosofia oferecido aos futuros presbíteros.

O presente tema de dissertação emergiu, além da prática cotidiana do investigador como educador, do alerta de Ferguson (1992, p.297), ao afirmar que os bons educadores

estão mais interessados no processo do aprendizado do que na consecução de objetivos específicos. São os que admitem seus próprios erros, que acolhem as idéias radicais de seus educandos, discutem sentimentos, fomentam a cooperação, encorajam a participação dos educandos em seu trabalho, proporcionam além do cumprimento do dever. Humilhação, disciplina, punições e regulamentos inibem o aprendizado.

Este trabalho se propõe pesquisar a ação pedagógica dos educadores — reitores, vice-reitores e professores — nos seminários católicos, a partir da constatação de problemas e desafios para viabilizar e qualificar o percurso pedagógico dos formadores dos futuros presbíteros.

Ao acenar sobre a importância da qualidade da prática pedagógica nesse processo de ensino-aprendizagem, Imoda (1996) observa que, frequentemente, “ocorrem encontros ocasionais que se transformam em eventos educativos ‘transformadores’ e de excepcional valor, enquanto certas presenças ‘educativas’ não raro mostram-se inúteis ou mesmo danosas” (p.18).

Tendo, pois, como base os documentos do Papa Paulo VI, do Papa João Paulo II, as reflexões de Ferguson, Paulo Freire, Imoda (Psicologia do Profundo) e Morin (Complexidade), bem como as diretrizes da CNBB e a pesquisa de campo com dados empíricos, este trabalho se propõe a:

- a) Analisar os documentos da Igreja à luz do paradigma da complexidade.
- b) Investigar criticamente a prática pedagógica dos educadores que atuam nos seminários católicos, observando eventual coincidência entre os ideais educacionais apresentados pelo paradigma da complexidade e pelos documentos da Igreja Católica.
- c) Caracterizar as concepções de educação presentes no grupo pesquisado.
- d) Identificar o perfil dos educadores nomeados para exercerem atividades formativas nos Seminários.
- e) Analisar criticamente a importância da relação pedagógica dialogal no processo formativo dos futuros presbíteros.

A presente dissertação é constituída por quatro capítulos. O primeiro, a introdução, caracteriza a prática pedagógica do educador dos futuros presbíteros atuando no paradigma da complexidade.

O segundo capítulo analisa a inter-relação do papel dos educadores nos documentos da Igreja Católica Apostólica Romana com o paradigma da complexidade em uma perspectiva científica.

No terceiro capítulo é tratada a influência das teorias pedagógicas na ação pedagógica dos formadores dos futuros presbíteros, sendo apresentadas três teorias educacionais: a pedagogia da essência, a pedagogia da existência e a pedagogia tecnicista.

O quarto capítulo apresenta a análise dos dados coletados mediante entrevistas semi-estruturadas realizadas com presbíteros que exercem a função de formadores, bem como os formandos, sujeitos da pesquisa.

A pesquisa, segundo Demo (2003, p.8),

inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa e se reconstitui pelo questionamento sistemático da realidade. Incluindo a prática como componente necessário da teoria, e vice-versa, englobando a ética dos fins e valores.

A entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, dentro da perspectiva de pesquisa que foi desenvolvida. Para Ludke e André (1986, p.34) a grande vantagem da entrevista é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer informante e sobre os mais variados tópicos, além do que, permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Segundo Triviños (1987, p.146) a entrevista semi-estruturada

[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

A metodologia usada na pesquisa é a abordagem crítico-dialética, de natureza qualitativa.

Esta abordagem justifica-se, primeiramente, porque apresenta, como afirmam Ludke & André (1986), o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação em que foi investigado que, na pesquisa, é o perfil do educador na formação dos futuros presbíteros no paradigma da complexidade.

Num segundo momento, a pesquisa qualitativa de abordagem crítico-dialética justifica-se porque tem por objetivo, como afirma Triviños (1987, p.129),

[...] captar não só a aparência do fenômeno, como também sua essência. Busca, porém, as causas da existência dele, procurando explicar sua origem, suas relações, suas mudanças e se esforça por intuir as conseqüências que terão para a vida humana.

Nesse sentido, percebe-se que a função do pesquisador é a de estar atento ao significado que os entrevistados dão às coisas e à sua vida. Segundo Ludke (1986, p.12)

“ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo”.

Quanto á metodologia crítico-dialética utilizada na pesquisa, pode-se afirmar que é uma metodologia que fornece os elementos fundamentais que possibilitam uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade. Ao contrário da metodologia positivista que enfatiza os procedimentos quantitativos, a metodologia crítico-dialética visa, num primeiro momento, conforme Triviños (1987, p. 73-74), “a contemplação viva do fenômeno”, as sensações, percepções e representações. O objeto é captado em sua qualidade geral que, no caso da presente pesquisa, é o perfil do educador que atua na formação dos futuros presbíteros, à luz do paradigma da complexidade. Na sequência, a análise do fenômeno. Estabelecem-se as relações sócio-históricas do fenômeno. Elaboram-se juízos, raciocínios, conceitos sobre o objeto. Elaboram-se e aplicam-se tipos de instrumentos para reunir informações que, nesta pesquisa de campo, foi a observação, bem como a entrevista semi-estruturada. E, finalmente a realidade concreta do fenômeno que consiste na realização de um estudo das informações, observações e experimentos.

Partindo desses pressupostos, pode-se afirmar que o desejo de investigar a temática proposta advém da vivência profissional do pesquisador como educador dos futuros presbíteros aliada a uma utopia que acredita profundamente em educadores que reflitam sobre suas práticas pedagógicas nas suas casas de formação e que venham a construir novas propostas metodológicas, com a preocupação de se formar um futuro presbítero que seja um cidadão sensível, intuitivo, feliz, e que seja competente para contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, visando a qualidade de vida para si mesmo e para seus semelhantes (BEHRENS, 2005, p.15).

Por conseguinte, apropriadas são as palavras de Juliatto (2009, p.201): “Toda escola que procura educar e não apenas instruir, ao final do curso, deveria dar aos alunos concluintes dois diplomas: um pela competência na aprendizagem e outro de gente boa”.

## 2 A INTER-RELAÇÃO DO PAPEL DOS EDUCADORES NOS DOCUMENTOS DA IGREJA COM O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE SEGUNDO A PERSPECTIVA CIENTÍFICA

Dentro do processo educativo nas Instituições de Educação Superior, especificamente nos seminários, busca-se o ideal de uma educação que favoreça o desenvolvimento harmonioso acenado por Morin. No Relatório Delors, citado por Eyng (2007, p.180): “os quatro pilares da educação são aprender a saber, a ser, a fazer e a conviver, que devem ser acrescidos do aprender a fazer o saber, a metacognição”. Certamente, o paradigma inovador que visa a superação da fragmentação e a busca da visão do todo, é o que destaca o seminarista no contexto individual e coletivo, sujeito e sociedade, escola e família e, portanto, solicita uma avaliação adequada à nova visão educacional.

Nessa mesma direção, o documento *Gravissimum Educationis* (1997, p.327), ao falar sobre a Educação Cristã, faz um apelo para um dos deveres da Igreja:

[...] pertence à Igreja o dever de educar: não só porque deve também ser reconhecida como sociedade humana capaz de ministrar a educação, mas sobretudo porque tem o dever de anunciar a todos os homens o caminho da salvação, de comunicar aos crentes a vida de Cristo e ajudá-los, com a sua contínua solícitude, a conseguir a plenitude desta vida. Portanto, a Igreja, como mãe, é obrigada a dar a estes seus filhos aquela educação, mercê da qual toda a sua vida seja penetrada do espírito de Cristo; ao mesmo tempo, porém, colabora com todos os povos na promoção da perfeição integral da pessoa humana, no bem da sociedade terrestre e na edificação de um mundo configurado mais humanamente.

Diante dessa contextualização, questiona-se se os educadores nos seminários, neste processo de ensino aprendizagem, têm clareza da importância da necessidade de uma formação integral dos seminaristas, a prática pedagógica dos educadores está fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do seminarista e se a prática pedagógica predominante no século XXI ainda revela “o culto do intelecto e o exílio do coração” (CARDOSO, 1995, p.31).

Espera-se que o seminário, um dos lugares privilegiados de formação dos futuros presbíteros, contribua para a formação de cidadãos responsáveis para que aprendam a conhecer, a agir, a conviver e a ser, conforme o desafio para a educação no século XXI que a UNESCO nos apresenta (BEHRENS, 2005, p.89).

Isto implica a adoção de um pensamento sustentado pelo paradigma da complexidade, que se anima pela “tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento” (MORIN, 2007, p. 7).

Desse modo, à luz do paradigma da complexidade dar-se-á destaque a uma prática pedagógica que favoreça o desenvolvimento e o acesso ao conhecimento, não apenas do uso do raciocínio, mas também das emoções, dos sentimentos e da intuição para aprender.

Hoje é preciso superar uma proposta pedagógica que vem sendo proposta há quatrocentos anos e que orientou uma visão dicotômica e fragmentada na Educação. Neste sentido Behrens alerta que: “o pensamento newtoniano cartesiano apresenta uma epistemologia reducionista que fragmentou tanto a nossa realidade externa e interna, como a dimensão interpessoal e psíquica” (BEHRENS, 2005, p.18).

Não obstante a importância de se insistir na reflexão, no convencimento e no envolvimento para que o processo dialógico e reflexivo permita a transformação que o paradigma da complexidade promove, há o risco de ainda persistir nos seminários uma prática pedagógica segundo paradigmas conservadores. Com isso, indaga-se se os seminários, os educadores, a metodologia e a avaliação, segundo esses paradigmas superados, contribuem para a formação integral do seminarista, se são respeitadas suas diferenças individuais, se há a preocupação para que adquira autonomia, formação para a cidadania e corresponsabilidade por sua aprendizagem. O desafio é promover uma relação dialógica que leve à construção de conhecimento, para que sejam despertados para construir uma sociedade mais igualitária, justa e fraterna.

Com base nisso, percebe-se que a prática pedagógica, segundo os paradigmas conservadores, especificamente na abordagem tradicional, não tem correspondido com esses desafios acima mencionados. Primeiramente é importante perceber o aceno de Behrens (2005, p.24) ao apresentar o intelecto confiado às escolas e os valores e sentimentos à formação familiar. Cardoso (1995) chama a atenção para o perigo do culto do intelecto e o exílio do coração que se evidencia neste paradigma conservador. Mizukami (1986, p.16) afirma que há a tendência a se tratar todos os alunos igualmente. Freire (1987, p.58) ao apresentar a educação tradicional como “educação bancária” revela essa educação que o aluno armazene todos os conteúdos sem a obtenção de um senso crítico. Dentro do paradigma conservador encontra-se, por volta de 1930, o movimento da Escola Nova. Ao contrário da abordagem tradicional, que precedeu esse movimento, em

que a relação professor-aluno é uma relação Eu-Isto (vertical), cujo professor não tem outra preocupação a não ser a de repassar conteúdos predefinidos numa relação longitudinal, na abordagem escolanovista a relação professor-aluno já é uma visão humanística Eu-Tu (MIZUKAMI, 1986, p.57). Segundo Behrens (2005, p.46) a filosofia desta abordagem prega o respeito pela personalidade do educando, bem como pelas diferenças individuais. Afirma Libâneo (1991, p.67) que o objetivo é o de desenvolver a inteligência e formar o caráter e a personalidade dos alunos. Ainda no paradigma conservador, proposto a partir da década de setenta, encontra-se a abordagem tecnicista. Nessa abordagem, percebe-se um distanciamento da relação afetiva entre o professor e o aluno como afirma Libâneo (1991, p.30): “A comunicação professor-aluno tem um sentido exclusivamente técnico, que é o de garantir a eficácia da transmissão do conhecimento. Debates, discussões, questionamentos são desnecessários, assim como pouco importam as relações afetivas [...]” Vê-se que o aluno é avaliado como eficiente e competente se seguir à risca os manuais e instruções cujos componentes indispensáveis para o aluno aprender são o estímulo e o reforço com a privação da criticidade (BEHRENS, 2005, p.49). Aqui, ainda não existe uma preocupação com o social, quer dizer, com uma educação que favoreça uma prática pedagógica crítica, reflexiva e transformadora. Gadotti (2000, p.118), ao citar o livro *A Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, afirma que se trata de uma obra que tece uma crítica à pedagogia tradicional, centrada no professor, e uma crítica à Escola Nova que nega a politicidade da educação.

A partir destas considerações, não resta dúvida que se faz necessário ultrapassar o paradigma conservador e perseguir o ideal de uma educação que favoreça o desenvolvimento harmonioso das dimensões: física, intelectual, emocional, espiritual e social. São oportunas as palavras de Moraes (1998, p.54):

Precisamos fugir do modelo cartesiano-newtoniano fechado, fragmentado, autoritário, desconectado do contexto, que concebe o sistema educacional e o ser humano como máquinas que reagem a estímulos externos [...]. Um modelo que continua definindo comportamentos de entrada e saída numa verdadeira “linha de montagem”, sequencial, hierárquica, previamente estruturada pelo professor ou pelo planejador em seu gabinete e completamente alienada do contexto sociocultural do indivíduo [...]. Precisamos fugir do velho modelo tecnicista, da pedagogia transmissiva, e encontrar uma nova forma de trabalhar em educação diferente da sequência de conteúdos preestabelecidos, de disciplinas estanques [...].

Portanto, à luz dessa afirmação de Moraes, eis o desafio: fazer com que aconteça a transposição de um paradigma conservador para um paradigma da complexidade que venha proporcionar o desenvolvimento integral dos educandos.

## 2.1 OS REFLEXOS DO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS EDUCADORES

Fazendo um paralelo entre um jogo de futebol e a educação, pode-se afirmar que se o objetivo de um time de futebol é fazer gols, o objetivo da educação é a aprendizagem. Mas, diante disso perguntemo-nos: Mas que tipo de aprendizagem? Qual a aprendizagem ideal? O que dizer do questionamento feito por Ferguson (1992, p.270) que milhões de pais se sentem desencantados com a educação convencional ora porque seus filhos não estão adquirindo uma alfabetização, ora porque as escolas são desumanizantes? Portanto, diante dessa angústia, todos os educadores devem repensar a sua prática pedagógica. Quão profundas são aquelas célebres palavras contidas num cartaz de uma escola que dizia: “Nenhum de nós é tão inteligente como todos nós” (FERGUSON, 1992, p.292). Tendo em vista que se busca uma superação dos paradigmas conservadores, acredita-se que o paradigma da complexidade poderá trazer uma grande contribuição para que tenhamos educadores com uma prática pedagógica democrática e transformadora. Cardoso (1995, p.53) complementa: “Educar significa utilizar práticas pedagógicas que desenvolvam simultaneamente razão, sensação, sentimento e intuição e que estimulem a integração intercultural e a visão planetária das coisas, em nome da paz e da unidade do mundo”. Para essa nova visão de mundo que, conseqüentemente repercute na nova forma de se educar, não podemos deixar de citar a contribuição de Capra (1996, p.28):

Enquanto que o velho paradigma está baseado em valores antropocêntricos (centralizados no ser humano), a ecologia profunda está alicerçada em valores ecocêntricos (centralizados na Terra). É uma visão de mundo que reconhece o valor inerente da vida não-humana. Todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependências. Quando essa percepção ecológica profunda torna-se parte de nossa consciência cotidiana, emerge um sistema de ética radicalmente novo.

A partir dessa contribuição de Capra percebe-se, na educação, a tentativa de resgatar o educando na sua totalidade, com suas inteligências múltiplas tendo como objetivo a formação de um profissional humano, ético e sensível (BEHRENS, 2005, p.56). É evidente que a educação transformará esta cultura quando os educadores forem transformados. Os educadores, neste paradigma da complexidade, deverão fazer com que aconteça a filosofia de Paulo Freire que defende o princípio de uma nova modernidade: racionalidade molhada de afetividade (GADOTTI, 2000, p.115). Pergunta-se: será que não

vivemos num sistema educacional que só apostou no intelecto e se esqueceu do lado emocional das pessoas? O analfabetismo emocional não está custando caro? É preciso, portanto, reeducar nosso olhar de educadores sobre os educandos; vê-los como sujeitos e não como objetos (visão mecanicista, reprodução do conhecimento, educação bancária). A educação, neste paradigma da complexidade deve, também, estimular os educandos a aprender a aprender para desenvolverem todas as potencialidades, utilizando não somente o lado esquerdo do cérebro responsável pela racionalidade científica e memorização, mas também o lado direito que desenvolve o sentimento, a criatividade, a intuição, a sensibilidade. Educar é favorecer o crescimento da pessoa como um todo. Portanto, para a educação integral é fundamental o princípio da não-fragmentação dos seres humanos.

Falando do paradigma da complexidade, dá-se a impressão de que temos que fazer uma ruptura com os paradigmas conservadores. É sabido que não confere com a verdade pensar na palavra ruptura, mas sim, superação, como interpreta Cardoso (1995, p.45-46) que, servindo-se da dialética de Hegel, adverte que superar não é fazer desaparecer, mas progredir qualitativamente, que consiste em conservar o que há de verdadeiro no momento anterior e levá-lo a uma complementação segundo as novas exigências históricas. Lembrem-nos Freire & Shor (1986, p.98): “Os estudantes e os professores só aprenderam uma única definição de rigor: a autoritária, a tradicional, que estrutura a educação mecanicamente e os desencoraja da responsabilidade de se recriarem, a si mesmos e à sua sociedade”. Em contraposição a essa educação mecanicista que leva a uma reprodução do conhecimento, cujo professor é um facilitador do processo ensino-aprendizagem, nesta abordagem progressista o professor é um mediador entre o saber elaborado e o conhecimento a ser produzido (BEHRENS, 2005, p.73). Através desse conhecimento produzido o objetivo é a prática social, “o suporte e o contexto, o pressuposto e o alvo, o fundamento e a finalidade da prática pedagógica” (SAVIANI, 1985, p.76). O paradigma da complexidade busca uma aliança entre a visão holística<sup>1</sup>, a abordagem progressista<sup>2</sup> e o ensino com pesquisa (BEHRENS, 2005). Falando da abordagem do ensino com pesquisa, pode-se afirmar que se trata de um dos grandes desafios no processo de ensino aprendizagem, pois na verdade, os educandos são vistos pela maioria dos professores como subalternos, que participam passivamente das aulas, fazem provas e

---

<sup>1</sup> Para Capra (1996, p.25), a visão holística trata de uma visão de mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas.

<sup>2</sup> Para Behrens (2005, p.56) a abordagem progressista tem como pressuposto central a transformação social. Instiga o diálogo e a discussão coletiva como forças propulsoras de uma aprendizagem significativa e contempla os trabalhos coletivos, as parcerias e a participação crítica e reflexiva dos alunos e dos professores.

passam de ano. Quão bonitas as célebres palavras de Demo (2003, p.2): “entra em cena a urgência de promover o processo de pesquisa no aluno, que deixa de ser objeto de ensino, para tornar-se parceiro de trabalho [...]. Não se busca um “profissional da pesquisa”, mas um profissional da educação pela pesquisa”. Pela primeira vez o professor é apresentado com um orquestrador do processo de ensino aprendizagem que conduz o aluno para sua emancipação social (BEHRENS, 2005, p.83). Acompanhar o ritmo produtivo e participativo, por meio de produções individuais e coletivas, bem como acreditar no potencial de aprendizagem dos alunos é missão fundamental dos educadores. Oxalá os educandos sejam pesquisadores de qualidade. Diante da urgência de se implantar o paradigma da complexidade nas nossas realidades escolares, bem como tendo em vista que as funções da docência e da aprendizagem sejam a produção do conhecimento e a intervenção na realidade (BEHRENS, 2006, p.40), não podemos deixar de mencionar a importância da opção pela Metodologia de Projetos<sup>3</sup>. Afirma Martins (2001, p.23) o objetivo do ensino por projetos na escola:

Destinada a levar os alunos não só a buscar informações, mas também a adquirir habilidades, mudar comportamentos, a ver coisas de maneira diferente, a construir seu conhecimento de forma prazerosa e transformadora, pela constante integração, cooperação e criatividade, tendo em vista a construção do cidadão competente e produtivo.

Nesta busca de uma aprendizagem de qualidade, cujo eixo da ação docente precisa passar do ensinar para focar o aprender e, principalmente, o aprender a aprender (Moran, Behrens & Masetto, 2000, p.70), faz-se necessário evidenciar a importância da elaboração dos contratos didáticos<sup>4</sup>. Trata-se da organização do trabalho docente. É um conjunto do plano de aula com organicidade. Tendo como objetivo o desdobramento dos programas de aprendizagem, descrição da proposta metodológica e a indicação de bibliografia, os alunos deverão ter acesso aos mesmos para obterem conhecimento dos contratos didáticos, bem como oferecerem contribuições significativas para eventuais melhoramentos dos mesmos (BEHRENS, 2006, p. 78).

Nesse contexto, percebe-se que o referencial teórico do paradigma da complexidade é mais abrangente, pois exige reflexão, convencimento, envolvimento e “paciência histórica”

---

<sup>3</sup> Para Behrens (2006, p.35) a Metodologia de Projetos a ser proposta tem a perspectiva de atividade educativa a ser promovida e desenvolvida para produzir conhecimento com autonomia e espírito crítico.

<sup>4</sup> Segundo Perrenoud (1999) os contratos didáticos têm como objetivo desdobrar os programas de aprendizagem em encontros semanais para descrição da proposta metodológica a ser desenvolvida, bem como a indicação de bibliografia a ser investigada.

para poder lutar por uma docência inovadora que provoque uma aprendizagem significativa e relevante. Dessa forma, segundo Moraes (2004, p.120), precisamos

de um modo de pensar mais complexo, mais profundo e abrangente que reconheça o mundo fenomenal constituído de totalidades/partes e que não fracione o ser humano em cabeça, tronco e membros, nem separe o indivíduo do mundo em que vive. Um pensar complexo que compreenda razão, emoção, sentimento e intuição são elementos inseparáveis, que reconheça que para pensar bem é preciso ter uma compreensão mais clara a respeito da dinâmica da realidade e dos processos nos quais estamos envolvidos.

Torna-se imprescindível repensar a missão dos educadores nesse contexto. Percebe-se a urgência de educadores que possam perseguir a implantação de novos paradigmas diante dos modelos reducionistas e fragmentados tão comuns no nosso século.

## 2.2 OS REFLEXOS DO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE NOS DOCUMENTOS DA IGREJA

Morin (2005), nascido em 1921 na França, filósofo, sociólogo, pensador contemporâneo, amante do conhecimento, promovedor do diálogo entre as ciências e a busca das relações entre todos os tipos de pensamento, autor da epistemologia da Complexidade, conceito que integra os diversos modos de pensar, opondo-se ao pensamento linear, reducionista e disjuntivo, afirma:

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos (2005, p.15).

Assim, a educação orienta-se para a interdisciplinaridade, no sentido de um pensamento organizador que conceba a relação recíproca entre todas as partes. Na interpretação de Morin (PASCAL, *apud* MORIN 2001, p. 491), ao servir-se da filosofia de Pascal, é impossível conceber as partes sem conceber o todo e tampouco o todo sem conceber as partes:

Sendo todas as coisas causadas e causadoras, auxiliadas e auxiliantes, mediatas e imediatas, e sustentando-se todas por meio de um elo natural e insensível que liga as mais distantes e diferentes, eu assevero que é impossível conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes.

Nesse contexto, ao refletir sobre o papel dos educadores na formação dos futuros presbíteros, à luz do paradigma da complexidade, se percebe os reflexos nos documentos da Igreja Católica Apostólica Romana. Formar cidadãos de uma maneira integral para que, assim possam enfrentar os problemas de seu tempo, é a proposição do paradigma da complexidade, que não deixa de ser a preocupação dos documentos eclesiais, como afirma a *Conferência de Aparecida* (2009, p.146): “É necessário um projeto formativo do Seminário que ofereça aos seminaristas um verdadeiro processo integral: humano, espiritual, intelectual e pastoral, centrado em Jesus Cristo Bom Pastor”.

O papa João Paulo II na sua exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis [Dar-vos-ei Pastores]* (1992, p.157) lançada após o Sínodo<sup>5</sup> assim se expressa com relação aos seminários:

A instituição do Seminário maior como lugar ideal de formação deve certamente confirmar-se como espaço normal, mesmo material, de uma vida comunitária e hierárquica, mais, como casa própria para a formação dos candidatos ao sacerdócio, com superiores verdadeiramente consagrados a este serviço. Esta instituição deu muitíssimos frutos ao longo dos séculos e continua a dá-los em todo o mundo.

Percebe-se que, inicialmente, o papa João Paulo II apresenta o seminário como um lugar privilegiado para educar os jovens. O seminário é uma comunidade educativa em caminhada. Como comunidade educadora deve estar empenhada na formação integral humano-afetiva, espiritual, intelectual e pastoral dos futuros presbíteros. É sabido que um bom seminário é a garantia de uma Igreja “particular” florescente e fecunda. Nessa busca de uma educação que favoreça o desenvolvimento integral dos seminaristas, evitando fragmentações, a Conferência Nacional dos Bispos no Brasil, à luz dos apelos de João Paulo II, apresenta no documento as *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil* o seguinte apelo:

---

<sup>5</sup> Segundo Stein (2001, p.74) o termo Sínodo é um órgão consultivo e de colaboração, constituído por Bispos nomeados pelas Conferências Episcopais e convocados pelo Romano Pontífice, sempre que a este lhe pareça oportuno.

É necessário um projeto formativo do seminário que ofereça aos seminaristas um verdadeiro processo integral (DAp 319). No processo formativo para a vida e a missão do presbítero, os três dispositivos pedagógicos fundamentais, isto é, familiaridade da casa, sucessão do cotidiano e presença do formador, recebem conteúdo, dinâmica e gradualidade adequada e permanente exercício das cinco dimensões antropológico-teológicas da formação, a saber: formação humano-afetiva, formação comunitária, formação espiritual, formação pastoral-missionária (cf.DMPB, nº 92e) e formação intelectual (PDV 42). Essas dimensões da formação correspondem às exigências essenciais da identidade e missão dos presbíteros, ainda mais importante na atualidade, devendo ser definidas e integradas harmonicamente ao longo do processo formativo em um consistente projeto pessoal de vida (2010, p.143).

Persegue-se, segundo o paradigma da complexidade, uma educação holística, com abordagem sistêmica e o enfoque globalizador. Os quatro grandes pilares para aprendizagem ao longo da vida, segundo a proposição do Relatório Internacional da UNESCO para Educação do Século XXI, apresentada em 1998, por Jacques Delors, não deixam de ser uma luz para que ocorra uma formação integral dos seminaristas nas casas de formação. Cencini (2007, p.116) acena que os educadores devem, nas suas dinâmicas educativas, ter presente o eu integral dos seus formandos:

Não é possível, por causa dessa propriedade, dividir o ser humano em compartimentos estanques, como se alguns acontecimentos pertencessem, exclusivamente, ao corpo e outros à mente; alguns fossem instintivos, outros somente espirituais. Toda atividade, queiramos ou não, expressa o eu, mesmo que nem sempre em todas as suas partes e com a mesma contribuição de cada parte. Tal observação parece simples na teoria, mas não na prática, em que, frequentemente, se tende a dicotomizar o ser humano, atribuindo isto ao físico, isso ao psíquico e aquilo ao espiritual [...] também na formação, onde, nem sempre, os programas pedagógicos seguem um caminho de integração, nem conseguem dirigir-se à totalidade da pessoa.

Fernandes (2001, p.29), ao comentar sobre a importância da educação com uma visão complexa e não linear, destaca que

o paradigma científico emergente não se apóia mais sobre certezas, sobre leis deterministas, em ciências exactas, mas antes sobre possibilidades; procura a totalidade da realidade natural e social através de abordagens diversas: multi-inter-transparadigmáticas (incluindo as ciências da natureza, ciências sociais, as disciplinas humanísticas e artísticas); multi-inter-transparadigmáticas (diversas correntes ou perspectivas teóricas dentro de cada ciência); multi-inter-transculturais, feministas e do senso comum; multi-inter-transdimensionais, integrando conhecimentos de carácter cognitivo, sensitivo, afetivo, ético e estético.

Nessa direção, o Concílio Ecumênico Vaticano II através da declaração *Gravissimum Educationis* (1984, p.591), revela uma preocupação com o perfil dos educadores nesse processo de formação integral dos educandos:

Lembrem-se, porém, os professores que depende, sobretudo deles, a escola católica poder realizar os seus intentos e iniciativas. Sejam, por isso, preparados com particular solícitude, para que estejam munidos de ciência quer profana quer religiosa, comprovada pelos respectivos títulos, e possuam a arte de educar, de harmonia com o progresso dos nossos dias. Unidos entre si e com os alunos pela caridade, e imbuídos de espírito apostólico, dêem testemunho de Cristo, Mestre único, quer com a vida quer com a doutrina. Colaborem, sobretudo, com os pais; juntamente com eles, tenham na devida consideração, em toda a obra educativa [...].

Com isso, verifica-se num primeiro momento, a importância da formação humano-afetiva nos seminários. É o aprender a ser: o primeiro pilar para a aprendizagem. Os educadores devem ter presente a educação para esta dimensão humano-afetiva. O futuro presbítero, para ser realmente mediador entre Deus e a pessoa, deve ser ele mesmo ser humano em todos os sentidos, vivendo verdadeiro humanismo, com uma educação, uma formação e um conjunto de virtudes humanas. Deve desenvolver a sua inteligência e a sua vontade, os seus afetos e os seus sentimentos, segundo a vontade do Criador, do Redentor.

O educador, no contexto eclesial, não só precisa como pessoa, de fundamento sólido de maturidade humana, cristã e presbiteral, mas também de capacidade de acompanhar maduramente os seminaristas a ele confiados, apontando-lhes o caminho que conduz a seu pleno amadurecimento. O papa João Paulo II afirma, com muita clareza, no documento *Pastores Dabo Vobis* sobre a formação dos presbíteros na situação atual, principalmente nessa dimensão humano-afetiva:

É evidente que uma grande parte da eficácia formativa depende da personalidade madura e forte dos formadores, tanto sob o aspecto humano como evangélico. Por isso torna-se particularmente importante, por um lado, a escolha cuidadosa dos formadores e, por outro, o estímulo destes para que constantemente procurem ser mais idôneos para o encargo que lhes foi confiado [...] (1997, p.170-171).

Face ao desafio apresentado, para Zaballa (2002, p.54-55), a dimensão intrapsíquica implica em: “Conhecer-se e compreender a si mesmo, às demais pessoas, à sociedade e ao mundo em que se vive, capacitando o indivíduo para exercer responsável e criticamente a autonomia, a cooperação, a criatividade e a liberdade”. Eis o aceno do

documento *Pastores Dabo Vobis* do papa João Paulo II (1992, p.117) para a importância da formação humano-afetiva:

Não só para uma justa e indispensável maturação e realização de si mesmo, mas também com vista ao ministério, os futuros presbíteros devem cultivar uma série de qualidades humanas necessárias à construção de personalidades equilibradas, fortes e livres, capazes de comportar o peso das responsabilidades pastorais [...].

Para ajudar a melhor entender o ser humano, nessa perspectiva da importância da formação humano-afetiva dos futuros presbíteros, Howard Gardner, ao escrever “Estruturas da Mente” (1994), ampliou o potencial humano além da medida de um Quociente de Inteligência, como a concepção de inteligência que a vinculava à capacidade de dar respostas sucintas, de modo rápido, a problemas que requerem habilidades linguísticas e lógicas.

Com isso, Gardner (1995, p.3) tomou a iniciativa de escrever a respeito de ‘inteligências múltiplas’, ‘múltiplas’ para enfatizar um número desconhecido de capacidades humanas diferenciadas, variando desde a inteligência musical até a inteligência envolvida no entendimento de si mesmo.

Gardner (1995, p.28), no estudo sobre a Teoria Modular da Mente, apresenta a Inteligência Intrapessoal como uma das nossas competências: “[...] esta inteligência é a mais privada, ela requer a evidência a partir da linguagem, da música ou de alguma outra forma mais expressiva de inteligência para que o observador a perceba funcionando [...].”

Percebe-se que esta Inteligência Intrapsíquica é importantíssima para que possa compreender as nossas emoções, os nossos sentimentos. Esta inteligência é um profundo autoconhecimento. Essas pessoas estão muitíssimo sintonizadas com suas próprias emoções e utilizam este conhecimento, isto é, a leitura dos seus sentimentos, para entender seu comportamento.

Gardner (1995, p. 27), além de apresentar na Teoria Modular da Mente a Inteligência Intrapsíquica, evidencia a Inteligência Interpessoal:

[...] está baseada numa capacidade nuclear de perceber distinções entre os outros; em especial, contrastes em seus estados de ânimo, temperamentos, motivações e intenções. Em formas mais avançadas, esta inteligência permite que um adulto experiente perceba as intenções e desejos de outras pessoas, mesmo que elas os escondam.

Por conseguinte, percebe-se a importância de um pensar holístico sobre o ser humano. Holístico porque possui as múltiplas inteligências e não só a lingüística e a lógico-matemática que tradicionalmente são contempladas.

Diante dessa sociedade onde a maioria das pessoas não tem tempo para refletir sobre si mesmas, faz-se necessária uma educação que contemple, principalmente, as dimensões intrapessoal e interpessoal. Quão reflexivas são as palavras de Viscott (1982, p.11):

Nossos sentimentos são nosso sexto sentido, o sentido que interpreta, organiza, dirige e resume os outros cinco. Os sentimentos nos dizem se o que estamos experimentando é ameaçador, doloroso, lamentável, triste ou alegre [...]. Não estar cômico dos sentimentos de alguém, não compreendê-los ou não saber como usá-los ou expressá-los é pior do que ser cego, surdo ou paráltico. Não sentir é não viver.

A partir desta teia de reflexões sobre a preocupação com a dimensão humano-afetiva, segundo alguns documentos da Igreja, assim como, segundo alguns pensadores, os educadores dos futuros presbíteros devem ter presente que a afetividade e a sexualidade são aspectos importantes na vida dos jovens seminaristas. Distúrbios na vida afetivo-sexual poderão impedir ou comprometer o amadurecimento da personalidade, desencadeando processos doentios de regressão ou fixação. O jovem seminarista entra num processo perturbador da descoberta do próprio corpo, das emoções e dos sentimentos. Vive a descoberta do outro sexo com todos os apelos consequentes: atração, excitação, necessidade irreprimível de relacionamentos interpessoais. Tudo isso é experimentado de maneira traumaticamente confusa, se não houver um acompanhamento cordial por parte dos educadores, que facilite a descoberta de um sentido: a libertação e a integração pessoal e social. Eis o alerta do papa João Paulo II no documento *Pastores Dabo Vobis*:

Efetivamente, devemos dar-nos conta de uma situação social e cultural difundida que “banaliza” em grande parte a sexualidade humana porque a interpreta e a vive de modo redutor e empobrecido, relacionando-a unicamente com o corpo e com o prazer egoísta, Frequentemente as próprias situações familiares, de onde provêm as vocações sacerdotais revelam, a este respeito, não poucas carências, e por vezes até graves desequilíbrios. Num tal contexto, torna-se mais difícil, mas também mais urgente, uma *educação para a sexualidade* que seja verdadeira e plenamente pessoal e que, portanto, dê lugar à estima e ao amor pela castidade, como virtude que desenvolve a autêntica maturidade da pessoa e que a torna capaz de respeitar e promover o “significado nupcial” do corpo (1992, p.119).

Neste contexto, constata-se que o jovem, hoje, vive numa esfera de hedonismo e “curtição”, incentivado pelo sistema social vigente. Ele se vê envolvido numa rede de satisfações falsas e superficiais, reproduzindo nas relações sexuais as relações sociais de exploração e dominação. Ao descobrir seu corpo, as informações se restringem exclusivamente a conhecimentos fisiológicos e biológicos que, por si só, nunca poderão dar o sentido real e completo do sexo.

Atualmente, os Meios de Comunicação Social acentuam o sentido do prazer pelo prazer, do “amor livre” (enquanto relações genitais inseqüentes), através das novelas e dos anúncios comerciais. Incentivam relacionamentos superficiais e imaturos.

A família, a escola e mesmo a comunidade eclesial imprimiram, por vezes, uma educação afetivo-sexual separando os processos biofísicos da sexualidade humana do resto da pessoa. Dificultaram, assim, uma compreensão mais justa e exata da sexualidade. Ela não foi compreendida como uma dimensão essencial, orientada por um profundo sentido do diálogo, comunicação e enriquecimento mútuo, projeto no qual o prazer sexual e a redescoberta do corpo têm um significado peculiar e indispensável. Portanto, aos educadores cabe a missão de auxiliar os formandos a redescobrir e valorizar o corpo como expressão dos sentimentos e afetos, como beleza, instrumento de comunicação com os outros, com a natureza e com Deus.

Neste sentido, apropriadas são as palavras de Comte-Sponville (2007, p.195):

A pureza não é uma essência. A pureza não é um atributo, que teríamos ou não. A pureza não é absoluta, a pureza não é pura: a pureza é uma maneira de não ver o mal onde, de fato, ele não se encontra. O impuro vê o mal em toda parte, e tem prazer nele. O puro não vê o mal em parte alguma, ou, antes, apenas onde ele se encontra, onde o sofre: no egoísmo, na crueza, na maldade... É impuro tudo o que se faz de má vontade, ou com vontade má. É por isso que somos impuros, quase sempre, e é por isso que a pureza é uma virtude: o eu só é puro quando está purificado de si... Amar puramente é aceitar a distância, em outras palavras, a não-posse, a ausência de poder e de controle, a aceitação alegre e desinteressada [...].

Ainda nesta preocupação com o aprender a ser na formação dos futuros presbíteros, verifica-se a importância da dimensão espiritual — transcendência — como o encontro entre corpo e espírito. Ao falar sobre o desenvolvimento da espiritualidade, define Yus (2002, p.22) como sendo “um estado de conexão de toda a vida, de experiência do ser, de sensibilidade e compaixão, de diversão e esperança, de sentido de reverência e contemplação diante dos mistérios do universo, assim como do significado e do sentido da vida”.

Verifica-se, no estudo sobre as religiões, que estas têm um núcleo em comum: todas ensinam a prática do amor e o caminhar em busca da transcendência.

Essa ideia do sagrado como uma realidade absoluta, transcendendo assim o mundo material, santifica a vida e a torna real, acreditando em sua origem sagrada e acolhendo a transcendência, que nega a relatividade da realidade e concebe um sentido para a nossa vida (ELIADE, 2001, p. 165).

Inúmeros são os exemplos das pessoas que se encontraram com Deus e tiveram suas vidas transformadas, a partir de uma mudança interior que isso provocou. Já o filósofo e teólogo Santo Agostinho expressando esse sentimento de que só Deus pode preencher o vazio interior, escrevia: "Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração anda inquieto enquanto não repousa em Ti".

Ao comentar sobre a importância da transcendência em busca do Ser, uma vez que o ser humano é feito para o Ser, pode-se destacar a reflexão proporcionada por Boff (2000, p.23):

O desejo constitui, possivelmente, a força básica da interioridade humana. Sua dinâmica é ilimitada. Como seres desejantes, nós, humanos, não desejamos apenas isso e aquilo. Desejamos tudo e o todo. O obscuro e permanente desejo do desejo é ser em sua totalidade. Tentação permanente consiste em identificar o ser com alguma de suas manifestações, os entes. Quando isto ocorre, surge a fetichização, que é a ilusória identificação da parte com o todo, do absoluto com o relativo. O efeito é a frustração do desejo e o sentimento de irrealização. O ser humano precisa sempre cuidar e orientar seu desejo para que, ao passar pelos vários objetos de sua realização, não perca a memória bem-aventurada do único grande objeto que o faz realmente descansar: o Ser, a Totalidade e a Realidade frontal.

Constata-se, a partir dessa inquietude do ser humano em busca da transcendência, que a própria formação humano-afetiva, se desenvolvida no contexto de uma antropologia que respeite a totalidade da verdade sobre o homem, abre-se e completa-se na formação espiritual. Lembra Imoda (1996, p.64):

O ser humano é desejo necessário de felicidade, uma felicidade que pode encontrar apenas em Deus. Na realidade, o desejo humano é infinito e apenas um objeto infinito pode preencher o seu desejo. Portanto, o ser humano busca Deus sob a forma de um objeto do seu desejo de felicidade, mas pode buscar este objeto em um lugar onde não está, em um outro que não seja o Outro capaz de responder ao desejo infinito. Neste Outro, ilimitado, pode encontrar-se a si mesmo. A pessoa mistério busca, portanto, o ser subsistente e ilimitado: Deus.

Com isso, vê-se que educar numa visão holística, para Cardoso (1995, p.51) consiste em “estimular no aluno o desenvolvimento pessoal: física, intelectual, emocional e espiritual. E este, por sua vez, participa de outros planos de totalidade: o comunitário, o social, o planetário e o cósmico”.

Os educadores nos seminários devem ter presente que não se pode pensar a vivência pessoal de um futuro presbítero sem levar em conta o crescimento na vocação à qual é chamado. Estes devem ser mistagogos, termo que designa a “condução” de uma pessoa “para dentro” do “mistério”. O mistagogo, à semelhança do pedagogo, é aquele que ajuda alguém a crescer dentro da experiência pessoal de Deus, através da aquisição de uma “sabedoria misteriosa e secreta” que é loucura para o mundo, mas dom maravilhoso do Espírito para os que conhecem “as profundezas de Deus” (cf. 1Cor 2,1-15).

A questão que se levanta no contexto da moderna civilização é a seguinte: como ser mistagogo em uma cultura tão superficial, massiva, narcisista e fragmentada como a hoje existente? Com isso, os educadores dos futuros presbíteros devem, antes de tudo, saber por experiência, que não se trata apenas de “conduzir” os educandos como se eles próprios não necessitassem ser conduzidos pelo Espírito. João Paulo II, na exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis* (1992, p.171), faz um alerta quanto aos critérios de escolha dos presbíteros para desenvolverem a sua missão de educadores dos futuros presbíteros nos seminários:

Os bispos devem ser os primeiros a sentir sua grave responsabilidade na formação daqueles que serão encarregados da educação dos futuros presbíteros. Para este ministério devem ser escolhidos sacerdotes de vida exemplar e na posse de diversas qualidades: “maturidade humana e espiritual, experiência pastoral, competência profissional, estabilidade na própria vocação, capacidade de colaboração, preparação doutrinal nas ciências humanas (especialmente em Psicologia) adequadas ao cargo e o conhecimento das formas de trabalhar em grupo”.

O documento 55 da CNBB, *Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*, de forma simples e objetiva, lança o seguinte desafio para os educadores dos futuros presbíteros:

A formação espiritual deve abranger o homem inteiro. A graça não destrói, mas aperfeiçoa a natureza; por isso, ninguém pode ser verdadeiro cristão caso não possua e exerça as virtudes que convêm a um homem e são exigidas pela caridade que as anima e utiliza. Preste-se especial atenção àquelas atitudes e virtudes que são apreciadas pelo nosso povo, sobretudo pelos mais simples, de modo que o seminarista se prepare a ser um padre simples e humilde, acolhedor e fraterno (1995, p. 80-81).

Em síntese, pode-se afirmar que uma educação que contemple o horizonte do transcendente pode ajudar a fazer a passagem, como lembra Boff (2001, p.54), “da cabeça, onde está a doutrina sobre Deus, para o coração, onde se encontra a realidade viva de Deus”. Para isso é importante que o amor e a fé deixem de ser conceitos e passem a ser atitudes, a ser comportamentos; afinal, Jesus Cristo foi tão humano, tão humano que só podia ser divino.

Neste processo da construção da totalidade do ser humano, existe o pilar do aprender a conviver. Zaballa (2002, p.53) afirma que “é preciso educar para contribuir para um mundo melhor, para um desenvolvimento contínuo, para o entendimento mútuo entre os povos, para uma renovação da democracia efetivamente vivida”. No processo formativo dos futuros presbíteros, os educadores não podem fechar os olhos para a organização social que acentua o isolamento dos indivíduos, incentiva um comportamento que leva ao egoísmo e coloca as pessoas numa competição estressante. O enfraquecimento da família e a diluição da comunidade, principalmente nos centros urbanos, acentuam o isolamento e a incerteza. A modernidade tende a submeter a sociedade ao mercado e ao poder. A cultura brasileira, todavia, conservou valores que a modernidade perdeu: o sentido da festa, o prazer da convivência, a abertura ao diferente. Subsiste também a aspiração a relações comunitárias, de comunhão, fraternidade e amor mútuo, as únicas relações verdadeiramente humanas e humanizadoras. Diante desse desafio da fragmentação das relações humanas na comunidade presbiteral e com o povo, o documento da CNBB, *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil* (2010, p.160), constata que o educador tem a seguinte missão educativa:

Procure-se manter, na casa de formação, um clima de confiança e respeito mútuo, de expressão sincera de sentimento, de participação progressiva no planejamento e na disciplina da vida comunitária (CIC 239, § 3º). Ajude-se a perceber a dimensão positiva dos conflitos e a procurar a solução deles no diálogo franco e aberto. A vida da comunidade deve preparar o formando para uma vida sacerdotal sustentada pelo exercício do diálogo, pelo respeito às diferenças e pelo trabalho em equipe.

Desse modo, nessa dimensão comunitária, fica evidenciada a necessidade dos educadores sensibilizarem os seus educandos para a valorização das pessoas, de modo a reconhecer nelas o valor da sua dignidade humana. Morin (2005, p.95), ao falar sobre a importância da compreensão humana, afirma:

Esta comporta um conhecimento de sujeito a sujeito. Por conseguinte, se vejo uma criança chorando, vou compreendê-la, não por medir o grau de salinidade de suas lágrimas, mas por buscar em mim minhas aflições infantis, identificando-a comigo e identificando-me com ela. O outro não apenas é percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco, o *ego alter* que se torna *alter ego*. Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade.

Além dos pilares educacionais apresentados, — aprender a ser (dimensão humano-afetiva e dimensão espiritual) e aprender a conviver (dimensão comunitária) — destaca-se também o aprender a conhecer e o aprender a pensar (dimensão intelectual ou cognitiva).

Morin (2000, p.21), ao apresentar a finalidade do ensino, afirma:

O significado de “uma cabeça bem cheia” é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. “Uma cabeça bem-feita” significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido.

Constata-se, à luz desse questionamento proporcionado por Morin, uma crítica a um modelo educativo de uma cultura patriarcal, tradicional, em que os formandos se sentem submetidos à imposição de fora. É comum o uso da palavra “formar” os educandos, que não deixa de ser uma das conseqüências dessa cultura tradicional. Atualmente, luta-se para que os educandos procurem formar-se. Para isso, seria necessário recorrer à imagem socrática da “maiêutica”. Afirma Queiruga (1995, p.113):

A significação básica da ‘maiêutica’ está expressa no Teeteto [148 A-151] com o estilo inigualável do diálogo socrático. Sócrates, filho de parteira (maia), afirma praticar a mesma arte de sua mãe: a maiêutica (maieutiké techne). Mediante sua palavra, traz à luz – ajuda a gerar – o que estava dentro do interlocutor. Como no caso famoso de Menon (80 D-86D), em que o escravo, graças às perguntas de Sócrates, consegue ‘descobrir a geometria’, a maiêutica faz o interlocutor descobrir, engendrar ou dar à luz a verdade que ele traz em si mesmo.

Com isso, através do método da maiêutica socrática, verifica-se que, se aplicada no processo de ensino e aprendizagem, já será o germe da arte de formar-se. Através da maiêutica socrática o educador faz aflorar as potencialidades presentes em cada educando. O educando deve ser o protagonista e o educador, respeitando a singularidade

de cada educando, deve incentivar para que este tenha motivação para assumir esse duro parto de si mesmo.

Os documentos da Igreja demonstram a importância da dimensão intelectual, visando o conhecer e o pensar, no processo formativo dos futuros presbíteros. Como as demais dimensões, a formação intelectual orienta-se a formar pastores do Povo de Deus, a exemplo de Jesus Cristo. A esta altura precisa-se citar na íntegra uma passagem da exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis* do papa João Paulo II:

A formação intelectual, embora possua a sua especificidade, liga-se profundamente com a formação humana e espiritual, a ponto de constituir uma sua expressão necessária: configura-se efetivamente como uma exigência irremediável da inteligência pela qual o homem participa da luz inteligência de Deus e procura adquirir uma sabedoria que, por sua vez, se abre e orienta para o conhecimento e a adesão a Deus (1992, p.138).

Neste processo do conhecer e pensar que busca não um acúmulo de conhecimentos soltos, mas inseridos em conjuntos, formando um pensamento sistêmico, bem como que trabalha com o movimento da análise e da síntese, a Igreja apresenta a importância não só da filosofia, mas também das chamadas ciências do homem como a Sociologia, a Psicologia, a Pedagogia, entre outras. Percebe-se nos documentos eclesiais o carinho com que a hierarquia da Igreja Católica considera a formação intelectual e em particular a formação filosófica. Segundo João Paulo II no documento *Pastores Dabo Vobis*:

A Filosofia ajuda o imensamente o candidato a enriquecer a sua formação intelectual com o “culto da verdade”, isto é, uma espécie de veneração amorosa pela verdade, que leva a reconhecer que esta não é criada e medida pelo homem, mas é confiada ao homem com dom da Verdade suprema, Deus; que, mesmo com limites e por vezes com dificuldade, a razão humana pode atingir a verdade objetiva e universal, inclusive aquela que diz respeito a Deus e no sentido radical da existência; que a própria fé não pode prescindir da razão e do afã de “pensar” os seus conteúdos, como testemunhava a grande mente de Agostinho: “Desejei ver com a inteligência o que acreditei, e muito tive de discutir e esforçar-me” (1992, p.141).

Nesse processo formativo, especificamente no processo do conhecer e pensar, o curso de licenciatura em filosofia com ênfase em formação eclesial visa, a partir dessa contextualização, proporcionar uma formação abrangente e visão crítica da realidade. Além da formação pedagógica, o futuro presbítero desenvolverá a compreensão dos problemas contemporâneos, em áreas como Lógica, Ética, Religião, Filosofia da

Linguagem, entre outras. O estudo da filosofia é um momento especial na formação intelectual dos seminaristas. Além disso, é necessário que o corpo docente seja coeso, procurando a interação das disciplinas do currículo, através de dias de encontros pedagógicos e de avaliação do conteúdo ensinado e do aproveitamento dos alunos.

No projeto político pedagógico propõem-se os seguintes objetivos: levar ao conhecimento aprofundado da pessoa humana, da sociedade, do mundo e de Deus; estimular a compreensão e o diálogo com as formas atuais do pensamento e, educar para a reflexão crítica com abertura aos novos conhecimentos das ciências humanas e sociais afins: antropologia, sociologia, psicologia, pedagogia, economia, política e comunicação social.

A partir dessas reflexões, pode-se dizer que o licenciado em filosofia estará apto a atuar no ambiente educativo e religioso sendo capaz de refletir sobre os temas que desafiam a sociedade atual, bem como sobre questões fundamentais para o bem estar e cidadania da sociedade.

Nessa perspectiva, o documento 47 da CNBB, *Educação Igreja e Sociedade*, faz um alerta (1992, p.16): “O processo educativo é marcado pelo pragmatismo sem uma preocupação clara com a formação integral do educando. Seus métodos e conteúdos pouco tem contribuído para a cidadania [...]” Com isso, se questiona o método avaliativo nas Instituições de Ensino Superior, especificamente no curso de filosofia: as avaliações estão ou não contribuindo eficazmente para a humanização e cidadania plenas? Afirma João Paulo II na carta encíclica *Fides Et Ratio* (2008, p. 136-137): “[...] Uma filosofia, na qual já resplandeça algo da verdade de Cristo, única resposta definitiva aos problemas do homem, será um apoio eficaz para aquela ética verdadeira e simultaneamente universal de que, hoje, a humanidade tem necessidade [...]”

Com intuito de educar holisticamente os futuros presbíteros, com uma abordagem sistêmica e o enfoque globalizador, além do aprender a ser, do aprender a conviver, do aprender a conhecer e do aprender a pensar, se destaca o aprender a fazer. Trata-se, numa linguagem eclesial, da dimensão pastoral, como lembra João Paulo II na encíclica *Pastores Dabo Vobis*:

A proposta educativa do seminário se encarrega de uma verdadeira e autêntica iniciação à sensibilidade de pastor, à assunção consciente e amadurecida das suas responsabilidades, ao hábito interior de avaliar os problemas e de estabelecer as prioridades e meios de solução, sempre na base de claras motivações de fé e segundo as exigências teológicas da própria pastoral (1992, p.153).

Vê-se, portanto, que o seminário é o lugar privilegiado para formar os futuros presbíteros da Igreja, chamados a “representar” de modo sacramental, Cristo-Mestre, Sacerdote, Cabeça e Pastor da Igreja, imitando sua atitude de serviço para com o Pai e com a humanidade. Os educadores dos futuros presbíteros, nessa dimensão pastoral, devem preparar os seminaristas para viverem num mundo complexo. O mundo é hoje complexo. Neste mundo complexo, os problemas já não são “internos” a essa ou aquela nação. Já não se sabe quem governa. Verifica-se, com grande repercussão na vida social e na ética, os jornais que trazem constantemente notícias sobre narcotráfico, o crescente poder paralelo do crime organizado, o terrorismo, o fanatismo religioso, o recurso à guerra como instrumento para a solução de tensões internacionais.

Em ambientes religiosos não faltam discursos e advertências a respeito da permissividade sexual, do relativismo ético, do desinteresse político, da corrupção em todos os níveis e do caráter imediatista e narcísico da cultura hoje vigente no mundo inteiro. Enfim, são fenômenos que, cada um à sua maneira, comprovam a existência, no mínimo, de um choque de adaptação entre o local e o universal, entre os excluídos e os incluídos, entre o que depende de nós e o que escapa totalmente ao nosso alcance.

Morin (2005, p.73) acredita que há esperança de uma política a serviço do ser humano, cuja “verdadeira transformação só poderia ocorrer com a intertransformação de todos, operando assim uma transformação global, que retroagiria sobre as transformações individuais”. Existe a possibilidade de desenvolver uma cidadania terrestre. Ao falar sobre cidadão, Morin está referindo-se àquele homem que é capaz de desenvolver um sentimento de solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria.

Diante disso, constata-se que mais do que em outras épocas, a realidade atual do mundo pede que o futuro presbítero, desde o seu processo formativo vivenciado hoje no seminário até a sua formação permanente, amanhã como presbítero, não se feche apenas no serviço interno da comunidade eclesial, mas “em nome da comunidade e do Cristo” possa também dedicar-se ao diálogo com outros segmentos da sociedade, em busca de um mundo diferente. A “quase esquizofrenia” da reflexão que manda o presbítero, como homem sagrado, restringir-se ao altar e *ad intra* e os leigos cuidarem da relação da Igreja com o mundo, nunca foi verdadeira na prática, e hoje também não é, mesmo que haja insinuações que deveria ser. Atualmente, esta forma do presbítero estar no mundo e de se relacionar com o mundo é diferente de outros tempos, não pode ser eliminada por um sonho de neo-cristandade. O presbítero se coloca no serviço do povo como testemunha do Cristo e do Reino.

Enfim, ao longo deste capítulo, verificou-se que deve haver uma interconexão entre o aprender a ser, através das dimensões humano-afetiva e espiritual; a conviver, através da dimensão comunitária; a conhecer e a pensar, através da dimensão intelectual; e o aprender a fazer, através da dimensão pastoral.

Com relação à interconexão desses saberes, são apropriadas as palavras de Morin (2001, p.549): “Não há necessariamente hierarquização dos componentes, mas a interdependência entre eles é afirmada. A globalização do conjunto, mais ainda do que sua totalidade constitui uma unidade [...]” Portanto, através desses saberes acima mencionados, a Igreja não tem outra preocupação a não ser com a formação integral dos futuros presbíteros para que estes, antes de tudo, sejam cidadãos para agir com responsabilidade social e intervir nas comunidades com dinamismo visando um mundo mais humano, mais igualitário, solidário, justo e fraterno.

### 3 AS INFLUÊNCIAS DAS TEORIAS PEDAGÓGICAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS EDUCADORES DOS FUTUROS PRESBÍTEROS

A princípio, tendo em vista que se pretende educar os futuros presbíteros de modo mais sistêmico, o presente capítulo tem por objetivo apresentar a influência das teorias pedagógicas nas ações pedagógicas dos educadores dos seminaristas. Três teorias educacionais serão apresentadas: pedagogia da essência, pedagogia da existência e a pedagogia tecnicista.

#### 3.1 OS REFLEXOS DA PEDAGOGIA DA ESSÊNCIA

Inicialmente pode-se afirmar que a Pedagogia da Essência é a mais antiga que assenta numa concepção ideal do homem, racionalista em Platão (428-347 a.C.) e cristã em São Tomás de Aquino (1225-1274). De repente, se pergunta: Por que não refletir sobre esta Pedagogia da Essência uma vez que atribui à educação a função de realizar o que o homem deve ser, como deve ser o homem? Como já é sabido, a Pedagogia da Essência tem a sua raiz na Pedagogia de Platão e na Pedagogia Cristã, como afirma Suchodolski (1992, p.28): “A grande herança do idealismo antigo e cristão constitui a base desta concepção”. A princípio, para compreender-se a proposta pedagógica de Platão é necessário que se recorra à *Alegoria da Caverna*, descrita no livro VII de *A República*, na verdade, uma alegoria usada para melhor explicar sua teoria. Conforme Aranha (1996, p.45), o Mito da Caverna pode ser assim explicado:

Segundo esse famoso relato, homens se encontram acorrentados em uma caverna desde a infância, de tal forma que, não podendo se voltar para a entrada, apenas enxergam o fundo da caverna. Aí são projetadas as sombras das coisas que passam às suas costas, onde há uma fogueira. Se um desses homens conseguisse se soltar das correntes para contemplar, à luz do dia, os verdadeiros objetos, quando regressasse para contar o que vira, não mereceria o crédito de seus antigos companheiros, que o tomariam por louco.

Lembra Aranha (1996, p.45):

O filósofo, aquele que se liberta dos grilhões, passando da opinião à ciência, tem obrigação de orientar os demais. Eis aí a dimensão política e pedagógica do “mito”,

decorrente da pergunta: “como influenciar os homens que não vêm?”. Ora, cabe ao sábio dirigi-los, sendo-lhe reservada a elevada função da ação política.

Portanto, para Platão o papel da educação é o de conduzir o homem à descoberta da pátria verdadeira e ideal. Tendo presente essa proposição, Suchodolski (1992, p.30) destaca o cristianismo como a doutrina que além de ter mantido, desenvolveu essa concepção platônica: “A verdadeira educação cumpre ligar o homem a sua verdadeira pátria, a pátria celeste, e destruir ao mesmo tempo tudo o que prende o homem à sua existência terrestre”. Com isso, percebe-se, principalmente na Idade Média com a publicação em 1599 da obra *Ratio Studiorum* pelos jesuítas, a presença de adestramento, a submissão do homem aos valores e aos dogmas tradicionais e eternos. Percebe-se que existe uma preocupação com os valores teocêntricos, bem como o estabelecimento de normas (do latim *normalis* = impõem-se as exigências para acabar com as diferenças) e de regras. A Pedagogia da Essência pode ser encontrada em muitos projetos políticos pedagógicos nas escolas e nos seminários, na prática dos educadores, delineando o perfil de educando que estes têm em suas mentes.

Pode-se apresentar como limites da Pedagogia da Essência, num primeiro momento, o olhar exacerbado para a dimensão teocêntrica em detrimento da dimensão antropocêntrica, propriamente humanos, mais terrenos. Num segundo momento, os reflexos na prática pedagógica são perceptíveis quando verificamos educadores que apresentam os conteúdos aos educandos, como prontos e acabados; aos educandos cabe obedecer sem questionar.

Para Freire (2003, p.58-61) o educando é visto como um depósito de informações, conhecimentos e fatos. Acredita-se que essa reflexão sobre a Pedagogia da Essência, em que centraliza a sua atenção, não naquilo que o homem é na realidade, mas naquilo que ele “deve ser” possa colaborar para que os educadores reflitam suas práticas pedagógicas. Diante deste contexto, tendo em vista a formação dos futuros presbíteros, os educadores precisam ter, nas casas de formação, o projeto político pedagógico, cujo objetivo é apresentar um sistema de valores que servem como modelo para a conduta dos formandos. A atualidade tem mostrado, com freqüência, o esvaziamento total de valores que para o homem pré e moderno, eram e sempre serão importantes. A pós-modernidade tem atropelado a religião, o saber e a vida. É comum ouvir aquele pensamento que é típico da juventude atual: “Pouco importa se estou certo ou errado, o que me interessa é viver”. Mas, afinal o que são os valores? Cencini e Manenti (1988, p.102) definem os valores como

sendo “ideais duradouros e abstratos que se referem tanto à conduta atual como ao objetivo final da existência”. Vê-se que os valores são fruto de uma opção livre e responsável, de algum modo adquiridos ou descobertos. Diante do processo formativo, os educadores dos futuros presbíteros devem enfatizar que os seminários são, para os valores, lugares privilegiados para internalizar melhor os valores do Reino. Deve ser lugar de transcendência. Imoda (1996, p.182), ao comentar a intervenção pedagógica ‘objetiva’, ressalta que esta,

tendo definido um objetivo no plano moral e naquele técnico e estabelecido um *dever ser* ou uma lei, conduz o sujeito para o seu *ser real*, exigindo as mudanças e adaptações necessárias e oportunas. Estendendo-se ainda uma vez à área de uma pedagogia pastoral-religiosa, este tipo de intervenção pode ser denominado “sapiencial”, na medida em que certas normas de sabedoria e certos valores apresentam-se à pessoa como ideais, um *dever ser* com que precisa se conformar.

Pode-se afirmar que o objetivo do seminário não é o fato dos seminaristas estarem juntos, e sim estarem juntos para aprofundar o discernimento vocacional e construir o Reino de Deus. O seminário é eficaz na medida em que favorece a autotranscendência, que coloca o seminarista diante dos valores livres e objetivos. Em uma palavra, o seminário é lugar de transcendência; lugar que incentiva os seminaristas para que tenham motivação que os leva a cumprir os mandamentos de Deus: “amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito e de todas as tuas forças. Eis aqui o segundo: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12, 30-31a). Constata-se que os valores objetivos são normas mais ou menos internalizadas de comportamento com que o futuro presbítero, em seu agir, respeita a “ordem real” das coisas. Um exemplo apropriado é a existência dos Dez Mandamentos da lei de Deus que só existiram porque existem os dez desejos. Nunca foi necessário um 11º mandamento exortando a “não lambar o chão”, porque os homens não querem mesmo fazê-lo.

Por entender que os valores objetivos devem ser proclamados e vividos, facilitando assim o processo de ensino e aprendizagem dos futuros presbíteros, o documento 47 da CNBB, *Educação Igreja e Sociedade*, faz o seguinte aceno:

A Lei e os mandamentos que Deus entrega ao povo no Sinai adquirem seu verdadeiro sentido na perspectiva da eleição e da Aliança de Deus. A Lei não é um valor absoluto em si mesma. Ela vale por ser manifestação da vontade amorosa e salvífica de Deus. É entrando nessa perspectiva nova que o povo aprende a se tornar povo de Deus e a viver as exigências da Aliança. (1992, p.53).

Brandão (1984, p.74-75) ao citar Allport, apresenta os valores objetivos como transcendentais e, por isso mesmo, exigem um empenho pessoal cotidiano. Os valores devem ser funcionalmente autônomos, independentes das possíveis origens menos transcendentais e egoísticas. Logo, não basta apenas conhecê-los, mas agir de maneira coerente. Os valores também produzem uma moral consistente; não têm necessidade de incerteza. “O seminarista sabe o que é e que coisa quer”. Além disso, pode-se afirmar que os valores são verticais, integrais e unidirecionais, pois na verdade, dão à vida do seminarista uma única e forte direção condutora.

Com relação à importância de apresentar os valores para os seminaristas dentro da instituição vocacional, bem como de ajudá-los na internalização dos mesmos, muito bem lembra Rulla (1987, p.476) ao citar Goethe: “se tomamos uma pessoa como ela é, nós a tornamos pior; se a tomamos como ela deveria ser, nós a ajudamos a chegar lá”.

Percebe-se a influência da Pedagogia da Essência na formação dos futuros presbíteros, quando nas instituições vocacionais, os educadores não deixam de apresentar o “eu ideal” como integrante do que a pessoa é. O conceito foi criado por psicólogos, apesar da diversidade de acepções com que é usado, para mostrar o que a pessoa ainda não é, mas quer, projeta, imagina ser. Tem a ver com o “desejo”, com os ideais e os valores com os quais alguém se identifica. Quando a vivência de tais aspirações é apenas ilusória, infantil e deslocada do real, diz-se que o eu é uma idealização, uma projeção do desejo sem correspondência objetiva com o que a pessoa ou a realidade são de fato. É o “eu idealizado” próprio da criança ou do adulto imaturo enquanto que uma pessoa integrada possui um ideal de si mais consciente. Daí as duas maneiras diferentes de lidar com os valores: uma “idealizada”, ilusória, precária em si mesma: outra mais estável, mais maleável, mais capaz de resistir às tensões e de rever os valores fundantes sempre que a realidade o exigir.

Juliatto (2009, p.205), ao falar da importância de deixar-se guiar pelos valores apresentados pelos educadores, serve-se da afirmação do cientista Albert Einstein:

A mais importante busca humana é esforçar-se pela moralidade em nossa ação. Nosso equilíbrio interno, incluindo a existência, depende disso. Somente a moralidade em nossas ações pode dar beleza e dignidade à vida. Fazer disso uma força viva e trazê-la para a consciência é talvez a tarefa principal da educação.

Dentro do processo formativo dos futuros presbíteros, cabe aos educadores jamais deixarem de apresentar os valores naturais (afiliação, altruísmo, justiça e fraternidade) e os valores transcendentais (oração, eucaristia e confissão). Sem os valores inexiste a vida humana; em especial a vida “com sentido” que caracteriza um “eu ideal” bem assimilado. Portanto, a vida do futuro presbítero deve estar centrada em valores naturais e transcendentais. Teológica e evangelicamente só se justifica quando tais valores são assumidos de maneira consciente e pessoal.

Nesse sentido, na obra *Um pequeno tratado sobre as grandes virtudes*, Comte-Sponville (2007), na orelha do livro, cita a frase do filósofo Spinoza: “É melhor ensinar as virtudes, do que condenar os vícios”.

Percebe-se, ao longo desta contextualização, a importância das instituições vocacionais como o espaço privilegiado de estímulo, por parte dos educadores, que favorecem o desenvolvimento humano-afetivo, intelectual espiritual e pastoral dos educandos, futuros presbíteros.

Portanto, partindo do pressuposto de que uma das heranças valiosas da Pedagogia da Essência é a existência dos projetos pedagógicos nas instituições. Eyng (2007) afirma que cada Instituição de Educação Superior deve elaborar o seu projeto pedagógico institucional, pois na verdade, além de sintetizar a intencionalidade e a ação da instituição educacional, o projeto político pedagógico articula o planejamento e a gestão das ações de ensino, pesquisa e extensão. É importantíssimo destacar que o projeto político pedagógico expressa qual é a postura do estabelecimento e suas decisões a respeito de determinadas convicções antropológicas, sociais, ideológicas e pedagógicas.

Pode-se afirmar que na configuração do projeto político pedagógico é importante contemplar as dimensões: ideológico-explicativa (conceitual ou teórico), contextual (realidade), operacional (prática) e avaliativa.

Ao propor uma visão globalizante, abrangendo as várias dimensões que as instituições educacionais devem contemplar na elaboração dos projetos políticos pedagógicos, Eyng (2007, p.174-201) apresenta contribuições relevantes. Faz-se um comentário sobre os vários fundamentos. Primeiramente, o fundamento **ideológico-explicativo**, que destaca que a Instituição de Educação deve definir os princípios e valores nos quais se apóia e que pretende adotar como referência para o conjunto de suas ações educativas. Nesse fundamento são expressas as ideias, a concepção teórica que irá orientar e explicar a forma de encaminhar o processo educativo na instituição. São ‘formulações-tendência’, (ANTÚNEZ, *apud* EYNG, 2007, p.174), que situam o processo

educativo em termos **ideais**. Nas instituições confessionais, nesse âmbito, deverão ser apresentados os princípios que definem e balizam a congregação ou associação religiosa a que se filiam. Num segundo momento, o fundamento **contextual**: essencial porque demonstra a importância de uma articulação da instituição com a sociedade, com as transformações ocorridas ao longo da história, pois na verdade, a educação é, antes de tudo, uma prática social. Atuar na escola equivale a atuar na sociedade. Num terceiro momento, o fundamento **operacional**, cujo objetivo é formar pessoas para a inserção, levando em conta tanto os pressupostos teóricos como os aspectos da realidade que devem convergir e orientar a prática. Neste contexto é de fundamental importância o papel do educador que deixa de ser aquele que simplesmente dá respostas, orientado pela certeza, e passa a ser aquele que cria dúvidas, faz perguntas, levando o educando a pensar e a questionar-se. Por último, o fundamento **avaliativo**, que visa ao amadurecimento e à melhora continuada do projeto pedagógico institucional, bem como a orientação do processo decisório. Portanto, o caminho é a avaliação com abordagem holística que tem como principal característica o diálogo com o contexto, buscando conhecê-lo, interpretá-lo, facilitando, com isso, as tomadas de decisão mais pertinentes.

Constata-se, à luz dessa necessidade das instituições educacionais terem o seu projeto pedagógico, visando o desenvolvimento humano-afetivo, intelectual, espiritual e pastoral dos educandos, a importância dos seminários elaborarem um projeto pedagógico específico para este desenvolvimento integral dos futuros presbíteros, tendo em vista a sua missão junto às comunidades católicas. Sobre este desafio, cabe apropriar-se das palavras da CNBB, através do documento das *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*:

Os conteúdos e as formas da obra educativa exigem que o seminário tenha uma precisa programação, isto é, um programa de vida que se caracterize, seja pela sua organicidade-idade, seja pela sua sintonia ou correspondência com o único fim que justifica a existência do seminário: a preparação dos futuros presbíteros (PDV 61). Nesta programação estejam bem definidos: a formação dos futuros presbíteros; a unidade de direção manifestada pela presença marcante do reitor e dos demais formadores; a correlação entre as grandes linhas programáticas e as regras particulares, destinadas a ordenar a vida cotidiana; a harmonia da vida em família em que se experimenta o seminário ou casa de formação, como o próprio lar; os objetivos gerais e específicos; o conteúdo formativo; o método pedagógico participativo; os recursos humanos e materiais; a distribuição dos serviços; os tempos ou ritmos temporais precisos, com o horário diário e datas celebrativas (2010, p.95).

Na sequência, o mesmo documento faz o seguinte apelo:

É necessário um projeto formativo do seminário que ofereça aos seminaristas um verdadeiro processo integral (DAP 319). No processo formativo para a vida e a missão do presbítero, os três dispositivos pedagógicos fundamentais, isto é, familiaridade da casa, sucessão do cotidiano e presença do formador recebem conteúdo, dinâmica e gradualidade adequada e permanente exercício das cinco dimensões antropológico-teológicas da formação, a saber: formação humano-afetiva, formação comunitária, formação espiritual, formação pastoral-missionária (cf.DMPB, nº 92) e formação intelectual (PDV 42). Essas dimensões da formação correspondem às exigências essenciais da identidade e missão dos presbíteros, ainda mais importante na atualidade, devendo ser definidas e integradas harmonicamente ao longo do processo formativo em um consistente projeto pessoal de vida (2010, p.143).

Ao comentar a importância da elaboração do projeto pedagógico nos seminários, Imoda (1996, p.520) alerta “que o projeto pedagógico não pode constituir uma simples “técnica”, nem uma série de respostas a perguntas pré-formuladas ou de soluções a problemas”.

Na realidade, Imoda (1996, p.521), ao tratar da eficiência e eficácia da execução do projeto pedagógico nos seminários, defende o seguinte princípio:

Precisar-se-ia, então de guias qualificados para conduzir, ou melhor, para acompanhar quem pretende começar ou retomar um caminho de desenvolvimento para dar uma resposta autêntica ao desafio proposto pela realidade de mistério. Quem confiaria em um guia que ainda não tivesse explorado e reconhecido previamente o território a ser percorrido? [...] A tarefa do guia não pode consistir somente em uma “técnica” a ser aplicada, mas deve antes propor-se como um método de encontros em que o componente cognitivo, o afetivo e o interpessoal são reconhecidos como o campo de batalha, o palco ou simplesmente o lugar do drama antropológico mais profundo da pessoa.

Vê-se, a partir destas constatações que a Igreja quer preparar, através dos formadores, os futuros presbíteros, integralmente, para sua missão. Por isto, o documento do Concílio Vaticano II em *Optatam Totius* (1997, p.303), documento que proclama a importância da formação dos futuros presbíteros, faz um aceno sobre a escolha dos superiores e dos professores:

Visto que a formação dos alunos depende de leis sábias e, sobretudo de educadores idôneos, escolham-se entre os melhores sacerdotes os superiores e os professores dos seminários, e preparem-se diligentemente com doutrina sólida, conveniente experiência pastoral e adequada formação espiritual e pedagógica.

Neste contexto, verifica-se que a Pedagogia da Essência cumpre a sua função quando traz estas contribuições para o processo de ensino aprendizagem, principalmente na formação dos futuros presbíteros, considerando a apresentação, nos projetos pedagógicos, dos valores como ideais que devem ser internalizados, sem deixar de contar com a presença do educador, como nos lembra o Livro dos Provérbios 27,17: “O ferro se aguça com o ferro, e o homem se aguça com a presença do seu próximo”.

Durante este processo de ensino aprendizagem dos futuros presbíteros, percebe-se a necessidade do outro, como afirma a CNBB no documento das *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil* (2010, p.139-140): “A pedagogia da presença visa a facilitar o crescimento da comunidade e do formando. À comunidade, possibilita evoluir em cooperação e companheirismo; ao formando, oferece ajuda para assimilar e apropriar valores e atitudes”.

Constata-se que o futuro presbítero não nasce com os valores internalizados, mas se constrói cotidianamente, modelando-se a partir da base de conteúdos objetivos que passam a fazer parte de sua identidade, até o ponto de se identificar com eles. Reencontra-se cada vez mais, não simplesmente no que é (eu real), mas no que é chamado a ser (eu ideal). Existe uma diferença fundamental entre o eu real e o eu ideal. Enquanto a energia do eu real encontra meios de exprimir-se em consonância com os conteúdos do eu ideal, o eu ideal deve ser objetivamente fundamentado e salutarmente provocador.

Percebe-se, assim, que o seminarista não pode ser o responsável pela criação de “seus” valores, justamente porque haveria o risco de ser apenas seus, expressão subjetiva de exigências particulares ou necessidades pessoais, leitura parcial, portanto incorreta, da natureza humana. Um exemplo típico são as palavras que são usadas no cotidiano: amor, autenticidade, comunhão, entre outras. Quantas vezes estas palavras são usadas de maneira subjetiva, o que cria um tumulto nos relacionamentos interpessoais. Ao passo que quando o eu ideal, herança da Pedagogia da Essência, é objetivamente fundamento nos valores evangélicos, em que amar não significa buscar a si mesmo, nem buscar gratificação pessoal, mas sim estar muito mais preocupado em amar do que ser amado, amar sem discriminação, então cada um deixa de falar a “sua” linguagem e passa a falar segundo os valores contidos na Palavra de Deus a nós revelada, única intérprete autêntica das verdadeiras exigências da natureza humana e garantia de objetividade absoluta dos ideais.

Pode-se afirmar que o eu ideal, além de ser objetivamente fundamentado, também é salutarmente provocador. Representa uma identidade a ser conquistada. Tanto nas formações em grupos quanto nos colóquios individuais, os formadores dos futuros presbíteros devem favorecer a capacidade de internalização dos valores naturais (justiça, fraternidade e prudência) e transcendentais (oração, eucaristia e palavra de Deus). Para isso, devem seguir alguns passos bem concretos, tais como: ajudar o formando a descobrir, na sua vida diária estes valores; ajudar o formando a aceitá-los não por motivo de complacência, que é típico da criança que para obter a recompensa e evitar o perigo acaba se submetendo à vontade dos pais, mas pelo que eles em realidade são; e, finalmente ajudar o formando a viver segundo estes valores.

Nesta perspectiva da Pedagogia da Essência, de apresentar o eu ideal, pode-se afirmar que o papel fundamental dos educadores consiste na transmissão dos valores, de posturas e de condutas comportamentais.

Sendo a apresentação dos valores naturais e transcendentais uma das muitas funções dos formadores, apropriadas são as palavras de Dalai Lama (2000, p.9):

Que eu me torne em todos os momentos, agora e sempre, um protetor para os desprotegidos, um guia para os que perderam o rumo, um navio para os que têm oceanos a cruzar, uma ponte para os que têm rios a atravessar, um santuário para os que estão em perigo, uma lâmpada para os que não têm luz, um refúgio para os que não têm abrigo e um servidor para todos os necessitados.

Nesse sentido, uma vez que os seminários devem visar especialmente à internalização dos valores, cabe aos formadores a missão de criarem condições organizativas e sociais que levem a um auto-controle para uma internalização.

### 3.2 OS REFLEXOS DA PEDAGOGIA DA EXISTÊNCIA

Pode-se destacar, além da Pedagogia da Essência, a Pedagogia da Existência, mais tardia, perceptível já em Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e seguidamente em Kierkegaard (1813-1855), que toma o homem tal como é e não como deveria ser. A Pedagogia da Existência irá surgir no século XVII com Rousseau cujo interesse é voltado para a vida concreta, cotidiana e verdadeira do homem. Condena a cultura, o modo de viver e os ideais do sistema feudal. Questionam-se os ideais impostos e externos ao homem e

passa-se a valorizar as experiências próprias. Questiona-se a autoridade da Igreja que dita as normas e os princípios vigentes. Essa nova visão de mundo caracterizava o racionalismo<sup>6</sup> (em oposição à fé), o antropocentrismo<sup>7</sup> (em oposição ao teocentrismo) e o individualismo<sup>8</sup> (em oposição ao coletivismo cristão). Trata-se de uma revolução pedagógica similar à copernicana. Na copernicana inverteu-se o modelo astronômico, retirando a terra do centro; já com Rousseau a centralidade dos interesses pedagógicos deve ser no aluno e não mais no professor. Surge o humanismo<sup>9</sup>, que foi um movimento intelectual que pregava a pesquisa, a crítica e a observação, em oposição ao princípio da autoridade. Os princípios da educação e a pedagogia da essência, por conseguinte, passam a ser debatidos e a partir de então novos ideais surgem que irão conceber a educação como função da vida. Suchodolski (1992, p.46) afirma: “[...] se o homem é naturalmente bom, a educação não deve ir contra o homem para formar o homem”.

Posteriormente, Suchodolski (1992, p.50) complementa: “É a partir do desenvolvimento concreto da criança, das suas necessidades e dos seus impulsos, dos seus sentimentos e dos seus pensamentos, que se forma o que ela há de vir a ser, graças ao auxílio do mestre”.

Com isso, provoca-se uma revolução na educação, pois, na sua concepção pedagógica, não é o professor que se encontra no centro do processo educativo, mas sim a criança. O fim da educação não é formar a criança de acordo com modelos, nem orientá-la para uma ação futura, mas dar-lhe condições para que resolva por si própria os seus problemas. O professor não deixa de ser uma presença no processo de ensino-aprendizagem, evitando deixar o educando no espontaneísmo<sup>10</sup>, mas é aquele que apenas é ausente nas possibilidades. O pensar do educando deve ser um processo que não vem de fora; é um desenvolvimento interno e natural. Percebe-se, portanto, que a Pedagogia da Existência põe o primado do existir sobre a essência, é a existência humana concreta e vivida. Não é possível deixar de evidenciar a afirmação de Rousseau (ROUSSEAU, *apud* MAYER, 1976, p.312):

---

<sup>6</sup> Para Aranha e Martins (1986, p.431) o racionalismo é uma doutrina filosófica moderna (séc.XVII) que admite a razão como única fonte de conhecimento válido; a superestima do poder da razão.

<sup>7</sup> Para Houaiss (2001, p.240) o antropocentrismo é uma forma de pensamento comum a certos sistemas filosóficos e crenças religiosas que atribui ao ser humano uma posição de centralidade em relação a todo o universo.

<sup>8</sup> Para Abbagnano (2000, p.554) o individualismo é toda doutrina moral ou política que atribua ao indivíduo humano um preponderante valor de fim em relação às comunidades de que faz parte.

<sup>9</sup> Para Abbagnano (2000, p.518) o humanismo é qualquer movimento filosófico que tome como fundamento a natureza humana ou os limites e interesses do homem.

<sup>10</sup> Para Abbagnano (2000, p.357), ao servir-se de Wolff, espontaneísmo é o princípio intrínseco para determinar-se a agir.

Pela ordem natural das coisas, sendo todos os homens iguais, a vocação comum a todos é serem homens; e qualquer pessoa que seja bem treinada para isso não poderá realizar mal qualquer vocação que disso dependa. Importa-me pouco saber se meu aluno se destina ao exército, à Igreja ou à advocacia. Antes que ele possa pensar em adotar a vocação de seus pais, a natureza o leva a ser um homem. O que desejo ensinar-lhe é a viver. Ao sair de minhas mãos, ele não será, admito, um magistrado, um soldado ou um sacerdote; acima de tudo, será um homem. Tudo o que um homem deve ser, ele pode ser, se necessário, tão bem quanto qualquer outra pessoa. A fortuna irá alterar em vão sua posição, pois ele sempre ocupará sua própria posição.

Na formação dos futuros presbíteros, constatou-se que a Pedagogia da Essência apresenta a importância dos educadores oferecerem um projeto pedagógico onde constem os valores que devem ser internalizados, gradativamente, pelos seminaristas. Neste caminhar em busca da transcendência, neste “ir além de”, a Pedagogia da Existência ressalta o cuidado para não negar a personalidade humana. Deve-se desenvolver a identidade individual dos seminaristas antes de servir a sociedade, o Reino de Deus. O seminário como instituição vocacional deve favorecer essa identidade dos seminaristas. Com isso, percebe-se a grande contribuição da Pedagogia da Existência: favorecer a consistência interna dos seminaristas, futuros presbíteros. Nesse sentido, Imoda (1996, p.181-182), ao comentar sobre a intervenção pedagógica “subjativa”, ressalta:

Tem-se, então, no máximo uma pedagogia fundada na “necessidade” (talvez a mais imediata) do sujeito. Tal necessidade é reconhecida, respeitada e considerada digna de satisfação na forma em que se apresenta. Uma emoção busca, por exemplo, exprimir-se como exigência de apoio, de conhecimento, de confirmação e de estimulação. Estas exigências procuram de algum modo uma “satisfação”. Ajudar a pessoa, fornecendo a satisfação buscada, corresponde – neste esquema – a uma pedagogia de tipo “expressivo” que crê na importância do valor de tal satisfação da necessidade para o desenvolvimento do sujeito, ao menos no que diz respeito à intervenção concreta. Ampliando a perspectiva para uma pedagogia pastoral-religiosa, este tipo de intervenção pode definir um modelo “sálmico” de pedagogia, na medida em que os salmos representam a situação em que se oferece à pessoa a ocasião e a possibilidade de exprimir as próprias emoções e exigências e de invocar a satisfação de uma necessidade, como se procura ou se verifica no “salmo”. Ao sujeito é dada não apenas uma ocasião, mas um instrumento de expressão e de satisfação de certas necessidades e deficiências.

Percebe-se que a Pedagogia da Existência dá importância indiscriminada ao indivíduo. Nesta perspectiva, a vida comunitária deve favorecer o desenvolvimento da pessoa, contribuindo para que cada indivíduo realize todas as suas necessidades. A comunidade funciona se tornar felizes seus membros. O valor supremo é a diferenciação da identidade dos indivíduos, o respeito da individualidade. Cada educando é tratado de

modo pessoal. Não existe homogeneidade no processo educativo. Cada educando é único, portanto diferente. Um educador quando vai trabalhar com um grupo de educandos, tem de saber incentivar cada um desses universos. No grupo há pessoas com inconsistências, tais como: com traumas, medos, inseguranças, raiva, ciúme e inveja. O grupo é complexo. A pessoa é muito mais importante que a estrutura, como lembra Freire (2003, p.66) na sua obra *Aquele Abraço. A escola*:

Escola é [...] o lugar onde se faz amigos; não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos [...] Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.

Freire (2007, p.59-60), na sua obra *Pedagogia da Autonomia*, ao comentar a importância do respeito à autonomia e à dignidade de cada educando alerta:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. É neste sentido que o professor autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licencioso rompe com a radicalidade do ser humano – a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade.

No processo de formação dos futuros presbíteros, os formadores devem estar atentos para que tanto as instituições, com a sua cultura organizacional (valores, filosofia de vida e normas), quanto a sua presença pedagógica, favoreçam sua consistência interna, ajudando-os a se construírem a si mesmos, a se doarem livremente à missão apostólica. Não se trata de gratificar as próprias necessidades, mas permitir-lhes ter uma consciência realista de si mesmos e dos valores pelos quais valha a pena "perder-se".

A educação deve favorecer a humanização, a consistência dos indivíduos. Biologicamente o indivíduo é homem ou mulher. Culturalmente, o indivíduo é humano. Rousseau (1961, p.7) afirma: "nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e que precisamos como adultos, nos é dado

pela educação”. Segundo esse preceito rousseauiano, o homem nasce duas vezes: na primeira vez para ser e na segunda para existir. Na primeira, nasce para pertencer a uma espécie; e na segunda vez, para ser humano. A humanização inicia quando a pessoa nasce e se prolonga por toda a vida. A partir desta filosofia existencialista de Rousseau, percebe-se que a Pedagogia da Existência traz como benefício o seguinte desafio para os formadores dos futuros presbíteros: auxiliar os formandos, individualmente, respeitando a autonomia de cada um deles, a mudar comportamentos, quando necessário; a sedimentar valores sempre.

Nesse processo de ensino aprendizagem dos futuros presbíteros, deve-se dar importância ao diálogo pedagógico entre formadores e formandos. É preciso estabelecer vínculos, mostrar genuíno interesse por cada formando. Os formadores devem contemplar nos projetos pedagógicos a importância dos colóquios vocacionais como sendo uma oportunidade para auxiliar, cada formando, no seu desenvolvimento intelectual, humano-afetivo-comunitário, espiritual e pastoral. Sobre esta importância do diálogo pedagógico, cabe apropriar-se das palavras do filósofo Martin Buber (BUBER, *apud* VON ZUBEN, 1974, p.69): “Não tenho ensinamentos a transmitir [...]. Tomo aquele que me ouve pela mão e o levo até a janela. Abro-a e aponto para fora. Não tenho ensinamento algum, mas conduzo um diálogo”. Vê-se, portanto, que o educador é aquele que busca criar um “espaço” de ajuda a pessoa a conhecer sua própria história, com suas forças, limites e fragilidades.

Servir-se de uma pedagogia autêntica neste processo de crescimento significa ter aprendido um método que permita ao educador intervir de maneira adequada, e ao mesmo tempo, evitar as intervenções que poderiam impedir ou prejudicar o crescimento. A técnica, porém, se revela insuficiente se separada da arte, porque somente a arte se faz intuir e captar o momento certo para cada tipo de intervenção, além disso, permite dosá-lo de acordo com a necessidade “desta” pessoa e de cada outra no decorrer do processo formativo. Isso, porque, vê no outro alguém para educar, não apenas com palavras, mas através de uma relação aberta e destinada a alcançar a comunhão com Deus, enquanto Outro e como Educador por excelência. É evidente que, neste contexto, não se pode deixar de citar as contribuições da Pedagogia de Paulo Freire (1987, p. 81), especificamente quando apresenta a importância da dialogicidade como essência da educação:

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos.

Uma vez que a prática pedagógica dos formadores dos futuros presbíteros, à luz da Pedagogia da Existência, deve ser uma prática voltada para o diálogo pedagógico, ao comentar a respeito da presença e da missão do formador nos seminários, oportunas são as palavras do documento da CNBB sobre as *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros na Igreja no Brasil*:

O estar junto gera reciprocidade, respeito mútuo e consentimentos. A transparência dos formadores estimula a lutar e romper amarras. A presença eficaz diminui o excesso de exortações coletivas e repetitivas, pois no cotidiano da vida o formador transmite perspectivas, acolhe sugestões, interpreta, conforta, apoia, estimula e corrige. Quanto mais presença, melhor se comunica clareza, solidariedade e força para agir e recomeçar sempre o processo de autoedificação (2010, p.140).

No que diz respeito a essa presença e missão do formador como aquele que não deixa de ser um facilitador do processo ensino aprendizagem, Rogers (ROGERS, apud GOULART, 2007, p.95-96) faz as seguintes considerações:

A relação pedagógica tem um caráter não-ameaçador; para tanto, deve fundamentar-se em relações interpessoais adequadas, baseadas no respeito mútuo e não no modelo de submissão do aluno ao professor, que constitui a norma do ensino convencional. Ganham especial sentido nesta relação as qualidades requeridas do facilitador – autenticidade, confiança, aceitação do outro e compreensão empática. Realça-se a iniciativa do aluno e sua capacidade de escolha. O foco da aprendizagem é dirigido a quem aprende, e não a quem ensina; o professor não fica, contudo, marginalizado; ele tem a exata medida do interesse dos alunos pelo seu trabalho, na medida em que eles são livres para participar ou estar ausentes das atividades. A avaliação deve suprir o objetivo de apreciar o rendimento escolar do aluno, assegurando, contudo, seu auto-respeito.

Percebe-se que o formador, ao atuar como um facilitador, professor, educador e pedagogo deve ser o primeiro responsável em otimizar o aprendizado dos formandos a ele confiados. Deve possuir a arte do convencimento. Para isso, Chalita (2008, p.54), na sua obra *Pedagogia da Amizade*, ao servir-se da retórica aristotélica, sugere que os educadores devem ter o éthos<sup>11</sup>, o páthos<sup>12</sup> e o logos<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> O termo éthos significa a coerência que deve haver entre discurso e ação. Portanto, ninguém pode ser um orador não sendo primeiro bom homem.

<sup>12</sup> O termo páthos significa o poder do encantamento, é a solidariedade, é o respeito pelo sentimento alheio.

<sup>13</sup> O termo logos é a razão. É o conhecimento das coisas. Todo formador que quer educar com eficiência, não precisa necessariamente saber tudo, mas os princípios e as premissas não podem deixar de estarem presentes.

Imoda (1996, p.304-305), ao comentar as “situações pedagógicas” no processo formativo dos futuros presbíteros e suas oportunidades de desenvolvimento ou riscos de bloqueio, sublinha:

Quanto ao momento da presença, a relação interpessoal propõe a empatia; quanto ao da ausência, da falta, a relação se apresenta na sua possibilidade de confrontação, de pedido ou de imposição de limite, como conflito; e em correspondência ao momento mais propriamente expressivo do desenvolvimento e de transformações, a relação interpessoal se apresenta como reconhecimento e como respeito. Cada um destes três componentes do contato interpessoal pode constituir uma série quase infinita de oportunidades de promoção do desenvolvimento, como pode se tornar também uma série de obstáculos e, em último caso, de bloqueios do desenvolvimento.

Ainda neste contexto, ao falar sobre o educador empático, apropriadas são as palavras de Chabot & Chabot (2005, p.130):

Todos aqueles que se esforçam para escutar o outro, que demonstram empatia e atenção às suas emoções, podem ser de grande assistência. O educador empático pode trazer um apoio excepcional a seus alunos. Pode ajudá-los a atravessar as dificuldades, a corrigir uma redução na motivação e a ultrapassar os bloqueios emocionais relacionados a determinadas disciplinas. O professor poderá, portanto, ajudar o aluno a superar os bloqueios emocionais nocivos ao aprendizado e a administrar as emoções que estão em causa.

Vê-se, a partir dessas considerações, que na Pedagogia da Existência, o educador dos futuros presbíteros deve ser este “amigo sábio” a quem o educando pode confiar uma dificuldade sabendo que não será julgado, mas que será apoiado e acompanhado no processo de uma busca autônoma de solução ou de transformação. O formador deve ajudar o formando a perceber de que sozinho dificilmente irá desenvolver as suas potencialidades.

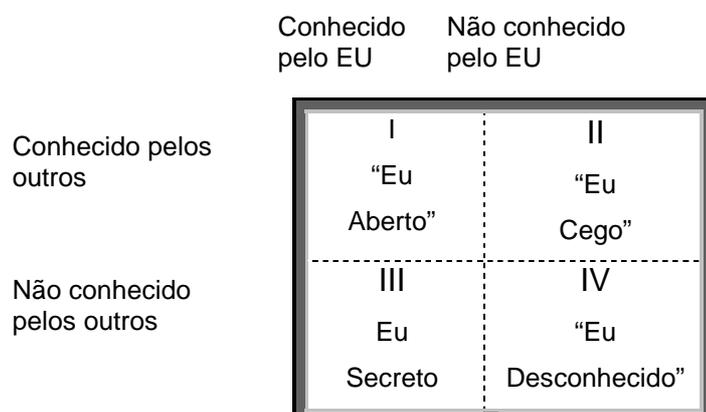
Este formador não pode ser substituído por um amigo no qual se confia e a quem são ditas todas as coisas. Não resolve a questão ou não ajuda porque, normalmente, não está no mesmo nível de maturidade. Dentro das instituições educacionais, os educadores dos futuros presbíteros devem, à luz da Pedagogia da Existência, ter a consciência de que os educandos estão num processo de discernimento vocacional. Estes estão para decidir o seu futuro.

Para isso, além de apresentar os valores contidos no projeto pedagógico, fruto da Pedagogia da Essência, os educadores devem “perder tempo” com os educandos através

dos chamados colóquios vocacionais, encontros individuais, para acompanhar a ressonância dos valores na subjetividade de cada educando.

Especificamente na formação dos futuros presbíteros, é importante que os educadores, visando um confronto entre os valores apresentados pela instituição vocacional e a ressonância no mundo subjetivo dos educandos, estimulem uma auto-avaliação do próprio seminarista, como por exemplo: fale sobre as suas conquistas; fale sobre o que você poderia ter conquistado e não conquistou; o que você, à luz dos valores humanos evangélicos, deve conquistar; se houve retrocessos, descreva as características que supostamente pensou que tinha conquistado, mas na verdade não conquistou.

A partir da importância do educador acompanhar cada educando, oferecendo oportunidades de encontros personalizados, verifica-se como instrumento valioso a competência de dar e receber feedbacks. Afirma Fritzen (1991, p.24) que “o feedback é uma forma de oferecer ajuda, é um mecanismo corretivo para o indivíduo que deseja aprender quanta afinidade existe entre sua conduta e suas intenções”. Portanto, para entender o processo de percepção de um indivíduo em relação a si mesmo e aos outros, tendo em vista a complexidade do ser humano, faz-se necessário apresentar, segundo Moscovici (1985, p.32), a Janela de Johari:



**FIGURA 1 – A JANELA DE JOHARI**

Percebe-se, à luz desta Janela de Johari, elaborada por dois psicólogos, Joseph Luft e Harry Ingham, que o maior desafio é fazer com que o EU cego, o EU secreto e o EU inconsciente diminuam e o EU aberto aumente. É evidente que hoje se dispõem de muitas técnicas de grupo que auxiliam este aumento do Eu aberto, quando se pede para uma pessoa descrever as características de outra pessoa a partir da técnica: COMECE A... PARE DE... CONTINUE A...

As experiências mostram que quando um educador sabe dar um feedback de maneira diplomática, usando dos princípios científicos, como nos lembra Fritzen (1991, p. 21): “deve ser neutro (descritivo e não avaliativo); oportuno (ver o momento ideal); solicitado (quando a própria pessoa formulou a pergunta que permite ao observador oferecer uma observação); e específico (deve-se indicar tal comportamento numa determinada situação)”, as pessoas têm uma tendência de redimensionar as suas atitudes. Uma pessoa que era “pavio curto” pode muito bem se perguntar, a partir do feedback do outro, o que a está levando a ser agressiva; uma pessoa que sempre fala mal de autoridades com quem se relaciona pode muito bem se perguntar, a partir do feedback do outro o que a está levando a ser “critiqueira” sempre com autoridades. Neste processo de dar e receber feedbacks, é importante constatar que nem sempre existe a transparência e a cristalinidade, pois na verdade, é sabido que muitas pessoas têm uma grande preocupação com a sua auto-imagem devido à sua baixa auto-estima. A auto-imagem é aquela imagem que temos de nós ou até mesmo imaginamos ter a partir daquilo que os outros dizem de nós. Por isso, muitas vezes corremos o risco de agirmos em função do medo de não sermos aceitos pelos outros, principalmente quando poderíamos corrigi-los, e acabamos nos omitindo de falar a verdade quando as pessoas, principalmente àquelas com as quais nos relacionamos na vida cotidiana, ferem os princípios básicos da vida, a harmonia, a mansidão, a felicidade. Fazendo um estudo mais aprofundado sobre o ser humano, percebe-se que nele existem características que devem ser destacadas e aquelas que devem ser aprimoradas. Por que não, de vez em quando, o educador dar um feedback para o educando, de como ele vê o educando e pedir que o educando dê um feedback de como vê o educador?

Fritzen (1991, p.21-24) afirma, detalhadamente, os princípios para receber feedbacks:

É necessário que seja Aplicável (dirige-se àquele comportamento que pode ser modificado, mediante reconhecimento do ponto falho e esforço pessoal no sentido de corrigir “o desvio”. Neutro (o feedback é antes descritivo do que avaliativo). Oportuno (geralmente é muito mais efetivo se for oferecido imediatamente depois de ocorrer a conduta). Solicitado (o feedback deve ser solicitado mais do que imposto). Objetivo (para ser benéfico, o feedback precisa assegurar: clareza de mensagem, focalização no problema, utilização de exemplos). Direto (o feedback há de ser oferecido pessoal e diretamente). Específico (este critério se opõe à noção do feedback generalizado, no qual o conteúdo da mensagem é vago e perde sua força e significado). Comprovado (solicitar à pessoa que recebe as nossas reações que repita com suas próprias palavras aquilo que lhe comunicamos, comprovando assim a mensagem recebida).

Portanto, os feedbacks não deixam de serem caminhos para um redimensionamento de comportamentos adquiridos que podem ser “desaprendidos”. O feedback, embora sendo uma técnica, pode ser uma prática que os educadores, principalmente os formadores dos futuros presbíteros, podem adotar nos atendimentos personalizados cujo objetivo é favorecer o desenvolvimento integral de cada seminarista. Conforme Rogers (ROGERS, *apud* JULIATTO 2009, p.182): “Os educadores precisam compreender que ajudar as pessoas a se tornarem pessoas é muito mais importante do que ajudá-las a tornarem-se matemáticas, políglotas ou coisa que o valha”.

### 3.3 OS REFLEXOS DA PEDAGOGIA TECNICISTA

Diferentemente das Pedagogias da Essência e da Existência que apresentam, respectivamente, a importância da vivência dos valores e o respeito pela individualidade, a Pedagogia Tecnicista é uma teoria de uma prática pedagógica que procura formar um indivíduo mecânico, acrítico, mas especializado em uma área, para o mercado de trabalho.

O tecnicismo sofreu influxos do behaviorismo de Skinner (1904-1990), onde o ser é condicionado a determinadas ações. O aluno é mero receptor e o professor transmite os conteúdos didáticos. A avaliação leva em conta somente a memorização, que exige dos alunos respostas prontas e corretas. Vale dizer que, além da teoria skinneriana, a Pedagogia Tecnicista sofreu influências da Filosofia Positivista<sup>14</sup> e a da Teoria Geral de Administração<sup>15</sup>. Segundo estas teorias, a observação e experimentação precisam ser feitas de forma ainda mais rigorosa.

Kuenzer & Machado (1984, p.30) ao falarem sobre a tecnologia educacional afirmam que a “tecnologia educacional, em seus termos mais simples, representa a racionalização do sistema de ensino em todas as suas formas e níveis, tendo em vista sua eficiência [...]”.

Saviani (2007, p.365) ao comentar sobre a Pedagogia Tecnicista, introduzida no Brasil em 1960, afirma:

---

<sup>14</sup> Para Abbagnano (2000, p.776) a filosofia positivista foi adotada por Augusto Comte que consiste na romantização da ciência, sua devoção como único guia da vida individual e social do homem, único conhecimento, única moral, única religião possível.

<sup>15</sup> Para Kuenzer & Machado (1984, p.30) essa teoria surge tendo como preocupação central o controle do processo produtivo, necessidade gerada pelo desenvolvimento capitalista, que, introduzindo novas relações de produção a partir da compra e venda de força de trabalho, transfere o controle realizado internamente pelo produtor, a uma instância superior a ele: a da gerência.

Com o advento do regime militar, o lema positivista “Ordem e Progresso” inscrito na bandeira do Brasil metamorfoseou-se em ‘segurança e desenvolvimento’. Guiando-se por esse lema, o grande objetivo perseguido pelo governo dito revolucionário era o desenvolvimento econômico com segurança. Diante desse objetivo, a baixa produtividade do sistema de ensino, identificada no reduzido índice de atendimento da população em idade escolar e nos altos índices de evasão e repetência, era um entrave que necessitava ser removido. A adoção do modelo econômico associado-dependente, a um tempo conseqüência e reforço da presença das empresas internacionais, estreitou os laços do Brasil com os Estados Unidos. Com a entrada dessas empresas importava-se também o modelo organizacional que as presidia. E a demanda da preparação da mão-de-obra para essas mesmas empresas associada à meta de elevação geral da produtividade do sistema escolar levou à adoção daquele modelo organizacional na educação. Difundiram-se então, idéias relacionadas à organização nacional do trabalho (taylorismo, fordismo) que, no campo educacional, configuram uma orientação pedagógica que podemos sintetizar na expressão “pedagogia tecnicista”.

Portanto, o então Estado Revolucionário assume uma postura de “desenvolvimento econômico com segurança”, que era o carro-chefe da ideologia do regime militar, exigindo do sistema escolar o que chamam de produtividade. Aproveitando-se de alguns índices desfavoráveis, como o grande número de evasão e repetência, o poder militar e alguns intelectuais, representantes dos interesses oficiais da época, acabam responsabilizando também o sistema escolar pela baixa qualificação da mão-de-obra em nosso país, pela desigualdade de distribuição de renda e pelo despreparo do povo em questões políticas.

Para aprofundar os pressupostos teóricos que fundamentam a Pedagogia Tecnicista, destaca-se o behaviorismo, pois na verdade, dentre as teorias da aprendizagem foi aquela que mais ofereceu subsídios ao modelo tecnológico de educação. Este movimento psicológico preocupa-se em explicar os comportamentos observáveis dos educandos, desprezando a análise de outros aspectos, tais como: o raciocínio, o desejo, a imaginação, os sentimentos e a fantasia. Defende-se a necessidade de medir, comparar, testar, experimentar e controlar o comportamento e desenvolvimento do educando e sua aprendizagem, objetivando com isso, controlar o comportamento do educando.

Neste sentido, afirma Aranha (1996, p.183):

Começa então a se esboçar a tendência tecnicista, de influência norte-americana, cuja proposta consiste em: planejamento e organização racional da atividade pedagógica; operacionalização dos objetivos; parcelamento do trabalho, com a especialização das funções; incentivo à utilização de várias técnicas e instrumentos, como instrução programada, ensino por computador, máquinas de ensinar, telensino, procurando tornar a aprendizagem “mais objetiva”.

Segundo Kuenzer & Machado (1984, p.49) o que se propõe,

é uma modelização dos alunos, para o que concorre toda a 'nova pedagogia' com seus sistemas de tecnologia sofisticada, que substituem a pedagogia tradicional; a motivação aparece como fundamental, para despertar o aluno para o novo modelo de comportamento que deverá ser assimilado consciente ou inconscientemente; para mantê-la, os objetivos são fragmentados, taylorizados, possibilitando o avanço de cada aluno segundo seu ritmo [...] procura reduzir ao mínimo as relações interpessoais... o aluno deixa de relacionar com o professor para se relacionar com o recurso tecnológico [...].

Constata-se que a idéia básica subentendida na tecnologia é que o comportamento é modelado e mantido por suas conseqüências. Com isso, a função do modificador, que seria o educador, o professor, o formador consiste em estruturar o ambiente do organismo de modo que ele emita o comportamento adequado e desejável.

Diante dessa abordagem skinneriana que apresenta a descrição mecanicista de homem, ser considerado passivo e cujo comportamento é totalmente explicável segundo um modelo simplista de causa e efeito, percebe-se que o comportamento social humano é regulado por normas de conduta e expectativas mútuas dos inter-atuantes. Não se pode negar que os seres humanos, quando vivem em grupos, são admirados quando praticam atos que correspondem à expectativa dos outros e deixam de sê-lo quando seus comportamentos escapam ao modelo estabelecido pela cultura organizacional de uma determinada instituição.

Neste contexto pode-se afirmar que, embora a Pedagogia Tecnicista tenha os seus limites, uma das heranças dessa pedagogia na formação dos futuros presbíteros é a importância do controle através da disciplina que se estabelece nas casas de formação. O importante é que cada seminarista cumpra os papéis que lhe são atribuídos pela autoridade legítima que, nesse caso, seria o formador. Cada formando deve respeitar e realizar o que dele se espera. Portanto, neste modelo tecnicista, a comunidade é vista sob a perspectiva das atitudes.

É comum, nos tempos atuais, quando se ouve falar em disciplina logo as pessoas imaginam estruturas militares rigorosas que amedrontam. No entanto, disciplina é a ordem que convém ao funcionamento regular de uma determinada instituição, observação de preceitos ou normas.

Com relação à necessidade da disciplina nas casas de formação, recomenda o documento da CNBB *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil* (2010, p.95-96):

Além da programação, variável a cada ano, sejam elaboradas diretrizes de ação pedagógica e normas disciplinares, que gozem de mais longa duração. A propósito, orienta a *Ratio Fundamentalis*: “Tenha o seminário normas próprias em todos os aspectos de vida, através das quais se determinem os diversos deveres e atividades dos alunos ao longo de cada dia e de todo o ano” (RFIS 15). E mais explicitamente: “Tenha cada seminário um regulamento disciplinar aprovado pelo bispo (ou, se se trata de um seminário interdiocesano, pelos bispos interessados), em que estejam indicados os pontos principais da disciplina, que se referem à vida diária dos alunos e à ordem de todo o centro” (RFIS 25).

No processo da formação dos futuros presbíteros, os formadores devem educar os seus formandos para a liberdade e a responsabilidade. A educação está a serviço da liberdade. Ela é libertadora porque considera o educando como sujeito do seu próprio desenvolvimento, em comunidade, mas, também, enquanto visa a plena liberdade do educando como pessoa.

Ao falar sobre a importância da educação para a liberdade e para a responsabilidade, o documento 47 da CNBB, *Educação, Igreja e Sociedade* (1992, p.39-40) constata:

Na raiz dessa responsabilidade pela qualidade de sua vida e de sua história está a liberdade do ser humano. Liberdade de escolher não tanto entre fazer isso e aquilo, mas principalmente a liberdade pessoal de agir em conformidade com sua consciência, iluminada pelos valores objetivos de uma vida humana, numa ação em que se realiza plenamente como pessoa. A educação está a serviço da liberdade. Ela é libertadora não só no sentido de que considera o educando como sujeito do seu próprio desenvolvimento (Medellín), em comunidade (Puebla), mas, também enquanto visa a plena liberdade do educando como pessoa. Seu objetivo é o de ajudá-lo a libertar-se dos condicionamentos e dominações que dificultam seu desabrochar efetivo e a assumir, como sujeito, seu crescimento pessoal.

Para isso, é importante que os formadores observem atentamente os seus formandos nas suas atitudes no cotidiano da vida comunitária. Daí a necessidade dos formadores conhecerem as diversas maneiras de agir do formando no cotidiano das casas formativas.

Numa tentativa de aprofundar a reflexão sobre essas maneiras diversificadas de comportamento, valiosas podem ser as contribuições de Cencini & Manenti (1988, p.350-363). Ambos afirmam que as pessoas podem adotar os seguintes comportamentos: Primeiramente, existem os indivíduos que podem agir por complacência e se colocam em relação com o grupo social em termos de recompensa ou punição. São os indivíduos que agem motivados pelo desejo de receber recompensa ou de evitar a punição do grupo, sem

convicção nos conteúdos de sua ação. Um segundo tipo de comportamento é aquele por identificação. A pessoa adota este comportamento para manter uma relação gratificante com outra pessoa ou grupo. E outro tipo de comportamento é por internalização. Através deste comportamento o indivíduo adota um modo de pensar e de agir conforme o seu sistema fundamental de valores. Neste comportamento, o indivíduo é motivado por esta avaliação interior do que por pressões sociais de complacência ou identificação com o grupo.

Percebe-se, a partir dessas considerações, que o educador dos futuros presbíteros pode se perguntar: Os meus formandos agem por complacência? Por identificação? Por internalização? São perguntas oportunas nesse processo de ensino aprendizagem dos futuros presbíteros. É evidente que, num primeiro momento, os educadores devem conhecer muito bem essas fases do desenvolvimento.

Diante disso, constata-se a necessidade de formadores que tenham um olhar aquilino sobre os formandos a eles confiados. O ideal é ajudá-los a terem atitudes, dentro das casas de formação, não visando a busca de recompensas e evitando perigos mas, sim fazendo seus os valores e comportamentos sugeridos, porque percebem a validade intrínseca e descobrem-os coerentes com o próprio sistema de valores. Internalizar significa introduzir alguma coisa no interior do próprio ser, fazê-la própria, reconhecer-lhe a identidade pessoal. Portanto, as atitudes, na vivência dos futuros presbíteros, devem ser coerentes com os valores proclamados que foram apresentados pela instituição vocacional da qual fazem parte.

O documento 47 da CNBB, *Educação, Igreja e Sociedade* (1992, p.16) questiona o processo educativo:

O processo educativo é marcado pelo pragmatismo sem uma preocupação clara com a formação integral do educando. Seus métodos e conteúdos pouco têm contribuído para o exercício da cidadania, entendida como a participação consciente e ativa de todos no processo solidário de convivência e trabalho que visem ao encaminhamento de soluções para o bem comum.

Tendo em vista que os formandos, quando ingressam nos seminários com a sua especificidade que deve ser respeitada, conforme o estudo da Pedagogia da Existência, os formadores devem ter muita “paciência história” com os mesmos. Deve-se ter presente que os formandos não são perfeitos, bem como não são imperfeitos, mas sim, perfectíveis,

como afirmou o Concílio Vaticano II, através da constituição pastoral *Gaudium Et Spes* (1997, p.549):

Na verdade, os desequilíbrios de que sofre o mundo hodierno estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem. Porque no íntimo do próprio homem muitos elementos se combatem. Enquanto, por um lado, ele se experimenta, como criatura que é, multiplamente limitado, por outro sente-se ilimitado nos seus desejos, e chamado a uma vida superior. Atraído por muitas solicitações, vê-se obrigado a escolher entre elas e a renunciar a algumas. Mais ainda, fraco e pecador, faz muitas vezes aquilo que não quer e não realiza o que desejaria fazer. Sofre assim em si mesmo da divisão, da qual tantas e tão grandes discórdias se originam para a sociedade.

Vê-se que os seminários, com a sua função de ajudar os seminaristas no seu processo de discernimento, devem contar com educadores, com professores que dêem uma atenção especial aos seus formandos. Quantos obstáculos podem estar presentes na vida dos formandos, como afirma o documento da CNBB *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja do Brasil* (2010, p.70):

A excessiva dependência afetiva; a agressividade desproporcionada; a insuficiente capacidade de ser fiel aos empenhos assumidos e de estabelecer relacionamentos serenos de abertura, confiança e colaboração fraterna e com a autoridade; a identidade sexual confusa ou não ainda definida.

Cabe ao formador, com a sua pedagogia, “ser firme nos princípios e suave com os seus formandos”. O controle do comportamento, herança da Pedagogia Tecnicista, não pode ser livre de valores. Na vida cotidiana das casas de formação, os formadores dos futuros presbíteros, sempre devem estar atentos ao comportamento manifesto dos formandos, para que assim, possam confrontar os comportamentos deles com os valores objetivos apresentados no projeto pedagógico da instituição vocacional.

Sobre este desafio, cabe apropriar-se da síntese do documento da CNBB *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja do Brasil* (2010, p.72):

Deve haver um cuidadoso discernimento vocacional, atento à dinâmica e à estrutura da personalidade, às vezes com áreas fragmentadas e traços distorcidos, em geral silenciados, porque não tão facilmente visíveis. Seja considerado igualmente o descompasso entre as motivações declaradas e suas motivações inconsistentes, tais como: fuga de compromissos estáveis com o casamento e a família; problemas de identidade sexual; desilusões amorosas; despreparo para enfrentar a dura realidade do mundo do trabalho e do mercado; busca ilusória de segurança e bem-

estar na vida de padre; fascínio pela figura social do padre; busca de honras presumidas na função de padre.

A partir dessa realidade, embora a Pedagogia Tecnicista tenha recebido influências da filosofia positivista e do behaviorismo de Skinner que define a pedagogia como previsão e controle do comportamento, não deixa de oferecer uma importante contribuição, em termos educacionais, a partir do que os formadores observam nos seus formandos, principalmente nos momentos informais, poderão remeter à questionamentos sobre as suas posturas. Pode-se dar o seguinte exemplo: um seminarista, ao participar de uma reunião de avaliação comunitária, diante de uma discussão que se estabelece entre dois colegas, retira-se da reunião sem dar nenhuma explicação aos participantes. Com isso, a partir desse comportamento, o formador, posteriormente, questiona a atitude do seminarista, e este revela que não tem nenhuma tolerância quando presencia discussões entre as pessoas. O formador pergunta se isto lembra alguma situação da sua vida no passado. O formando responde que, quando era criança, diante da discussão dos pais, procurava se esconder debaixo da sua cama para não continuar presenciando a discussão entre eles. O formador, com a sua pedagogia, pergunta: E amanhã, como presbítero, seja como pároco de uma paróquia ou formador de um seminário, diante da discussão das pessoas vai também se retirar da reunião? Este é um exemplo, diante de tantos que poderiam ser dados, que ajuda a refletir a importância dos formadores observarem o comportamento dos formandos e ajudá-los a questionar quando estes não estão em conformidade com os valores que professam.

Neste sentido, percebe-se que, a partir do comportamento dos formandos, os formadores podem ajudá-los a reconhecer suas próprias emoções e a expressá-las. Chabot & Chabot (2005, p.99), na sua obra *Pedagogia Emocional*, constatam a necessidade de distinguirem cinco componentes particulares de cada emoção:

Expressões não verbais (faciais e corporais): as sobrancelhas arqueadas, a mandíbula retesada, os ombros arqueados, os olhos esbugalhados etc. Mudanças fisiológicas, como uma aceleração do ritmo cardíaco, uma elevação da tensão arterial e da transpiração, a boca seca, as tensões musculares etc. Comportamentos ditos “adaptativos”, como a aproximação ou o distanciamento, a fuga ou a luta, a ternura ou a agressão etc. Raciocínio, ao qual damos também o nome de “avaliações cognitivas”, diante da situação vivida. Este raciocínio consiste em perceber o que acontece à sua volta, identificar alguma espécie de risco, determinar se o que está acontecendo corresponde a nossas crenças ou valores etc. Na realidade, trata-se de todo o monólogo interior que mantemos conosco diante de uma situação que gera emoções. Sentimentos afetivos, que consistem em identificar e classificar a emoção experimentada.

No processo de ensino aprendizagem dos futuros presbíteros, no que diz respeito ao controle dessa mesma aprendizagem, uma das atitudes que se requer do educador, do professor, do formador é a resiliência pedagógica. Do ponto de vista da engenharia e da física, a resiliência é definida como a capacidade de um corpo físico superar uma pressão voltando ao seu estado original sem ser alterado. Nas ciências humanas, resilientes são aquelas pessoas, que diante dos conflitos intrapsíquicos ou interpessoais, conseguem se saírem bem. São aquelas pessoas que não se deixam abater por pressões e frustrações. Às vezes pode acontecer que, um formador dos futuros presbíteros, não seja resiliente com o comportamento manifesto de um determinado formando quando este contradiz os valores proclamados pela instituição vocacional. Eis a missão do formador resiliente dos futuros presbíteros: não basta ser tolerante com certos comportamentos incoerentes dos seus formandos, mas deve criar condições para que os seus seminaristas sintam-se realizados nas casas de formação. Pode-se aplicar nas casas de formação, a filosofia de Koshiro Otani, apresentada por Araújo (2005, p.2) ao falar das empresas:

É preciso que os funcionários estejam felizes no desempenho de suas funções. A felicidade é diretamente proporcional ao respeito que a empresa dedica à dignidade dos seus colaboradores. Em outras palavras, organizações que em sua essência, desconsideram a dignidade dos seus funcionários, jamais terão pessoas resilientes em seu quadro.

Portanto, ao mesmo tempo em que o formador deve ser resiliente, deve ajudar os formandos, a ele confiados, também a sê-lo. Daí a importância dos formadores serem um referencial positivo. Complementa Juliatto (2009, p.137) ao citar a célebre frase de Meirieu: “Aposto que, se você se tornou professor é porque um dia ou outro, durante sua escolaridade, encontrou um professor cuja voz ainda ressoa em você”. Com isso, se o formador tiver uma postura resiliente certamente, muitos daqueles que hoje são formandos poderão alimentar o ideal de serem formadores no dia de amanhã através do testemunho dos próprios formadores.

Com isso, pode-se afirmar que, embora o ponto focal da Pedagogia Tecnicista seja a disciplina e o cumprimento das normas, não se pode negar que quando os formandos encontram formadores resilientes, a disciplina torna-se um ótimo caminho não para reprimir os instintos, mas para orientá-los, de tal modo que possam estar à disposição como forças em potencial. Ao formador dos futuros presbíteros cabe a missão de exercer a sua autoridade jamais como “fonte de ameaça”, como “meio de poder”, como “procura de

compensação afetiva”, mas sim, como convite à transcendência. Por falar em transcendência, importante são as palavras do documento 47 da CNBB, *Educação, Igreja e Sociedade* (1992, p.40):

A educação está a serviço desse “aprender”, que se radica na liberdade, passa pela libertação da pessoa e culmina na abertura a uma ordem social humanizadora. Pode-se dizer, portanto, que é através dessa abertura que o homem transcende a si mesmo e descobre o Ser Supremo que dá sentido à sua existência e, ao estabelecer com Ele uma relação vital, aprende a lhe ser fiel em todos os momentos da sua existência e de sua atividade. Daqui, a força configuradora de cultura própria da religião, e a importância decisiva que ela tem para a educação. Toda educação comporta, pois, uma educação da religiosidade. Não se pode negar à criança a possibilidade da experiência de uma realidade superior a ela mesma, decisiva para sua realização mais plena.

Nessa perspectiva do formador ser o educador que auxilia no caminho para a transcendência, é importante ter presente que podem coexistir duas avaliações por parte dos formandos: uma racional, pela qual todos estão de acordo a respeito da necessidade da presença de um guia a quem se podem confiar as suas dificuldades, as suas provações e os seus conflitos, apoiados e acompanhados no processo de uma busca autônoma de solução, e uma emotiva, na qual terão a percepção da autoridade como “fiscal”. Portanto, independentemente como o formador pode ser percebido pelos formandos, eis o desafio para os formadores: confrontar, a partir das atitudes dos formandos, os conteúdos evangélicos com o modo de viver dos mesmos.

## 4 PESQUISA DE CAMPO

A princípio, pode-se afirmar que, para a realização das entrevistas semi-estruturadas, o pesquisador elaborou um Roteiro de Entrevista. Segue, assim, o Roteiro de Entrevista que continha quatro blocos de questões, tanto para os formadores quanto para os formandos:

### ***Formadores***

- a) Como foi sua **trajetória** de formação para a função de formador? Em que momento, ou quem motivou e/ou direcionou sua escolha para a função de formador?
- b) Como você vê o **processo formativo** dos futuros presbíteros na atualidade?
- c) Quais as **dificuldades** encontradas em sua função de formador?
- d) Quais os **desafios** que você percebe na atualidade no sentido do processo formativo.

### ***Formandos***

- a) Na sua percepção, que **características** um presbítero deve ter para ser um bom formador nas casas de formação?
- b) Qual a **importância** do formador no seu processo de discernimento vocacional?
- c) Como formando, como você vê a relação **formador – formando**.
- d) Futuramente, como presbítero, você gostaria de exercer a **função** de formador em casas de formação?

O presente roteiro, elaborado de acordo com o objetivo da pesquisa, foi utilizado como um guia. Tanto as entrevistas com os formadores quanto com os formandos foram agendadas com antecedência em ambientes silenciosos. Cada entrevista durou, aproximadamente, 50 minutos. O recurso material utilizado pelo pesquisador foi um gravador que, após o registro das entrevistas nas fitas, todos os dados foram transcritos nas folhas de papel, através da digitação. Todas as entrevistas foram realizadas nos seminários localizados na região metropolitana de Curitiba.

O período das entrevistas semi-estruturadas ocorreu em novembro do ano de 2010. Todos os entrevistados se colocaram bastante receptivos, e ao final, se colocaram à disposição se, por acaso, precisasse fazer novos contatos.

Os sujeitos da pesquisa são formadores que trabalham como educadores na formação dos futuros presbíteros, nos Seminários Menor (ensino médio), propedêutico (é um tempo de preparação para os candidatos ao Seminário Maior, (aqueles que não passaram pelo Seminário Menor) e Seminário Maior (cursos de filosofia e de teologia). Para ser presbítero é preciso cursar filosofia e teologia. A maioria dos presbíteros formadores, que foram entrevistados, fez outros cursos superiores: psicologia, serviço social, bem como especializações na área do aconselhamento psicopedagógico.

Além dos formadores, também foram sujeitos da pesquisa os formandos do Seminário Maior que estão cursando filosofia e teologia. A maioria dos formandos fez o ensino fundamental em escolas públicas e o ensino médio em escolas particulares. O tempo de seminário dos formandos entrevistados varia de 4 (quatro) a 8 (oito) anos.

Nesse contexto, ao comentar sobre a importância da análise das entrevistas, Triviños (1987, p.173) destaca que a análise deve se apoiar: nos resultados alcançados dos estudos, obtidos pela aplicação dos instrumentos e leitura de documentos; na fundamentação teórica e no manejo dos conceitos-chave advindos das teorias; e, finalmente, na experiência pessoal do investigador.

#### 4.1 A TRAJETÓRIA PARA SER EDUCADOR DOS FUTUROS PRESBÍTEROS

Ao fazer a análise das respostas dos formadores entrevistados sobre a trajetória para ser formador dos futuros presbíteros, todos eles destacaram que, antes de tudo, foi a obediência ao bispo. Por isso responderam positivamente ao convite que receberam para servir à Igreja, como formadores nos seminários.

As respostas correspondem aos apelos da Igreja que necessita de formadores, conforme menciona o documento da CNBB *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*:

A casa e o cotidiano exigem a presença de todos os formadores. O reitor e demais formadores encarnam o ícone do Cristo Servo e Bom Pastor para cada formando e para a comunidade. Eles têm a missão de entregar-se ao ato de educar, estando junto dos seminaristas, pela presença qualitativa e constante (2010, p.139).

Destacam-se a seguir as respostas principais dos formadores sobre sua trajetória pedagógica:

FORMADORES	RESPOSTAS
FA	Podemos dizer que as coisas se deram de forma natural, de modo muito simples assim. Depois quanto ao momento em que fui escolhido, foi logo após o finalzinho do diaconado, antes ainda da ordem presbiteral, de tal forma que quando me ordenei já estava no seminário. Depois quanto ao direcionamento, acredito que da equipe dos formadores alguém tenha indicado ao bispo, permitindo que ele fizesse essa escolha, mas sem uma preparação específica.
FB	Interessante que a escolha de formador foi a necessidade. Inicialmente não houve uma preparação específica e preparatória como algo assim, diria científico técnico, porém sempre no processo tem os caminhos. Enquanto seminarista, pensei que poderia ser padre de paróquia ou de seminário. Tinha consciência plena, mas a trajetória ou quem tencionou este começo foi através de um convite do senhor arcebispo diante da necessidade da falta de um formador no seminário SJ.
FC	O que motivou a minha entrada no seminário para a função de formador foi um pedido do senhor arcebispo D. M.J.V.,

	<p>que, junto com a equipe de formadores e o conselho presbiteral viram em mim, um jovem recém ordenado, a possibilidade de contribuir na formação de futuros sacerdotes, função essa que desempenho desde o ano passado (2009), mas precisamente no mês de agosto, no qual vim a substituir o Pe. M.G.A que era então o atual vice-reitor.</p>
<p><b>FD</b></p>	<p>Na verdade, a missão como formador para mim já começou no tempo de formação, eu acredito, pela escolha de um projeto monográfico no curso de teologia, e esse projeto tinha um cunho também relacionado ao histórico da formação presbiteral, principalmente ao nível de Brasil. Antes do desenvolvimento desse projeto me veio também o trabalho realizado junto à Pastoral Vocacional, que tem também o objetivo do acompanhamento dos candidatos ao sacerdócio. Acredito que esses foram os dois elementos importantes que me levaram depois para a função de formador, não tanto por uma escolha minha, mas depois, por uma decisão da Igreja e pelo convite também de D. P., do arcebispo na época que, logo no final do quarto ano de teologia me disse que eu estaria, depois de ordenado, trabalhando na formação.</p>

**Quadro 1 – Título: Entrevista com Formadores – Trajetória para ser Educador**

**Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa de campo**

Constatou-se, através das respostas das entrevistas com os formadores, que existe uma busca dos mesmos pelo aprofundamento científico, como nos lembra Freire (2007, p.29) no seu livro *Pedagogia da Autonomia*:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Ao fazer um comentário sobre a importância da formação permanente dos presbíteros, principalmente àqueles que trabalham na educação dos futuros presbíteros, oportunas são as palavras do documento da CNBB *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil* (2010, p.214):

A formação inicial e a permanente devem estar integradas de tal modo que não haja ruptura entre a formação no seminário e aquela que se faz necessária durante o exercício do ministério. “Considera-se de forma distinta a formação ‘inicial’ e a formação ‘permanente’, sem nunca esquecer, no entanto, o laço profundo que as une e que deve fazer das duas um único itinerário orgânico de vida cristã e sacerdotal” (PDV 42b).

FORMADORES	RESPOSTAS
FB	<p>O que mais me ajudou foi quando fui convidado a fazer um curso em 1981 um curso para formadores em Santo Domingo, na República Dominicana. Lá durante 40 dias tive um contato mais específico com quatro dimensões fundamentais no senso de um ser humano, especificamente falando no sacerdócio ministerial, sempre tendo duas modalidades: uma, que o vocacionado vai seguir a Jesus é um grande mistério na vida, e segundo, como ele vai fazer este seguimento com objetivo específico de seguir Jesus. Lá naquele curso pude trabalhar elementos da vida espiritual, mas na parte humana comunitária que ainda era bastante um assunto bem aberto, a experiência comunitária e humana diria bem específico, depois intelectual e pastoral. humano; a ciência não sabia ainda a base constitutiva tão extraordinária. No curso específico da OSIB, nessa organização dos seminários no Brasil, tive um curso chamado Counseling, que são relações de ajuda ao qual foi essencial, ajudou em muito.</p>
FC	<p>Além dessa formação eclesial para o futuro presbítero, também acredito que contribuiu para minha escolha como formador ter feito o curso de Serviço Social antes de entrar</p>

	<p>no seminário no ano de 1997 a 2002. Embora já tenhamos a formação básica eclesial de um sacerdote, hoje o processo formativo exige de nós, padres formadores, que estejamos em constante atualização, através das publicações da Igreja precisamos buscar os dados atualizados com a realidade que nos circunda e principalmente através daquilo que nós chamamos de formação permanente, que vem através de atualizações para o sacerdócio, através de cursos, através de pós-graduações, mestrados ou doutorados. Então, essa constante formação é necessária porque é muito superficial apenas o estudo que nós temos. Hoje os desafios e dificuldades exigem de nós formadores atualizações constantes e para toda a vida.</p>
FD	<p>Fui conversar com D. P. para fazer o curso de psicologia e começar o acompanhamento para ingressar, futuramente, na escola de formadores, que eu acredito que é algo específico para a formação. E me ajudou muito nessa trajetória, pelo curso de psicologia e pela escola de formadores que também é algo específico. Desta forma acredito que é realmente necessário algo específico realmente para esse campo.</p>

**Quadro 2 – Título: Entrevista com Formadores – Formação Permanente**

**Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa de campo**

## 4.2 A IMPORTÂNCIA DE UM GUIA PEDAGÓGICO NO PROCESSO FORMATIVO

Ao perguntar sobre como os formadores percebem o processo formativo dos futuros presbíteros, a maioria salientou a importância de se ter, nas casas de formação, um guia pedagógico para facilitar o processo de ensino aprendizagem dos formandos.

FORMADORES	RESPOSTAS
FA	<p>Creio que o guia pedagógico ajuda sim! Porque propõe um caminho, e ao mesmo tempo, guarda uma experiência de vida. Ele não condensa coisa assim do nada, mas é de fato fruto de experiências de pessoas que já vivem nesse meio que já guardam um histórico. Naturalmente propõe coisas novas de modo ordenado. Isso ajuda os jovens a perseverarem na realidade que se encontram e devem se lançar. Creio que é de grande ajuda. Evidente que temos hoje um número muito grande de informações de escritos sobre a formação, mas creio que a diferença está no fato de se escolher bem determinado material e também de seguir com clareza, com constância aquilo que se propõe, demonstrando ao jovem que não se faz um caminho improvisado, mas que se faz um caminho sério, pensado, que dá segurança e dá confiança ao jovem para que ele possa prosseguir. Realmente o guia pedagógico pode fazer um grande bem.</p>
FB	<p>Existe um guia pedagógico do Paraná que foi muito importante, e houve um processo de seis, quase sete anos de estudos. Este processo é muito interessante por que ele é feito nas assembleias anuais com a presença de um formador e um formado, quase um desafio, mas é de estudar este desafio. Como que ele deu certo? O formando e o formador se debruçaram em cima de problemática maior, não só de sua comunidade, mas um todo da sociedade com</p>

	<p><b>culturas diferentes, com outras orientações. Este guia pedagógico já está em nossas mãos, ele foi efetivo.</b></p> <p><b>Quanto ao guia pedagógico, a sua grande novidade é que ele é feito a partir das experiências. No Brasil, uma felicidade imensa, claro que o guia não é apenas de uma parte pragmática, apenas de palpites, não, ele é já orientado por realidades já vividas, mas estas realidades já iluminadas pela ciência, por experiências que deram certo. O guia pedagógico não é escrito apenas em teorias, mas uma teoria já baseada na prática. Eis as duas colunas: a equipe de formadores e o guia pedagógico.</b></p>
FD	<p><b>Fazer com que realmente haja essa internalização de um projeto que eu diria, é um projeto de Igreja, é um projeto institucional, mas é um projeto pessoal e tem que assumir como um projeto pessoal.</b></p>

**Quadro 3 – Título: Entrevista com Formadores – Guia Pedagógico**

**Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa de campo**

Diante destas respostas dos formadores, percebe-se que os educadores precisam ter nas instituições vocacionais, o projeto político pedagógico que tem por objetivo apresentar um sistema de valores que serve como modelo para a conduta dos formandos. Este projeto político pedagógico não deixa de ser uma herança da Pedagogia da Essência, pois muito bem lembra Rulla (1987, p.476) ao citar Goethe: “se tomamos uma pessoa como ela é, nós a tornamos pior; se a tomamos como ela deveria ser, nós a ajudamos a chegar lá”. Os educadores dos futuros presbíteros devem enfatizar que os seminários são dedicados à formação para os valores, lugares privilegiados de transcendência e de internalização dos valores do Reino.

Ao comentar sobre a intervenção pedagógica “objetiva”, Imoda (1996, p.182) ressalta:

É a pedagogia “objetiva” que, tendo definido um objetivo no plano moral e naquele técnico estabelecido um *dever ser* ou uma lei, conduz o sujeito para o seu *ser real*, exigindo as mudanças e adaptações necessárias e oportunas. Estendendo-se ainda uma vez à área de uma pedagogia pastoral-religiosa, este tipo de intervenção pode ser denominado “sapiencial”, na medida em que certas normas de sabedoria e certos valores apresentam-se à pessoa como ideais, um *dever ser* com que precisa se conformar.

Portanto, cabe apropriar-se das palavras da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil através do documento das *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*:

Os conteúdos e as formas da obra educativa exigem que o seminário tenha uma precisa programação, isto é, um programa de vida que se caracterize, seja pela sua organicidade-unidade, seja pela sua sintonia ou correspondência com o único fim que justifica a existência do seminário: a preparação dos futuros presbíteros (PDV 61). Nesta programação estejam bem definidos: a formação dos futuros presbíteros; a unidade de direção manifestada pela presença marcante do reitor e dos demais formadores; a correlação entre as grandes linhas programáticas e as regras particulares destinadas a ordenar a vida cotidiana; a harmonia da vida em família em que se experimenta o seminário ou casa de formação, como o próprio lar; os objetivos gerais e específicos; o conteúdo formativo; o método pedagógico participativo; os recursos humanos e materiais; a distribuição dos serviços; os tempos ou ritmos temporais precisos, com o horário diário e datas celebrativas (2010, p.95).

#### 4.3 A IMPORTÂNCIA DO FORMADOR COMO O “PEDAGOGO DA PRESENÇA”

Verificou-se, no transcorrer das entrevistas, que todos os formadores ressaltaram a importância do formador ser um “pedagogo da presença”, um guia que acompanha o cotidiano de seus formandos.

O educador é, pois, aquele que busca criar “espaço” de ajuda à pessoa do formando para que este se conheça.

FORMADORES	RESPOSTAS
FA	Realmente a presença do formador vai além da presença

	<p>simplesmente corporal, embora esta presença seja extremamente necessária, supõe também uma presença de espírito, de acompanhar o formando sabendo o que acontece com ele mesmo quando ele se encontra em casa nos finais de semana, nas comunidades, em momentos de férias. O formador deve estar ciente onde está o formando e aquilo que realmente está fazendo. Enfim deve haver interação com o formando, deve haver confiança entre formador e formando. Supõe a confiança, a confiança própria e séria que deve haver entre o formando e o formador. Portanto, a interação é muito necessária. Uma presença que não pode faltar, de tal modo que o formando e o formador se encontrem durante todo o processo.</p>
FB	<p>Agora, tem o mais importante que é no nível pessoal, não tem outro processo que eu conheça a não ser aquele que você vem pontuando especificamente numa conversa pessoal, e até por isso que o meu curso de relações de ajuda e de escuta foi importante, porque nessa hora eu preciso ouvir o formando e à medida que ele vai falando, eu vou conseguindo captar o que está acontecendo no conjunto, não só naquela dificuldade que ele está apresentando, porque aquilo é muito fácil, eu posso responder, mas é escutando em vários momentos, não só quando ele quer, ou então quando ele está em situação delicada, com problemas, mas efetivamente, sistematicamente, isto é, e aqui no mínimo uma vez por mês, na minha casa este é o mínimo, só que constantemente a gente se reúne de forma direta, isto é, ao momento específico, e depois há mais dois outros momentos que são de ordem de fora do processo. Muitas vezes no momento que está acontecendo alguma coisa, então a gente senta e sai fora daquele processo, revê e depois, durante o acompanhamento personalizado, que é assim chamado, a gente tem como trabalhar.</p>

<b>FC</b>	É fundamental o formador ser esse pedagogo da presença. Para formar um ser humano e, conseqüentemente, um sacerdote; é importante estar junto em todos os momentos da casa, desde o amanhecer nas orações da manhã, na faculdade, no almoço, nos momentos informais, nos momentos de formação; esses são os momentos que nós formadores formamos os futuros sacerdotes e também criamos uma relação de confiança, nas quais podemos ajudá-los nos momentos de alegria, nos momentos de dificuldades. Por isso que a presença é fundamental. O formador tem que se fazer presente para formar e ajudar a pessoa a crescer em todas as dimensões.
<b>FD</b>	A outra frente que precisa ser trabalhada é o colóquio pessoal. É aquela conversa, pelo menos quinzenal, que aqui acontece em torno de 30, 40 minutos para escutá-los, aquele confronto pessoal com aqueles elementos que vão aparecendo tanto nas dinâmicas de grupo quanto no relacionamento que acontece entre os próprios formandos.

#### **Quadro 4 – Título: Entrevista com Formadores – “O Pedagogo da Presença”**

**Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa de campo**

É evidente que, neste contexto, não se pode deixar de citar as contribuições da Pedagogia de Freire (1987, p. 81), especificamente quando apresenta a importância da dialogicidade como essência da educação:

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos.

Neste sentido, uma vez que a prática pedagógica dos formadores dos futuros presbíteros, à luz da Pedagogia da Existência, deve ser uma prática voltada para o diálogo pedagógico, ao comentar a respeito da presença e da missão do formador nos seminários, oportunas são as palavras do documento da CNBB sobre as *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros na Igreja no Brasil*:

A pedagogia da presença visa facilitar o crescimento da comunidade e do formando. À comunidade, possibilita evoluir em cooperação e companheirismo; ao formando, oferece ajuda para assimilar e apropriar valores e atitudes. O estar junto gera reciprocidade, respeito mútuo e consentimentos. A transparência dos formadores estimula a lutar e romper amarras. A presença eficaz diminui o excesso de exortações coletivas e repetitivas, pois no cotidiano da vida o formador transmite perspectivas, acolhe sugestões, interpreta, conforta, apoia, estimula e corrige. Quanto mais presença, melhor se comunica clareza, solidariedade e força para agir e recomeçar sempre o processo de autoedificação (2010, p.139-140).

#### 4.4 A DISCIPLINA COMO INSTRUMENTO AUXILIAR DO FORMADOR

A princípio, faz-se necessário definir a disciplina como sendo o “regulamento sobre a conduta dos diversos membros de uma coletividade, imposto ou aceito democraticamente, que tem por finalidade o bem-estar dos membros e o bom andamento dos trabalhos” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p.1052).

Os formadores entrevistados, ao serem perguntados sobre os desafios e as dificuldades que enfrentam nesse processo de ensino aprendizagem nos seminários, disseram que os jovens que ingressam são oriundos de realidades diversas, a maioria trazendo consigo muitas inconsistências na fase de desenvolvimento de sua personalidade, o que abarca a sexualidade; padece as conseqüências de uma aprendizagem deficiente (sem hábitos de estudo, leitura e reflexão – dificuldades para raciocinar, ler e redigir textos); o exibicionismo (atrair as pessoas para si) que se manifesta na obtenção de aplausos e na religião como espetáculo.

FORMADORES	RESPOSTAS
FA	<p>Naturalmente vemos dificuldades, vemos jovens que vem de contextos diversos com virtudes, com grandes limites, sobretudo, a questão das famílias desestruturadas, que geram grandes dificuldades para a pessoa naturalmente para o seu desenvolvimento; depois, a dimensão intelectual com grandes limites, grandes falhas, às vezes o jovem não consegue se desenvolver nesse processo ou se desenvolve, mas de um modo mais lento e com certeza exige um pouco mais dos formadores. Depois, o mundo atual também traz uma série de dificuldades quanto ao hedonismo, no sentido de se ter uma vida mais fácil, de momentos de prazer e de lazer. Momentos que não exigem grandes sacrifícios. Criar uma mentalidade um pouco mais mística no sentido de assumir uma vida mais sacrificada é difícil.</p> <p>O jovem que ingressa nas casas de formação, às vezes, vem de uma realidade eclesial, mas às vezes não. Às vezes ele vem de experiências diversas do mundo com uma fé um tanto imatura, e a formação como sabemos é exigente. Quando a formação começa a agir, o jovem passa por mudanças, por questionamentos. Às vezes estes questionamentos são grandes e em alguns casos ocorre à saída do jovem da casa de formação e em outros casos ele supera estas dificuldades.</p>
FB	<p>Primeiro no processo humano é quem vem às nossas casas de formação, que é aquele que nós chamamos de formando; seminarista, e, naturalmente de forma ampla, todos eles vem de um processo de muita inconsistência, de muita fragilidade, com muitas feridas e essas inconsistências e fragilidades são providas de sua estruturação inicial, ainda como filho lá de uma família, a família com dificuldades e desafios, muitas vezes criados pela mãe, não tendo contato mais solene com o pai. Ou então, se tem, caracteriza como um desafio de inconsistência, ou até mais, maior, de resistência, e que você processa difíceis para o padre futuramente.</p> <p>A grande reclamação nos últimos 20 anos, é que o padre não</p>

	<p>consegue falar teologicamente. Ele fala muito superficialmente. Eu acredito que a preparação intelectual é uma dificuldade do dia-a-dia. Agora, o susto maior é que o formando está dentro de um processo onde ele não vê que isso é importante, por enquanto. E dentro desse processo a dificuldade maior era de âmbito de disciplina. Eu ainda não descobri exatamente como trabalhar isto, mas há uma dificuldade de que os estudos tenham uma disciplina, isto é, dedicar tempo específico. Terceiro, no âmbito espiritual, vejo que é muito interessante essa dificuldade, porque incrivelmente o formando quer buscar uma mística mais profunda. Ele não aceita mais a superficialidade. Ele é superficial, ele resiste ao apelo, mas se o processo formativo não lhe oferecer algo mais consistente ele não vai aceitar e ele vai ser um crítico e ele vai pedir, portanto, mais profundidade. Nós chamamos isso no âmbito espiritual de mística, mística mais profunda. Ele quer achar uma motivação mais profunda para o exercício de seu ministério. E quando ele acha, ele se torna maravilhoso, ele é o motivador extraordinário. Então três dificuldades entre tantas, eu diria, no processo humano seria a fragilidade; no processo intelectual, um estudo mais disciplinado; e, no processo espiritual é a busca mais profunda, e ela já é verdadeira, isso já é sentido: o ser humano formando quer aprofundar na mística.</p>
FC	<p>O maior desafio que nós formadores hoje encontramos, diz respeito à estrutura dos seminaristas que chegam nos seminários. Hoje os seminaristas vêm de realidades diferentes, de famílias nem sempre estruturadas, vêm de realidades educacionais diferentes, vêm de paróquias diferentes, e toda essa diversidade cultural, social, religiosa e humano-afetiva exige do formador que ele esteja sempre atento a tudo isso. E essas diferenças são o nosso maior desafio porque nós precisamos ter instrumentos e conhecimentos para trabalhar com todas elas e ajudar esses seminaristas a crescerem nas dimensões mencionadas já anteriormente. Então, na minha visão, o maior desafio é este: conciliar diversas realidades e dessas</p>

	<p>realidades, formar um ser humano e formar um sacerdote que esteja disposto a doar sua vida pelo Reino de Deus.</p> <p>Eu vejo que o processo formativo dos futuros presbíteros na atualidade engloba tudo aquilo que um bom padre do futuro, à imagem de Cristo Bom Pastor, precisa ter: uma formação adequada na parte intelectual, que responda àquilo que a sociedade e a própria Igreja exige de um padre, também corresponde e ajuda o futuro presbítero a ser o Bom Pastor através da dimensão pastoral, sabendo dialogar com o contexto eclesial-pastoral da nossa Igreja, assim como também auxilia o futuro presbítero sabendo trabalhar com a sua parte afetiva através da dimensão humano-afetiva. E por fim, o atual processo formativo ajuda o futuro presbítero também na dimensão comunitária, estar se relacionando com o próximo e estar aí sendo esse elo de ligação na comunidade, por isso vejo que o processo formativo é bem total, ele trabalha de forma integrada e é um projeto que constantemente é revisto, é atualizado para que cada vez mais possamos dar respostas à sociedade, à Igreja, e formando bem os futuros presbíteros que assim possam desempenhar a sua função à imagem de Cristo Bom Pastor.</p>
FD	<p>Trabalhando agora mais especificamente com os que entram no seminário, logo dá pra perceber, e com uma forte e grande ajuda da psicologia, de um conhecimento pessoal, percebe-se que eles chegam com muitos anseios e muitas coisas que são marcas do mundo. Essas marcas do mundo que estão nos jovens que ingressam hoje, nos seminários, precisam ser trabalhadas. Marcas que poderíamos aqui citar a questão do consumismo, a questão mesmo dos meios de comunicação, às vezes o uso até inadequado e exagerado dos meios de comunicação, a questão do hedonismo. Na verdade existem marcas que vêm com os jovens e precisam ser trabalhadas, por isso que são desafiadoras, porque o mundo hoje é desafiador e às vezes pensa que o seminário é um ambiente onde essas coisas e situações não são trabalhadas e precisam ser</p>

trabalhadas desde o início do processo e ao longo de todo o processo formativo. Porque não tem como dizer que existe uma formatura final para isso. Tem um início o processo inicial que nós damos aqui e sabemos que esse processo se delonga depois da formação.

Acredito que existem várias frentes que são feitas no seminário, desde o tempo que trabalhei na vice reitoria da filosofia e agora tenho sentido mais de perto e na “pele” a questão realmente da formação aqui no seminário propedêutico, vejo que um dos aspectos que pode, que ajuda bastante é a presença, diria, presença constante junto ao ambiente formativo, como formador. Então, a percepção nos momentos informais, a pontuação também depois de aspectos percebidos, aqueles momentos informais do formando. Os momentos informais que me refiro são no sentido, às vezes, de um lazer, de uma refeição que pode ser um pouco mais delongada, no sentido de um diálogo, então, esse é um aspecto que pode ser um elemento que um formador precisa ter para perceber também o seu formando.

#### **Quadro 5 – Título: Entrevista com Formadores – A Importância da Disciplina**

**Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa de campo**

Com relação à necessidade da disciplina nas casas de formação, recomenda o documento da CNBB *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil* (2010, p.95-96):

Além da programação, variável a cada ano, sejam elaboradas diretrizes de ação pedagógica e normas disciplinares, que gozem de mais longa duração. A propósito, orienta a *Ratio Fundamentalis*: “Tenha o seminário normas próprias em todos os aspectos de vida, através das quais se determinem os diversos deveres e atividades dos alunos ao longo de cada dia e de todo o ano” (RFIS 15). E mais explicitamente: “Tenha cada seminário um regulamento disciplinar aprovado pelo bispo (ou, se se trata de um seminário interdiocesano, pelos bispos interessados), em que estejam indicados os pontos principais da disciplina, que se referem à vida diária dos alunos e à ordem de todo o centro” (RFIS 25).

A partir dessas respostas dos formadores, percebe-se a necessidade dos formandos terem uma disciplina quanto ao cumprimento das normas estabelecidas nas instituições vocacionais, tendo em vista a dimensão intelectual (estudos), a humano-afetiva (relacionamentos intrapsíquicos), a espiritual, a comunitária (relacionamentos interpessoais) e, finalmente, a pastoral.

É comum, nos tempos atuais, quando se ouve falar em disciplina logo as pessoas imaginam estruturas militares rigorosas que amedrontam. No entanto, disciplina é a ordem que convém ao funcionamento regular de uma determinada instituição, observação de preceitos ou normas.

#### 4.5 A AÇÃO PEDAGÓGICA DO FORMADOR COMO “GUIA DE REFERÊNCIA”

Os formandos entrevistados, ao serem perguntados sobre as características que um presbítero deve ter para ser um bom formador nas casas de formação, disseram, na sua maioria, que deve ser uma pessoa equilibrada em todas as dimensões (humano-afetiva, intelectual, comunitária, espiritual e pastoral).

FORMANDOS	RESPOSTAS
FdoA	<p><b>Não adianta um formador que não tenha vontade de trabalhar dentro de sua função. Essa questão de serviço, não com autoritarismo, com questões assim que para “aparecer” ou como status, mas sim como um serviço dentro, da Igreja, como qualquer outro trabalho que um padre pode desempenhar. Deve ser equilibrado então em todos os sentidos, estar de bem consigo mesmo e ter também a capacidade de lidar com os conflitos nas relações também entre as pessoas, entre os seminaristas, entre os próprios colegas na função de formador. Maduro suficiente para estar à frente nessa responsabilidade de</b></p>

	<p>“cuidar”. O formador apresenta uma imagem de pai para o seminarista. Não no sentido de que ele deve ser paternalista, ficar ali, mas equilibrar entre, digamos assim, não ser indiferente com o seminarista e também não ser totalmente paternalista. Saber exercer essa função de realmente ser essa imagem de pai, ser humano, saber olhar o lado humano de cada seminarista. Dentre todos os momentos, o formador deve, dentro dessa área do equilíbrio, saber distinguir também dentro do momento formativo, o momento propício de descontração, de seriedade, quais são os momentos reais, o momento do estudo, da oração, fazer cada coisa no seu devido lugar.</p> <p>Acredito que sempre foram guias. Acho que, é claro, a gente não pode colocar também num pedestal, achar que sempre foram 100%, porque os formadores são humanos, mas temos que sempre levar em conta o esforço e, digamos assim, o máximo empenho deles.</p>
FdoB	<p>Deve ser uma pessoa equilibrada, uma pessoa virtuosa, amigo dos formandos e próximo deles. Deve ser uma pessoa que ri e que brinca e que também saiba ser sério e firme quando necessário. Deve ser um padre obediente ao bispo e estar em comunhão com todo o clero. O formador é importante porque acredito que ele é o pastor dos formandos, é aquele que aponta o caminho, é aquele que vai à frente como exemplo de alguém que ama a sua vocação. É importante também porque é aquele que ajuda o formando no seu processo de autoconhecimento, um autoconhecimento que vai ajudar os seus formandos para que se deixem moldar pelo Senhor para que assim o Senhor possa realizar a vontade Dele na vida dos formandos. É importante ainda também porque ajuda no discernimento e amadurecimento vocacional de cada dia.</p> <p>Acredito que os formadores sejam essencial mesmo no processo de discernimento porque, é como eu já disse, aquele que está à frente, aquele que está mostrando o caminho com o seu exemplo de vida daquela pessoa que ama a sua vocação, então acho que é essencial, é indispensável nesse processo de discernimento.</p>

<p><b>FdoC</b></p>	<p>Na minha percepção, as características que um presbítero deve ter para ser um bom formador seriam: a capacidade do trabalho em equipe, a clareza e a segurança em seu papel, a presença constante, e aqui também faço uma alusão a um grande filósofo que citava a presença constante, que é Heidegger: em alemão se diz o <i>Dasein</i>, que é o ser aí, essa presença constante. Depois a auto estima pela missão, a capacidade de relação afetiva e efetiva, o equilíbrio e o conhecimento de si, depois a visão de fé nos fatos da vida, o testemunho de vida que é muito importante também e a intuição e a sensibilidade.</p> <p>Ele deve ser referência porque aqui já entra a questão da relação formando - formador. As perguntas estão bem relacionadas aqui, então o formador deve ser referência, primeiro pela confiança que o formando deve depositar no formador e o formador precisa também dar o exemplo. Ele dá o exemplo. É o que diz o evangelho de João: “dei-vos o exemplo para que façais o mesmo”. Então acredito que é uma referência muito forte no formador para o formando.</p>
<p><b>FdoD</b></p>	<p>Existem características próprias de um formador, dentre elas, desejo elencar algumas: espírito de fé e testemunho de vida, como nos diz São Francisco Xavier: “Evangelize e seja missionário; se for preciso, utilize palavras”. A vida do formador nos fala mais que todas as formações juntas ele deveria ter a missão de agir e ser, in <i>personachristi</i> (na pessoa de Cristo), a todo o instante, pois querendo ou não o formador torna-se espelho de um possível e futuro sacerdote.</p> <p>O formador é aquele que forma, aquele que orienta. Além de ser testemunho, de ter experiência de ser humano compreensível, acredito que fundamentalmente é ser um exemplo e auxílio no discernimento do candidato. Nós formandos devemos encontrar a certeza da vocação sacerdotal. O formador deve ser então o caminho, pelo menos o pedagogo, aquele que nos ensina o caminho, quando necessário nos “pega pela mão”, ou ainda, aquele que nos</p>

	<p>converte em um ideal supremo que é o sacerdócio. A grande importância ou a maior necessidade que temos é poder contar com nossos formadores da mesma maneira e com a mesma intensidade em que o próprio Cristo pôde contar com Simão Cirineu quando mais precisou. Então eu acredito que a maior característica do formador para o formando é este auxílio, é ser amado, é ser sustento, é ser aquele que nos “puxa pela mão”, aquele que quando necessário nos dá aquela “sacudida” quando nos é necessário nos acalmar, então é ser este sustento é como que já estivéssemos e permanecêssemos a maioria de nosso tempo em nossas casas, nós temos que ver que o formador é este pai que nos orienta, isto é, que nos conduz.</p>
FdoE	<p>Num primeiro momento acredito que ele deva ser saudável e equilibrado. Ter uma boa saúde física e psíquica. E teria que ser equilibrado em todas as dimensões, em todas as suas ações. Acredito que é o que se espera de alguém que é colocado na frente de um processo que vai ajudar os futuros padres a se tornarem também cada vez mais equilibrados. Então acredito que o formador deve estar pronto para enfrentar até situações de adversidades, de frustrações, que possam vir acontecer, que possa enfrentar e analisar as coisas para que assim, ele possa analisar com objetividade e com caridade.</p> <p>Eu penso que, por exemplo, com um exemplo bem prático da minha vida, no meu processo de discernimento vocacional, todos os meus formadores foram muito importantes porque dão essa dimensão de dar um retorno, dar um feedback, dar uma resposta àquilo que eu talvez precise melhorar ou que eu tenho que desenvolver melhor. Então eu acho que só com a ajuda desse fator externo, dessa pessoa olhando de fora, nós conseguimos melhorar cada vez mais. E o formador, na minha concepção, tem essa importância porque ele tem o papel de ajudar nesse processo.</p> <p>Com certeza, eu acho que o formador tem essa dimensão de ser aquele que conduz o seminarista, como o nome do pedagogo diz, aquele que vai conduzir. Eu acho que o formador tem esse papel. É</p>

	<p><b>claro, alguns, e eu já passei por vários formadores, alguns têm uma presença mais ativa na casa, outros menos ativa, mas essa presença é sempre qualitativa, isso que é o mais importante.</b></p>
--	--

**Quadro 6 – Título: Entrevista com Formandos – O Formador como “Guia de Referência”**

**Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa de campo**

No transcorrer das respostas dos formandos, ficou evidenciado que estes reconhecem a importância dos formadores como guias no seu processo de discernimento vocacional.

Neste sentido, oportunas são as palavras do documento da CNBB *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil (2010, p.139)*:

A presença do formador é sinal de pertença familiar que ao mesmo tempo gera eqüidistância e reciprocidade. Pela proximidade, o formador se acerca da realidade dos alunos, também nas suas situações problemáticas. Pelo distanciamento, o formador dinamiza o processo educativo. Suas intervenções abrem perspectivas de integração pessoal e comunitária. A reciprocidade provém da interatividade estabelecida.

Portanto, ser um bom formador é aquele que sabe querer realmente a todos os seus formandos. Ser um bom professor não é sinônimo de ter uma personalidade forte para persuadir e mover os formandos a crescerem em todas as dimensões. O que realmente move é a interioridade de um coração ordenado, como nos lembra Freire (2007, p.67):

Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes. Como ser educador se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem.

É evidente que os formadores, através das suas ações pedagógicas, devem ter presente que são os facilitadores do processo de ensino aprendizagem. Jamais os

formadores podem assumir o processo de crescimento dos formandos. Devem oferecer todos os meios que a pessoa necessita para se desenvolver nas dimensões intelectual, humano, espiritual, comunitário e pastoral. Ajudar o formando a se tornar cada vez mais maduro e responsável, tornando-se um indivíduo não dependente, passivo, à espera não de privilégios e status é a missão do formador como um verdadeiro guia do processo formativo dos futuros presbíteros da Igreja.

#### 4.6 O FORMADOR E A VIRTUDE DA RESILIÊNCIA

Os formandos ao serem questionados sobre como percebem a relação formando - formador, destacaram que às vezes demonstram uma resistência no relacionamento com os seus formadores: preconceitos e medos. Muitos, com o transcorrer do processo formativo, conseguiram mudar a sua percepção. Daí a importância de formadores que tenham “paciência histórica” e demonstrem resiliência com os seus formandos.

FORMANDOS	RESPOSTAS
FdoA	<b>Um seminarista pode muito bem numa conversa formal colocar uma máscara, mentir algo, mas na conversa informal, então o seminarista vai se revelar o que é, nas brincadeiras, no esporte, numa refeição.</b>
FdoB	<b>Se essa relação formando-formador não for vista à luz do Evangelho, tem-se o risco de ver o formador como a figura de um patrão, mas eu vejo assim que com essa experiência que eu tenho no seminário eu vejo que a tendência, com o passar dos anos, a gente vai compreendendo muitas coisas que antes a gente não compreendia, como por exemplo, algumas atitudes dos formadores, a gente vê como algo foi bastante positivo para nós. Acredito que nessa relação entre formando e formador deve ser vista à luz do Evangelho. Existe uma mística nessa relação para que não se corra o risco de se ver uma simples relação entre um patrão e um empregado, por exemplo.</b>

FdoC	<p>Cada formador tem o seu jeito. Às vezes uma pessoa aí de fora faz um alarde daquele formador, então o formando já vai com certo medo, ele já vai fazendo uma projeção no formador. Outra questão é a questão da timidez, às vezes a pessoa é tímida, ela tem receio de falar algumas coisas para o formador: “ah, será que se eu falar isso vai me mandar embora do seminário?”. Os formandos, às vezes, também são inseguros.</p> <p>Às vezes o formando pode ter vergonha de tratar a questão da sexualidade. Agora essa vergonha pode estar relacionada com fatos anteriores da vida, certas coisas que ocorreram na vivência da sexualidade antes, que ele tem medo de falar para o formador.</p>
FdoD	<p>As conseqüências são claras quando não há sinceridade por parte do formando na relação com o formador, a formação não acontece. Ele pode se preparar para todas as outras coisas, mas não vai se preparar fundamentalmente para o sacerdócio, porque a base do sacerdócio é a sinceridade: sinceridade consigo mesmo e sinceridade com o outro. Daí isso à nível de vida, por exemplo, como uma frase do próprio Jesus: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Onde não há sinceridade não há verdade e se não há verdade, logo nós vamos nos aprisionar nos nossos ideais, nos nossos egoísmos, na nossa subjetividade e o processo formativo, sendo bom, sendo ruim, sendo eficaz ou não, ele não vai conseguir jamais fazer o efeito necessário para que nos formemos diante daquilo que a Igreja pede. Então, quando eu sustento a questão da sinceridade, e ao mesmo tempo eu sustento que se não há sinceridade não há nada, nós apenas corremos o risco de fazer da formação uma “peça de teatro”, onde a gente vai atuar (e corre o risco de atuar o resto da vida) dentro da formação, talvez no sacerdócio, mas quando nós sentimos necessidade, e a vida nos exigirá isso, de sair dessa peça de teatro, porque o público vai embora (uma hora o público enjoa), quando nós sentimos a necessidade de sair desse teatralismo, conseqüentemente corremos o risco de esquecer quem somos de verdade, se nós não tivermos</p>

	<p>essa fundamentação de sinceridade. Então se não tivermos sinceridade não há formação, não há cristianismo, não há vida.</p>
<b>FdoE</b>	<p>Num primeiro momento eu fico pensando por quantos formadores eu já passei e fiz as contas: foram nove até hoje, então eu já convivi com nove formadores. Eu acho que é evidente que como qualquer relação interpessoal, tenha mais facilidade com uns, menos com outros, mas de qualquer forma, eu acho que a relação entre formador e formando, num primeiro momento, deve ser sempre mantida na sinceridade. Quando há verdade, quando essa relação se estabelece com verdade, então ela vai ser harmoniosa, vai ser fraterna, vai ser frutuosa, poderíamos dizer.</p> <p>O que falta ainda, eu acho, nesse relacionamento, é essa relação mais aberta assim. É uma amizade filial até poderíamos dizer do formador para com o formando, ela oferece muito e é de grande crescimento para o formando. Quanto mais você se distancia do teu formador, vendo muito de uma perspectiva de autoridade assim, de cima para baixo, eu acho que isso vai distanciando e vai dificultando, talvez, o processo.</p> <p>Acredito que a primeira resposta de agir em função desse medo vai ser querer se esconder, não ser sincero. Se eu dizia que a sinceridade vai ser frutuosa, não tem dúvida nenhuma que o esconder-se, o retrair-se, o não querer manifestar-se ao formador, quem vai sair perdendo é o próprio formando, e poderíamos dizer até de um modo mais amplo, a Igreja, porque aí não serão melhorados aspectos que poderiam ser melhorados. Talvez possam até serem aspectos graves que depois podem até vir a estourar, ou talvez aspectos menos graves, mas que para a vida de cada formando, de cada pessoa, poderia ser muito melhor trabalhado se de repente ele se abrisse. E eu tenho, assim, prática no sentido que, muitas coisas que eu relatei aos meus formadores até hoje, eu vi o quanto melhorou digamos que, eu dou um exemplo bem claro, na relação com o meu pai, o fato de ter me aberto com os formadores com relação a isso me ajudou muito a trabalhar isso, a relação com o meu</p>

	<p>pai. E isso para mim, eu vejo que foi só a partir do momento que eu me abri. Enquanto eu não tivesse expressado meus sentimentos, isso não iria acontecer, então quando a gente age em função do medo, se deixar agir em função do medo, com certeza quem vai sair perdendo é o próprio formando.</p>
--	--

**Quadro 7 – Título: Entrevista com Formandos – O Formador e a Virtude da Resiliência**

**Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa de campo**

Portanto, a partir dessas respostas, verifica-se que uma das atitudes que se requer do educador, do professor, do formador é a resiliência pedagógica. Às vezes pode acontecer que, um formador dos futuros presbíteros, não seja resiliente com o comportamento manifesto de um determinado formando, quando este contradiz os valores proclamados pela instituição vocacional. Portanto, ao formador dos futuros presbíteros, não basta ser tolerante com certos comportamentos incoerentes dos seus formandos, mas deve criar condições para que os seus seminaristas sintam-se realizados nas casas de formação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre “O perfil do educador na formação dos futuros presbíteros no paradigma da complexidade” constituiu sem dúvida um desafio instigante, tendo em vista a preocupação da Igreja Católica Apostólica Romana com a formação integral dos seminaristas. Nesse sentido, oportunas são as palavras de D. Helder Câmara (1909-1999), fundador da CNBB, em 1952: “Quanto maiores são os desafios, mais apaixonante é a tarefa” (CNBB – vídeo, 2000). A Igreja Católica, nesse contexto, nunca deixou de se preocupar com a qualidade da formação dos futuros presbíteros.

Diante dos questionamentos de um mundo em constante mudança, a Igreja constata a necessidade de educadores que reflitam sobre suas práticas pedagógicas na formação dos futuros presbíteros, que correspondam aos apelos das comunidades católicas e da sociedade em geral.

Serviram como fundamentação teórica os pressupostos de Morin e Ferguson, Imoda e Behrens, bem como os referenciais religiosos dos documentos conciliares e pós-conciliares (Papas Paulo VI e João Paulo II) e das diretrizes da CNBB.

O problema estudado destacou o fenômeno dos encontros humanos “ocasionais que se transformam em eventos educativos ‘transformadores’ e de excepcional valor, enquanto certas presenças ‘educativas’ não raro mostram-se inúteis ou mesmo danosas” (IMODA, 1986, p.18). Para bem educar os futuros presbíteros, implica assumir o compromisso de formá-los integralmente, superando o modelo pedagógico de um paradigma conservador que fragmenta o conhecimento e promove um pensamento linear, reducionista e disjuntivo. Isso levou a inferir-se a emergência de um paradigma inovador — o paradigma da complexidade — que propõe uma visão problematizadora do todo a partir de um processo de aprender, a saber (dimensão intelectual), a ser (dimensão humano-afetiva e espiritual), a conviver (dimensão comunitária) e a fazer (dimensão pastoral). Assim, as significativas e relevantes reflexões suscitadas pelo problema investigado constituem instrumentos que contribuirão efetivamente no processo formativo dos futuros presbíteros.

As pedagogias da Essência, da Existência e a Técnica que foram propostas, por sua natureza interdependente, servem de apoio para que os educadores reflitam sobre suas práticas pedagógicas nas casas de formação ao presbiterado e priorizem os projetos políticos pedagógicos, que visem favorecer a formação de futuros presbíteros equilibrados

afetivamente, humanizados, sociáveis, piedosos, comunicativos, com liderança administrativa e que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

A pesquisa produziu pistas importantes para uma melhor organização dos projetos políticos pedagógicos dos seminários que formam os futuros presbíteros para o serviço na Igreja. Foi igualmente observado que os formadores representam referências incentivadoras, cabendo-lhes a missão de contemplar, nas instituições vocacionais da Igreja, um guia pedagógico coerente e consistente que ilumine a prática pedagógica, tendo em conta principalmente os documentos eclesiais.

Merece destaque a constatação de que o formador precisa ser um “pedagogo da presença”, significando dizer que, acima do relacionamento pedagógico com os seminaristas, impõe-se-lhe o compromisso de se constituir em ‘espelho’ para o desenvolvimento do formando. O formador deve ser um guia (como *pedagogo*), o ‘amigo sábio’ que não somente indica o caminho, mas caminha com os formandos a eles confiados. Como ‘guia de referência’, procura não somente ter a autoridade de natureza informativa, que transmite apenas ideias e programas fundamentadas em valores mas, contribui para tornar significativas as experiências de vida.

De outro lado, considerando as respostas dos formandos no que diz respeito à resistência de alguns seminaristas com relação aos formadores, exige-se por parte dos formadores a virtude da resiliência, o que implica serem pessoas com estabilidade psicológica e vocacional.

Enfim, vale a constatação da emergência inexorável do paradigma da complexidade, que passa a substituir progressivamente a hegemonia da cosmovisão conservadora, interfere profundamente na formação dos futuros presbíteros e na revisão das práticas pedagógicas, visando a uma educação dos futuros presbíteros que atenda às exigências das nossas comunidades católicas, como cidadãos éticos e comprometidos com o bem estar afetivo, espiritual e social do ser humano.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4ª ed, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- ARANHA, Maria Lúcia & MARTINS, Maria Helena. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Editora Moderna Ltda, 1986.
- ARANHA, Maria Lúcia. **História da educação**. São Paulo: Editora Moderna Ltda, 1996.
- ARAÚJO, Simaia Sampaio Maia Medrado. **A psicopedagogia como promotora de resiliência**. Disponível em: <<http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/artigos>>. Acesso em: 15 jan. 2011.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Paradigma da complexidade**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. 2ª ed, Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: dimensão esquecida, mas necessária**. *Revista Vida Pastoral* nº 41, n.212, 2000.
- BRANDÃO, Marilene. **Psicologia e formação religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- CAPRA, Fritjof. **A Teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **A canção da inteireza. Uma visão holística da educação**. São Paulo: Summus, 1995.
- CELAM. **Conferência de Aparecida**. 10ª ed, São Paulo: Editora Paulus, 2009.
- CENCINI, Amedeo. **A árvore da vida**. São Paulo: Edições Paulinas, 2007.
- CENCINI & MANENTI. **Psicologia e formação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.
- CHABOT & CHABOT. **Pedagogia emocional**. São Paulo: Sá Editora, 2005.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade**. São Paulo: Editora Gente, 2008.
- CLAXTON, Guy. **O desafio de aprender ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CNBB. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil**. São Paulo: Edições Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil.** São Paulo: Edições Paulinas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Educação, igreja e sociedade.** São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

\_\_\_\_\_. **Sereis minhas testemunhas (vídeo).** São Paulo, Verbo Filmes, 2000.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Decreto Optatum Totius:** decreto do Concílio Vaticano II sobre a formação sacerdotal. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gravissimum Educationis:** declaração do Concílio Vaticano II sobre a educação cristã da juventude. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gaudium et Spes:** constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

COMTE-SPONVILLE. **Pequeno tratado das grandes virtudes.** 12ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DALAI LAMA. **O caminho da tranqüilidade.** Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** 6ª ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano.** A essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EYNG, Ana Maria e GISI, Maria de Lourdes. **Políticas e gestão da educação superior:** desafios e perspectivas. Ijuí: Editora Unijui, 2007.

FERGUSON, Marilyn. **Ver e voar:** caminhos para o aprendizado. In: **Conspiração Aquariana.** Trad. Costa, Evaristo, 7ª ed, Rio de Janeiro: Record, 1992.

FERNANDES, João Viegas. **Saberes, competências, valores e afetos necessários ao bom desempenho profissional do/a professor/a.** Lisboa: Ed. Técnicas, 2001.

FREIRE, Paulo & SHOR. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Aquele abraço. A escola.** Nova Escola: São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia.** 35ª ed, São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FRITZEN, Silvino José. **Janela de johari.** 7ª ed, Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

GADOTTI, Moacir e colaboradores. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Armédicas, 2000.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

\_\_\_\_\_. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOULART, Iris Barbosa. **Psicologia da educação**. 14ª ed, Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IMODA, Franco. **Psicologia e mistério: o desenvolvimento humano**. São Paulo: Edições Paulinas, 1996.

JULIATTO, Clemente Ivo. **O horizonte da educação: sabedoria, espiritualidade e sentido da vida**. Curitiba: Editora Champagnat, 2009.

KUENZER, A.Z. & MACHADO, L. R. de Souza. **Pedagogia tecnicista**. In: **Escola nova, tecnicismo e educação compensatória**. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MAYER, Frederick. **História do pensamento educacional**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

MARTINS, Jorge Santos. **O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio**. Campinas: Editora Papyrus, 2001.

MIZUKAMI, Maria da Graça. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pensamento eco-sistêmico – Educação, aprendizagem e cidadania no século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

MORAN, José Manoel; MASETTO, Marcos Tarcísio; BEHRENS, Marilda Aparecida. **As novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 10ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2007, p. 7

MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento interpessoal**. Rio de Janeiro: Editora S.A, 1985.

PAULO II, João. **Exortação apostólica pós-sinodal: “Pastores Dabo Vobis”**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

\_\_\_\_\_. **Carta encíclica: “Fides et Ratio”**. 10ª ed, São Paulo: Edições Paulinas, 2008.

PERRENOUD, Phillip. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

QUEIRUGA, Torres A. **A revelação na realização humana**. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

ROUSSEAU, J.J. **Emile ou de l’education**. Paris: Garnier Frères, 1961.

RULLA, Luigi. **Antropologia da vocação cristã**. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 6ª ed, São Paulo: Cortez Editora, 1985.

\_\_\_\_\_. **História da idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas, São Paulo: Editora Autores Associados Ltda, 2007.

STEIN, Gesuína Burin. **A educação nos documentos da Igreja Católica Apostólica Romana**. Brasília: Universa, 2001.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas**. 4ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1992.

TESCAROLO, Ricardo. **A escola como sistema complexo — A ação, o poder e o sagrado**. São Paulo: Escrituras, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Editora Atlas S.A.,1987.

VISCOTT, Davi. **A Linguagem dos sentimentos**. São Paulo: Editora Summus, 1982.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. **Introdução à tradução brasileira de Eu e Tu**. São Paulo: Moraes, 1974.

YUS, Rafael. **Educação integral – uma educação holística para o século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZABALLA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

## ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADO COM OS FORMADORES

**Formadores**

- A)** - Como foi sua **trajetória** de formação para a função de formador? Em que momento, ou quem motivou e/ou direcionou sua escolha para a função de formador?
- B)** Como você vê o **processo formativo** dos futuros presbíteros na atualidade?
- C)** Quais as **dificuldades** encontradas em sua função de formador?
- D)** Quais os **desafios** que você percebe na atualidade no sentido do processo formativo?

## APÊNDICE B

## ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADO COM OS FORMANDOS

**Formandos**

- A)** - Na sua percepção, que **características** um presbítero deve ter para ser um bom formador nas casas de formação?
- B)** - Qual a **importância** do formador no seu processo de discernimento vocacional?
- C)** - Como formando, como você vê a relação **formador – formando**.
- D)** - Futuramente, como presbítero, você gostaria de exercer a **função** de formador em casas de formação?

## APÊNDICE C

### TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS FORMANDOS

#### FORMANDO A

##### **1. Na sua percepção, que características um presbítero deve ter para ser um bom formador nas casas de formação?**

Primeiramente entre as várias características, destaco que o formador deve ser um homem piedoso, no sentido de que deve ser fiel nas suas orações. São as orações que o fortalecem diante de Deus que o fortalece para fazer essa caminhada que muitas vezes é tão difícil. Fiel à Igreja também, fiel àquilo que a Igreja ensina, ao que os documentos ensinam, àquilo que o magistério da Igreja propõe para a formação, para que os seminaristas possam ser, assim, através da imagem do formador, bons padres futuramente, que tenham um bom discernimento durante a sua caminhada. Amar a Cristo. O formador tem que, também, resplandecer a imagem do próprio Cristo para seus formandos. Então, o formador só vai transmitir essa imagem de Cristo se ele souber amar verdadeiramente a Cristo. É também necessário ter um espírito de serviço e entrega na sua função e vontade de trabalhar. Não adianta um formador que não tenha vontade de trabalhar dentro de sua função. Essa questão de serviço, não com autoritarismo, com questões assim que para “aparecer” ou como status, mas sim como um serviço dentro, da Igreja, como qualquer outro trabalho que um padre pode desempenhar. Deve ser equilibrado então em todos os sentidos, estar de bem consigo mesmo e ter também a capacidade de lidar com os conflitos nas relações também entre as pessoas, entre os seminaristas, entre os próprios colegas na função de formador. Maduro suficiente para estar à frente nessa responsabilidade de cuidar. O formador apresenta uma imagem de pai para o seminarista. Não no sentido de que ele deve ser paternalista, ficar ali, mas equilibrar entre, digamos assim, não ser indiferente com o seminarista e também não ser totalmente paternalista. Saber exercer essa função de realmente ser essa imagem de pai, ser humano, saber olhar o lado humano de cada seminarista. Dentre todos os momentos, o

formador deve, dentro dessa área do equilíbrio, saber distinguir também dentro do momento formativo, o momento propício de descontração, de seriedade, quais são os momentos reais, o momento do estudo, da oração, fazer cada coisa no seu devido lugar. O formador tem que ser ainda muito estudioso, não ter preguiça de se aprofundar nos temas que são necessários para ele estar passando para os seminaristas, então ele deve estar se aprofundando cada vez mais para ajudar o formando no processo formativo. Se o formador não estuda, não vai de atrás, não adianta nada. Então o seminarista não cresce também. E claro, levar em conta jamais esquecer a função de pai a ponto de substituir ou suprir a função de um verdadeiro pai, é o que eu já tinha falado anteriormente.

## **2. Qual a importância do formador em seu processo de discernimento vocacional?**

O formador exerce um papel de total relevância durante meu processo de discernimento, pois ele representa a voz da própria Igreja e, obviamente, por meio do bispo, e de fato, por meio da palavra que o bispo coloca ali, é claro que o formador está apto para auxiliar o indivíduo a descobrir o seu papel na Igreja. Então, como a gente sempre ouve, o seminário não serve só para formar padres, serve para formar bons cristãos, acima de tudo, cristãos. E se for, assim, a vocação como padre. O formador é guia dentro do seminário. Muitas vezes não temos noção de para onde estamos indo, às vezes por causa da idade e até mesmo, no meu exemplo, que entrei um pouco novo para o seminário, não tem muita noção de experiência de vida, então o formador vai mostrar. Essa questão de noção de Igreja, o formador tem muito mais experiência de Igreja e ele vai mostrar muito mais, assim, a noção do que é ser Igreja também. Então, devemos possuir um espírito de abertura com o formador para que ele possa ajudar a gente neste sentido. Então, abertura e convicção do que é ser cristão. O formador estará sempre auxiliando em todas as dificuldades e advertindo dos possíveis erros que nós podemos cometer durante todo esse nosso processo.

### **2.a Você que já passou por vários formadores, no momento em que se encontra, acredita ou não que esses formadores ajudaram em seu discernimento vocacional?**

Sim. Desde o meu primeiro momento o meu primeiro formador, foi importantíssimo, como naquele ponto que coloquei, a questão da abertura. O formador só consegue ajudar

se a gente for aberto, se a gente colocar realmente qual o nosso anseio aqui dentro, qual é o nosso desejo, quais os problemas que a gente está enfrentando. Então, desde o primeiro momento até hoje os formadores me auxiliaram mesmo, me mostraram o caminho que estou seguindo, me ajudaram a guiar meus passos dentro da caminhada da igreja.

**2.b Como você classificaria todos os formadores que teve em sua formação: foram guias ou deixaram de serem guias?**

Acredito que sempre foram guias. Acho que, é claro, a gente não pode colocar também num pedestal, achar que sempre foram 100%, porque os formadores são humanos, mas temos que sempre levar em conta o esforço e, digamos assim, o máximo empenho deles. Acredito que a diferença que até tive de ter contato com os seminaristas de várias regiões do Brasil no congresso que participei em Brasília, nossa arquidiocese é privilegiada pelos formadores que nós temos. É claro, não se pode dizer que é 100% pelo fato de ser cada um ser limitado, mas assim, acredito que nós temos bons formadores, num parâmetro assim com o que eu vi com os seminaristas de outras regiões.

**3. Como formando, como você vê a relação formando - formador?**

Essa relação primeiramente é respeito, claro, pelas duas partes porque sem respeito já não se estabelece mais nada. Então, o primeiro grau assim que a gente pode colocar aqui para se ter também o diálogo, que é fundamental. Se não houver diálogo não vai haver crescimento nunca. Essa questão de um se colocar no lugar do outro porque o formando sempre tem que se colocar muitas vezes, em certas situações, no lugar do formador porque durante o processo formativo o seminarista pode criar o mau hábito de criticar tudo, ser “critiqueiro” e sempre estar apontando certas coisas que o formador faz ou deixa de fazer. Devemos nos colocar no lugar e também não ver o lado do esforço do formador e o potencial que ele tem para nos ajudar. Também o formador deve se colocar muitas vezes nos nossos lugares pra realmente sentir, uma vez que o formador também já foi formando, então ele sabe muito mais como é a situação. Então esse diálogo é fundamental para que o formador possa conhecer o formando e dizer se ele está apto para seguir em frente ou não. Também essa outra questão principal que coloco é o diálogo. O formando não deve ver o formador também como uma ameaça para ele e sim como uma

pessoa que está ali para ajudar ele. O formador não deve ser indiferente com o seu formando e também não superproteger.

**3.a Esse diálogo acontece em que momento no processo formativo? São diálogos informais, que acontece no corredor ou existe um espaço para esses diálogos?**

Acredito que se dá tanto informalmente quanto formalmente. Não é somente formalmente porque existem momentos onde a gente então conversa com o formador, nos colóquios vocacionais, que realmente se colocam ali somente os dois então, é o momento que o seminarista tem para se abrir, colocar o seu “eu” ali para que o formador possa estar ajudando. E também nos momentos informais porque também tem que se ter essa relação de certa amizade, uma questão do dia-a-dia mesmo, que ele também vai se revelar o que é o A., o que são os seminaristas. Um seminarista pode muito bem numa conversa formal colocar uma máscara, mentir algo, mas na conversa informal, então o seminarista vai se revelar o que é, nas brincadeiras, no esporte, numa refeição.

**3.b Nesses colóquios vocacionais, como você percebe o seu discernimento vocacional? Você sente que isso tem lhe ajudado, ou você acha que não?**

Sim, lógico, tem me ajudado porque é um momento que tenho para, muitas vezes, até para desabafar, para colocar as angústias, as crises que às vezes enfrentamos. Se a gente realmente tiver a mentalidade que o formador está ali para nos ajudar, os colóquios sempre vão ser fundamentais.

**4. Futuramente, como presbítero, você gostaria de exercer a função de formador em casa de formação?**

Não responderei nem que sim, nem que não, mas se o bispo me propusesse: ‘você vai ser formador’, claro que eu vou responder pela obediência e porque, acima de tudo a gente tem que ter o serviço, o espírito de serviço, em qualquer ministério, em qualquer função dentro da arquidiocese, mas eu digo assim, respondendo mais para o sim porque, se me fosse proposto eu aceitaria, mas é claro, sempre levando em conta esse espírito de

entrega em qualquer função, qualquer ministério, qualquer pastoral que se tem dentro da igreja. A gente tem que ter essa abertura.

#### **4.a Você, fora da obediência, aceitaria esse convite?**

Não é um cargo que almejo, a gente sempre se imagina, às vezes a gente sonha como que vai ser quando eu for padre, então as vezes eu me imagino, “será que eu vou ser formador, será que eu vou ser pároco?”. Eu gostaria tanto de ser formador como ser pároco ou qualquer outra função.

#### **4.b Hoje para ser formador, além da filosofia e teologia, você acredita que tem que ter alguma outra especialização ou basta ter algumas virtudes que ele herdou da família, herdou do tempo do seminário?**

É claro, o formador é que sempre tem que estar em busca. Uma das características que o formador deve ter são os estudos, então ele sempre tem que estar procurando se aprofundar. Então, a pessoa não pode ficar estagnada, ela tem que procurar ou um curso de psicologia, ou um aprofundamento na filosofia, na teologia, algo que venha auxiliar no processo formativo, ou uma especialização ou outra faculdade que realmente esteja em consonância com essa questão da formação. Então é importante.

### **FORMANDO B**

#### **1. Na sua percepção, que características um presbítero deve ter para ser um bom formador nas casas de formação?**

Acredito que o presbítero formador deve ser antes de tudo um sacerdote exemplar, um sacerdote que ama sua vocação, um padre que celebra diariamente a Eucaristia, que celebra a liturgia das horas com bastante devoção. Deve ser uma pessoa equilibrada, uma pessoa virtuosa, amigo dos formandos e próximo deles. Deve ser uma pessoa que ri e que brinca e que também saiba ser sério e firme quando necessário. Deve ser um padre obediente ao bispo e estar em comunhão com todo o clero.

**1.a Na sua experiência de formando você tem visto ou não, nos formadores essas características, uma vez que você tem uma longa experiência no seminário e teve vários formadores na sua vida?**

Acredito que tenho observado nesses anos de formação, tanto em relação à celebração da eucaristia, na dimensão espiritual, sempre vejo isso nos formadores. Em relação também nas virtudes humanas, como uma pessoa equilibrada eu acredito que tenho visto esses exemplos dentro da formação. Também em relação ao saber dividir bem os momentos de descontração dos momentos que precisa ser mais sério, mais firme, acredito que tenho observado isso nesses anos de formação. Com relação a obediência ao bispo, acredito que os formadores estão dentro disso que coloco no perfil de um bom formador.

**1.b Como você percebe as influências dessas características no seu processo de permanência no seminário?**

Vejo que o padre formador é um exemplo para nós porque é um estímulo, algo positivo que nós vemos em tudo isso. Quando nós vemos que há uma busca de ter uma vida de oração, que há um esforço em procurar ser melhor a cada dia. Tudo isso ajuda. Como formando vejo isso como algo bastante positivo que ajuda bastante na nossa caminhada, no nosso discernimento vocacional.

**1.c Com isso você quer dizer que o formador deve ser um referencial positivo para os formandos?**

Isso; deve ser aquela pessoa que deve ser o exemplo de sacerdote ali para o formando.

**2. Qual a importância do formador em seu processo de discernimento vocacional?**

O formador é importante porque acredito que ele é o pastor dos formandos, é aquele que aponta o caminho, é aquele que vai à frente como exemplo de alguém que ama a sua vocação. É importante também porque é aquele que ajuda o formando no seu processo de

autoconhecimento, um autoconhecimento que vai ajudar os seus formandos para que se deixem moldar pelo Senhor para que assim o Senhor possa realizar a vontade Dele na vida dos formandos. É importante ainda também porque ajuda no discernimento e amadurecimento vocacional de cada dia.

### **2.a Que momento você percebe que o formador procura lhe ajudar nesse autoconhecimento?**

Nas formações humano-afetivas, nas direções espirituais. Tudo isso contribui para um autoconhecimento. Seja também no diálogo com o formador, muitas vezes nós não compreendemos muito bem o que o formador quer colocar, mas com o passar do tempo a gente vai entendendo alguns aspectos e a gente vai se dando conta por onde a gente está caminhando. Então tudo isso contribui, tanto as formações como os diálogos com o formador, contribui para um autoconhecimento.

### **2.b Tendo em vista a experiência que você teve no seminário, você tem percebido que os formadores têm lhe ajudado no discernimento vocacional, ou você acha que isso apenas está nos documentos da Igreja?**

Acredito que os formadores sejam essencial mesmo no processo de discernimento porque, é como eu disse, aquele que está à frente, aquele que está mostrando o caminho com o seu exemplo de vida daquela pessoa que ama a sua vocação, então acho que é essencial, é indispensável nesse processo de discernimento.

### **3. Como formando, como você vê a relação formando - formador?**

Vejo como uma relação de crescimento nas dimensões humano-afetivas e na dimensão espiritual. É um crescimento para o formando, mas eu vejo assim que, muitas vezes os formandos não compreendem alguns aspectos da formação e, se essa relação formando-formador não for vista à luz do Evangelho, tem-se o risco de ver o formador como a figura de um patrão, mas eu vejo assim que com essa experiência que eu tenho no seminário eu vejo que a tendência, com o passar dos anos, a gente vai compreendendo muitas coisas que antes a gente não compreendia, como por exemplo, algumas atitudes dos formadores, e a gente vê como algo foi bastante positivo para nós. Acredito que nessa relação entre formando e formador deve ser vista à luz do Evangelho. Existe uma mística

nessa relação para que não se corra o risco de se ver uma simples relação entre um patrão e um empregado, por exemplo.

**3.a O que pode acontecer com os formandos, quando esses vêm no formador um simples patrão? O que pode acontecer no processo formativo desse formando?**

Se o formando ver no formador a figura de um patrão, o risco que se tem é de o formando se revoltar com a formação e isso acaba criando um transtorno para a comunidade, porque muitas vezes essa pessoa acaba levando outros também no embalo e principalmente aqueles que estão chegando ao seminário, que não conhecem bem como é o processo da casa acabam acreditando também que o processo seja assim mesmo e acabam criando um desequilíbrio ali na comunidade, uma comunidade com clima de desconfiança. Então esse é o risco que se tem.

**3.b O que você apresentaria como pista para que o formando não veja o formador como um patrão, partindo do pressuposto que o formador não é um patrão, mas ele representa para esse formando um patrão?**

Deve ter ali uma atitude, sempre uma atitude de humildade da parte dos formandos, para que se deixe também moldar pelo Senhor. Como eu disse, essa relação deve ser vista com uma mística, com à luz do Evangelho, então o formando deve estar bem preparado para quando entrar no seminário entender que todo o processo de formação é um processo à luz do Evangelho. Isso deve ser colocado bem às claras, deve ser feito um bom trabalho de preparação antes de entrar no seminário para que não ocorra esse tipo de pensamento.

**3.c Então o formando na verdade deve ter essa visão clara que o formador está ali para ajudar no seu discernimento e não atrapalhar o seu discernimento?**

Exato. Ele deve ver o formador ali como aquele que está ali para ajudar no seu processo de autoconhecimento, na dimensão espiritual e nas demais dimensões.

**4. Futuramente, como presbítero, você gostaria de exercer a função de formador em casa de formação?**

Como presbítero, quero estar disponível ao serviço e ir onde o Senhor me chamar. Peço a Deus a graça de estar disponível para servi-lo sempre com alegria. Se algum dia o bispo me pedir para ser formador, aceitarei com esse espírito de serviço, procurarei aceitar com espírito de alegria evangélica, essa alegria de estar servindo à Igreja.

**4.a Você acredita que possa existir a figura de vários ou alguns formadores que fizeram com que você de repente pensasse que amanhã você pode ser assim um formador? Você acredita que a imagem de formador que você tem e que no passado você teve estimula a dizer sim amanhã ao bispo ou você acredita que vai dizer só por complacência, por obediência?**

Acredito que tive alguns exemplos bons de formadores e vejo que isso foi positivo no meu processo de discernimento. Vejo que os formadores de uma maneira geral sempre trabalharam com esse espírito de alegria na formação. Não estavam ali simplesmente para cumprir obrigações, então a partir disso que observei que é possível se realizar como sacerdote também no serviço de formação. Muitas vezes a gente ouve que esse trabalho não é muito aceito por alguns padres, mas pelo menos os exemplos que eu tive eu percebi esse amor pela formação.

**4.b Hoje, para ser um formador você acredita que basta ter curso de filosofia e teologia e ser ordenado padre e amanhã trabalhar numa formação ou esses formadores que estão ajudando os formandos nesse discernimento vocacional devem fazer alguns outros tipos de estudos?**

Acredito que só a filosofia e só a teologia seriam pouco para esse trabalho. Acredito que precisa de algo mais, de uma formação permanente mesmo para os padres que se dedicam a formação. Eles devem ter, existem na verdade esses cursos, cursos para formadores e eu acho que é esse mesmo o caminho. Não precisa ter um direcionamento para essas pessoas, para esses padres que se dedicam à formação.

## FORMANDO C

### **1. Como formando, em sua percepção, que características um presbítero deve ter para ser um bom formador nas casas de formação?**

Na minha percepção, as características que um presbítero deve ter para ser um bom formador seriam: a capacidade do trabalho em equipe, a clareza e a segurança em seu papel, a presença constante, e aqui também faço uma alusão a um grande filósofo que citava a presença constante, que é Heidegger: em alemão se diz o *Dasein*, que é o ser aí, essa presença constante. Depois a auto estima pela missão, a capacidade de relação afetiva e efetiva, o equilíbrio e o conhecimento de si, depois a visão de fé nos fatos da vida, o testemunho de vida que é muito importante também e a intuição e a sensibilidade.

#### **1.a Você acredita que essas características estão presentes nos formadores, tanto do passado quanto do presente? Até que ponto essas características estão lhe ajudando nesse seu processo vocacional?**

Acredito que se essas características não estão presentes nos formadores, ao menos nos padres que vão ser futuramente nomeados formadores pelo bispo, o bispo jamais vai poder nomear um formador, no caso, sem ter pelo menos alguma dessas características. Então é uma questão também de observar se o padre tem essas características, ele vai ser bom padre e também bom formador, então é uma coisa assim bem lógica, sem essas características não dá para ser formador. Como formando também, acredito que essas características ajudam muito, principalmente o trabalho em equipe com as diversas pastorais, movimentos, enfim, o trabalho em equipe constrói muito a experiência da gente. E também a visão de fé dos fatos da vida. Aqui também tem relação com o testemunho de vida. Para um padre ter visão de fé de um fato da vida, primeiro ele precisa dar um testemunho de vida dele, para depois ele ter a sua visão de fé de vários acontecimentos. Acontecimentos esses que podem ser bons, ruins, dependendo de cada situação.

### **1.b Dá-se a impressão que o formador deve ser uma referência dentro da casa de formação.**

Sim, ele deve ser referência porque aqui já entra a questão da relação formando - formador. As perguntas estão bem relacionadas aqui, então o formador deve ser referência, primeiro pela confiança que o formando deve depositar no formador e o formador precisa também dar o exemplo. Ele dá o exemplo. É o que diz o evangelho de João: “dei-vos o exemplo para que façais o mesmo”. Então acredito que é uma referência muito forte no formador para o formando.

### **2. Qual a importância do formador em seu processo de discernimento vocacional?**

Nesse meu processo de discernimento vocacional, o formador tem muita importância e destaco algumas: primeiro, a ajuda na questão dos estudos acadêmicos, que me dispõe quanto aos valores fundamentais do meu ser atual e também das minhas ações. Depois, amanhã como padre, essa questão das ações. Também, para mim, o formador tem uma valia muito grande, sempre está atento no nosso discernimento vocacional, e principalmente nos ajudando a cuidar da vocação como um projeto existencial. Então o formador é o nosso auxílio, aquele que podemos confiar totalmente, porque sempre o que disserem ou fizerem será para o nosso bem e também de toda a Santa Igreja.

### **2.a Explique como os formadores lhe ajudam no seu processo de discernimento vocacional?**

Ajudaram em todos os sentidos. Têm as quatro dimensões da formação (espiritual, humano-afetiva, intelectual e pastoral). A formação espiritual está sempre evoluindo porque cada coisa que a gente leva é um crescimento. Não só o diretor espiritual tem essa função, mas os outros formadores também tem essa questão do crescimento espiritual. Depois a questão pastoral, a questão da vida comunitária, eu acredito que me ajudaram muito e ainda estão me ajudando.

### **3. Como formando, como você vê a relação formando - formador?**

Vejo essa relação como uma relação de abertura a correções, dificuldades, decepções, etc., porém pelo contato que tenho com seminaristas de outras dioceses, principalmente esse ano que eu tive a graça de participar da OSIB, eu percebi que essa relação às vezes deixa a desejar, pois o que ocorre? Ocorre um certo medo de abertura com os formadores, a questão da falsa imagem dos padres para os novatos (esse termo novatos é aqueles que estão iniciando). A falta de abertura em relação à sexualidade, porque muitos, às vezes, não conseguem ver o celibato como um dom, uma dádiva. Então, a gente deve ter o formador, ou melhor, ver o formador como referência, homem de oração, do serviço, da caridade, principalmente da solicitude pastoral.

#### **3.a O que você imagina que acontece nessa relação do formando-formador que falta essa abertura, uma vez que o formador está no seminário para ajudar o formando?**

Cada formador tem o seu jeito. Às vezes uma pessoa aí de fora faz um alarde daquele formador, então o formando já vai com certo medo, ele já vai fazendo uma projeção no formador. Outra questão é a questão da timidez; às vezes a pessoa é tímida; tem receio de falar certas coisas para o formador: “ah, será que se eu falar isso vai me mandar embora do seminário?”. Os formandos, às vezes, também são inseguros.

#### **3.b Você trouxe a questão da sexualidade, que muitas vezes não acontece uma abertura nessa área. O que você imagina que se passa no formando que muitas vezes não é aberto nessa área que é tão importante nas pessoas?**

Primeiro que às vezes o formando pode ter vergonha de tratar essa questão. Agora essa vergonha pode estar relacionada com fatos anteriores da vida, certas coisas que ocorreram na vivência da sexualidade antes, que ele tem medo de falar. Ele não consegue se abrir, então causa um medo no formando se abrir porque talvez aconteceu algum fato no passado relativo à sexualidade que ele tem medo de falar para o formador.

**3.c Como você dizia, o papel do formador também é o de corrigir alguns formandos. Essas correções acontecem em que momento? São momentos informais, momentos formais? Que momentos o formador tem para esse espaço de correção?**

Acho que o senhor mesmo, como formador fala, tudo é formativo. Então acredito que nos vários momentos. Não é preciso, às vezes, deixar acontecer certa coisa para o formador ir lá e corrigir. Às vezes o formador pode antes de acontecer algum fato, ele dá um alerta para não acontecer aquilo. Então é assim, a correção fraterna que é muito importante. A correção está sempre presente nos diversos momentos da vida, ela está sempre presente.

**4. Futuramente como presbítero você gostaria de exercer a função de formador em casa de formação?**

É uma pergunta um pouco complicada porque a gente depois de padre não vai se mandar. O bispo vai designar a gente para uma função. Mas se fosse para dar uma resposta sim ou não, eu daria sim. Primeiro como eu falava o presbítero deve obediência ao bispo, mas sempre me identifiquei nesta área formativa, não sei é porque sempre tive uma relação com a música. E a música, está presente na formação. Lembro que no seminário menor tinha aula de música, eu vibrava com essas aulas de música. E via o padre F. e acabei me identificando com essa área formativa. Geralmente a maior vontade de um padre e até mesmo, a gente como seminarista, é o serviço paroquial. DP sempre dizia: que padre disponível ao trabalho paroquial tem bastante; difícil é nomear padres para a formação, padres para a Cúria. Se um padre não quer ser um formador como que a gente vai ter padres no futuro.

**4.a O que você imagina que muitos padres querem ir trabalhar numa paróquia e não tanto no seminário. Por que esta dificuldade?**

Acredito que trabalhar na formação é um trabalho árido. Enquanto seminarista já escutei padres dizerem por aí que ser formador é “ser louco”, é “sombra e água fresca”, mas não é, é difícil então às vezes pode ser até uma fuga dos padres não quererem ser formador. E depois não dá para colocar qualquer um na formação a pessoa tem que ser

uma pessoa muito centrada. Eu me lembro da festa de aniversário do seminário, eu ainda não estava no seminário, mas estava para entrar. Convidaram a mim e a minha mãe para participar da festa do seminário. E, quando nós estávamos almoçando, num dado momento eu disse que tinha vontade de trabalhar, num dia, no seminário e um dos padres disse: “Deus o livre”; ele disse que você vai ver como é ruim, não ter contato com o povo e você vai ver como é chato trabalhar, principalmente em cúria [...] eu achei estranho.

**4.b Você dizia que os padres preferem, na sua maioria, trabalharem nas paróquias do que nos seminários porque ser formador é “ser louco” é “sombra e água fresca”. Pode explicar?**

Seria mas o que eles querem dizer é que os padres formadores tenham vida boa, e a gente nota aqui pelo senhor e pelo padre R. que não tem vida boa, que não é só a formação. Como formador você não tem só o seminário; tem a faculdade vinculada com o seminário, a escola diaconal e os diáconos. O Pe. R. tem o Movimento das Capelinhas o SAV, enfim não é só o seminário, são outras atividades que estão juntas na parte da formação.

**4.c Hoje para ser um bom formador, bastaria somente os cursos de filosofia e teologia ou você acha que para ser um bom formador precisaria ter outros cursos?**

Acredito que os cursos de filosofia e de teologia são essenciais na formação. Só que acho que às vezes é bom os padres fazerem uma especialização, o senhor terminando o mestrado, é bom! Isso ajuda muito para o crescimento na área formativa, às vezes acontece um problema e você não sabe como resolver, é bom começar a se especializar e se aperfeiçoar cada vez mais. Acho interessante não fazer um curso imposto, mas é interessante que procure se aperfeiçoar, se especializar.

**5. Gostaria de dizer uma palavra final?**

Sou muito grato aos formadores por tudo o que me concederam, desde o seminário menor até agora na filosofia, e acredito que futuramente a gente vai acabar sempre se identificando com uma área. Por enquanto a área que eu me identifiquei foi a da formação, futuramente na teologia não se sabe, o futuro a gente não sabe, tem que entregar nas

mãos de Deus o nosso futuro, mas acredito que se for da vontade de Deus e da Igreja a gente vai servir de acordo com o que o bispo vai pedir, de acordo com a necessidade do momento da Igreja. A gente agora pode sonhar, pode pensar: “Quero ser formador, futuramente uma necessidade da Igreja”. Não vai ser isso, o bispo pode designar para outra coisa, futuramente a gente não sabe, mas temos que rezar confiar tudo isso na proteção de Nossa Senhora.

## **FORMANDO D**

### **1. Na sua percepção, que características um presbítero deve ter para ser um bom formador nas casas de formação?**

Em relação à primeira questão posso dizer que as características são muitas, mas antes de tudo acredito que o formador deve ser um cristão autêntico e acima de tudo deve cultivar uma profunda experiência com a pessoa de Jesus, pois se assim não ocorrer todo o resto perde o sentido, mas existem características próprias de um formador, dentre elas, desejo elencar algumas: espírito de fé e testemunho de vida, como nos diz São Francisco Xavier: “Evangelize e seja missionário; se for preciso, utilize palavras”. A vida do formador nos fala mais que todas as formações juntas ele deveria ter a missão de agir e ser in *persona christi*, a todo o instante, pois querendo ou não o formador torna-se espelho de um possível e futuro sacerdote.

#### **1.a Com relação ao que você acabou de afirmar, dá-se a impressão que o formador deve ser uma referência para os formandos. Como é que você tem percebido isso, tendo em vista que você já teve uma experiência de seminário, sendo um ano no propedêutico e dois na filosofia?**

Essa manifestação do encontro da pessoa com Jesus Cristo e a própria característica do formador de estar junto ao formando se dá no dia a dia; não são coisas extraordinárias que o formador faz, pelo contrário, são atitudes e gestos pequenos, muitas vezes diríamos difíceis de serem percebidos, mas nos levam a crer que o formador ama aquilo que ele faz, que se dedica, que estar conosco ali não é apenas uma obrigação, uma exigência que a Igreja lhe impõe, Na verdade, quando o formador se percebe vocacionalmente realizado na formação, ele deixa transparecer direta ou indiretamente o

amor por aquilo que ele faz, então diríamos que uma grande maneira de perceber esta característica no formador para o formando é este amor que ele deixa transparecer no amor que ele faz em todo o processo de formação e estes carinhos se manifestam de diversas maneiras, como na oração da liturgia, seja celebração da santa missa, seja em uma orientação, seja quando nos é necessário que ele nos chame a atenção, que ele nos oriente, nos auxilie na sua experiência de vida; tudo isso é uma maneira de manifestar estas características, este amor do formador pela formação e conseqüentemente pelo formando.

### **1.b Você poderia explicar como se dá o controle dos formandos por parte dos formadores do dia-a-dia do seminário?**

Na verdade é um caminho duplo: o formador tem infinitas maneiras de nos orientar. Ele pode nos orientar em nível de comunidade que é o nível mais universal aonde ele chega e chama a atenção da comunidade para isso ou para aquilo que precisamos melhorar ou quando é necessário tratar algo de bom nessa comunidade, isso acontece de maneira universal onde todos estão presentes e todos são corresponsáveis. Eu também acredito naquela orientação e dica que o orientador nos dá, que é uma dica pessoal, que é a visão que ele tem para cada um, é a função de cada um o futuro de cada um da casa; funcionamento, então o formador, na sua visão, percebe e nos chama atenção e principalmente quando se torna algo mais pessoal, algo que depende mais do próprio formando que não afeta em nível de comunidade ou que não seja necessário expor o formando à comunidade, ele pode ir por este caminho mais individual então, em suma, é destas duas maneiras: a maneira de orientar a comunidade enquanto comunidade enquanto todos estão presentes e responsáveis e orientar a cada um dentro do processo de comunidade.

### **2. Qual a importância do formador em seu processo de discernimento vocacional?**

A própria palavra nos indica alguma coisa, o formador é aquele que forma, aquele que orienta. Além de ser testemunho, de ter experiência de ser humano compreensível, acredito que fundamentalmente é ser um exemplo e auxílio no discernimento do candidato. Nós formandos devemos encontrar a certeza da vocação sacerdotal. O formador deve ser

então o caminho, pelo menos o pedagogo, aquele que nos ensina o caminho, quando necessário nos “pega pela mão”, ou ainda, aquele que nos converte em um ideal supremo que é o sacerdócio. A grande importância ou a maior necessidade que temos é poder contar com nossos formadores da mesma maneira e com a mesma intensidade em que o próprio Cristo pôde contar com Simão Cirineu quando mais precisou. Então eu acredito que a maior característica do formador para o formando é este auxílio, é ser amado, é ser sustentado, é ser aquele que nos “puxa pela mão”, aquele que quando necessário nos dá aquela “sacudida” quando nos é necessário nos acalmar então, é ser este sustentado é como que já estivéssemos e permanecêssemos a maioria de nosso tempo em nossas casas, nós temos que ver que o formador é este pai que nos orienta, isto é, que nos conduz.

## **2.a Como é que você tem percebido a ação do formador como pedagogo, aquele que procura evidentemente guiar os seus formandos no dia-a-dia?**

Acredito que perceber o formador como pedagogo, depende do formando. Acredito que nós formandos somos privilegiados porque temos vários formadores, aqui no prédio, que nos auxiliam. A nossa relação se dá de várias maneiras: a orientação não é só a nível de correção como nós falamos anteriormente, ela é também a nível de incentivo, a nível de ajuda no discernimento, a nível de amizade, de diálogo, acho que se não pudermos ver no formador uma pessoa amiga, então não tem sentido, então nós estaríamos a sós diríamos assim, no caminho da formação, nós temos que olhar e contar com um amigo, com um auxiliador.

## **2.b O formador como guia tem apresentado propostas de ação no processo formativo?**

No processo de formação, o formador age conforme aquilo que a Igreja pede, e a Igreja é clara nesse sentido. Nós temos vários documentos, mas aqui há dois níveis: há propostas da Igreja que nos é aplicada a nível de formação, diríamos assim, mais universal e também a proposta particular do formador que está incluída de maneira íntima em sua própria vida; então a gente tem a proposta da formação em si e a proposta do formador que não deve ser, diríamos assim, diferente da proposta da formação. Portanto, no mesmo tempo que o formador passa para nós o que a Igreja quer, ele passa a ser testemunho de realizar aquilo que a Igreja quer. O formador também é formando.

**2.c Durante o processo formativo dos futuros presbíteros, você fez um aceno para um novo paradigma: o formador não é só aquele que ensina, mas é aquele que também aprende com os seus formandos. Gostaria de falar um pouco mais sobre isto?**

Sim até porque a nossa formação, não há nível só de sacerdote, mas ao nível de se tornar humano; ela se dá na vida, a vida é uma escola pra todos. Têm alunos e professores, na vida nós temos uns aos outros, como diz aquela frase: “Ninguém é tão inteligente que não tenha nada a aprender, ninguém é tão ignorante que não tenha nada a ensinar”. Então é esse processo dialético que nos leva a compreensão do todo, esse todo é um aprender com o outro, com certeza.

**3. Como formando, como que você vê hoje a relação do formando com o formador?**

Essa relação dentre muitas coisas que a gente já elencou aqui, eu acredito que ela deva ser antes de tudo uma relação de cristãos que deve implicar tudo o que se dispõe de um relacionamento autenticamente fundamentado nos princípios evangélicos. Mas de maneira específica a relação deve cultivar a sinceridade entre os dois, se não há sinceridade no processo de formação isso aqui pode se tornar um processo de informação ou uma maneira de relacionamento que não vai haver frutos, frutos que a Igreja precisa. Acredito assim necessário a gente destacar o papel do formando como protagonista de sua formação. Não existe formador que vá fazer formando “virar um anjo”, alguém intocável, os documentos da Igreja são claros, como a *Pastores Dabo Vobis* que fala da necessidade de um olhar sobre o formando, mas que o formando é responsável por si é isso em muitos âmbitos, diríamos de maneira mais exata que se dê maior atenção ao caminhante. Assim, o formador deve dar uma atenção ao formando, sujeito concreto empenhado nesta aventura de servir. Afinal, Igreja é comunhão.

**3.a O papel do formador é apresentar uma proposta fundamentada nos documentos da Igreja. É importante o formando evidentemente seja sujeito de sua própria formação. É claro que não vai fazer uma formação conforme ele quer, mas moldado justamente naquilo que está sendo proposto para ele na casa de formação. Você disse que deve haver por parte do formando também uma sinceridade, por parte do formador uma sinceridade. Quando não acontece a sinceridade por parte do formando, quais são as consequências que isso acarretaria?**

As conseqüências são claras, a formação não acontece. Ele pode se preparar para todas as outras coisas, mas não vai se preparar fundamentalmente para o sacerdócio, porque a base do sacerdócio é a sinceridade: sinceridade consigo mesmo e sinceridade com o outro. Daí isso à nível de vida, por exemplo, como uma frase do próprio Jesus: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Onde não há sinceridade não há verdade e se não há verdade, logo nós vamos nos aprisionar nos nossos ideais, nos nossos egoísmos, na nossa subjetividade e o processo formativo, sendo bom, sendo ruim, sendo eficaz ou não, ele não vai conseguir jamais fazer o efeito necessário para que nos formemos diante daquilo que a Igreja pede. Então, quando eu sustento a questão da sinceridade, e ao mesmo tempo eu sustento que se não há sinceridade não há nada, nós apenas corremos o risco de fazer da formação uma peça de teatro, onde a gente vai atuar (e corre o risco de atuar o resto da vida) dentro da formação, talvez no sacerdócio, mas quando nós sentimos necessidade, e a vida nos exigirá isso, de sair dessa “peça de teatro”, porque o público vai embora (uma hora o público enjoa), quando nós sentimos a necessidade de sair desse “teatralismo”, conseqüentemente corremos o risco de esquecer quem somos de verdade, se nós não tivermos essa fundamentação de sinceridade. Então se não tivermos sinceridade não há formação, não há cristianismo, não há vida.

**4. Futuramente, como presbítero, você gostaria de exercer a função de formador em casa de formação?**

Bom, eu acredito que é uma questão um pouco mais delicada, porque a pergunta me parece deslocada no sentido de que nos formamos para sermos obedientes, esse é o ideal, e corresponder não ao gosto nem às nossas necessidades, mas à necessidade da Igreja. Então, quando se pergunta ou nos perguntam “você gostaria de ser isso ou aquilo?”, na verdade nossa resposta é “a Igreja precisa que eu seja isso ou aquilo?” Então começa

por aí. E essas necessidades podem ser em vários locais, inclusive nas casas de formação, é lógico. Contudo, se minha formação for adequada, com certeza eu teria o preparo suficiente para ser formador, mas isso não depende do sacerdote ordenado, não depende do meu gosto e da minha vontade. Afinal, os padres não escolhem para onde vão, ou escolhem? Não deveriam, pelo menos. Não é uma questão de gosto, mas sim de necessidade. Particularmente, eu não teria nenhum problema, se a Igreja me exigisse exercer uma função de formador. Somos ordenados para servir em qualquer lugar e em qualquer função. Eu penso necessariamente isso.

#### **4.a Com relação a essa dimensão de serviço, o que você entende por formação adequada?**

Formação adequada é muito abrangente, então vou elencar alguns princípios que eu entendo no sentido de gostar daquilo que faz, porque um bom formador tem que ser um bom sacerdote. Ele tem que ser um sacerdote experiente no sentido de vida, no sentido de compreensão do humano e de todas as dimensões que a formação nos propõe e mais, digamos, a preparação adequada ou a preparação fundamental que elenco aqui é a preparação que engloba todo o sacerdócio. Não é somente a preparação intelectual, eu acredito que um bom formador vai ser formador por ser inteligente. Eu acho que isso não é condição essencial. Eu acredito que um bom formador é aquele que se dispõe a ser obediente, a servir, e quando a Igreja necessitar dele dentro da casa de formação, além de ele ter toda a bagagem daquilo que eu elenquei como uma preparação adequada será também uma adequação à formação, então, porque veja bem, existe uma coisa que muitas vezes a gente esquece como, por exemplo, nós que estamos nos formando, nós passamos em torno de oito anos dentro do seminário. Nós conhecemos todas as estruturas do seminário. Nós sabemos como funciona e não funciona, o que pode e o que não pode, como anda a comunidade e não anda, as dificuldades, nós conhecemos esse “mundo” aqui dentro de uma maneira muito plena. Isso a estrutura nós praticamente decoramos, mas quando eu digo de uma formação preparada para ser um formador, é a questão de também trazer a bagagem de fora, de saber, por exemplo, como funciona uma paróquia, saber como o mundo lá fora exige o sacerdote, porque não se forma um seminarista para a formação somente, forma-se seminarista para ser um bom sacerdote, isso em todos os modos que a Igreja pede, não perdendo de vista a caridade, a experiência, o serviço, a dedicação, a parte também dos estudos é importante. Eu acredito que é um conjunto, um

conjunto da pessoa que se manifesta e que é aprovado pelo bispo quando ele decide ordenar. Então, em suma, todo sacerdote ordenado deveria, pelo menos idealmente, estar preparado tanto para servir numa paróquia quanto para servir na formação.

**4.b Você acredita que além dessas características que o futuro presbítero deve ter para que amanhã esteja disponível tanto para trabalhar na paróquia quanto em seminários, especificamente falando em seminários, você acredita que somente essas características são suficientes ou deveria ter um estudo um pouco mais aprofundado para trabalhar especificamente com os formandos?**

Agora, em nível de especificidade, por exemplo, se eu for trabalhar em uma paróquia que tenha uma dimensão econômica, diríamos assim, ou pouco mais abaixo da média, eu vou ter que chegar lá, vou ter que trabalhar, ver o lugar, estudar, ver. Vou ter que, digamos, fazer um estudo profundo do campo em que eu vou atuar. Se eu for pegar uma paróquia de centro, a maneira de atuar é totalmente outro, então eu vou ter que estudar, vou ter que me aperfeiçoar. E dentro da formação não é diferente: existem características próprias do formador. E aqui, além dessas características gerais que eu já disse, são características que vão permitir que ele faça que a formação aconteça: primeiro, conhecer o que a Igreja quer da formação, o que a Igreja nos diz a respeito da formação. Então, todos os pontos que a Igreja elenca: conhecer o que é a formação.

## **5. Gostaria de dizer uma palavra final?**

Então nós não necessitamos somente de formadores, nós necessitamos de santos. Por que o santo fala nem que seja isolado de todo o mundo, nem que seja no silêncio, nem que seja em uma prisão. Acredito que o formador deve ser além de ser humano, de ser compreensivo, além de dialogar de buscar o conhecimento do próprio Cristo ele tem ser e ter essa visão de santidade, ele tem que ser um sacerdote segundo o coração de Jesus, se ele conseguir ser esse sacerdote o resto é consequência.

## **FORMANDO E**

### **1. Na sua percepção, como formando, que características um presbítero deve ter para ser um bom formador nas casas de formação?**

Num primeiro momento acredito que ele deva ser saudável e equilibrado. Ter uma boa saúde física e psíquica. E teria que ser equilibrado em todas as dimensões, em todas as suas ações. Acredito que é o que se espera de alguém que é colocado na frente de um processo que vai ajudar os futuros padres a se tornarem também cada vez mais equilibrados. Então acredito que o formador deve estar pronto para enfrentar até situações de adversidades, de frustrações, que possam vir acontecer, que possa enfrentar e analisar as coisas para que assim, ele possa analisar com objetividade e com caridade. Mas também acho que ele deve ser um homem de oração, porque o exemplo, o testemunho sempre ensina muito mais do que as palavras, então acho que a Igreja afirma muito isso que o futuro sacerdote deve buscar ser um homem de Deus, um homem de oração, então também o presbítero deve dar esse testemunho, ele que é colocado como formador. Mesmo que ele se dedique exclusivamente à formação, acredito que é preciso também que ele tenha um zelo pastoral, mesmo que, digamos, não tenha um empenho pastoral propriamente dito em uma paróquia, mas no seminário ele também está exercendo seu múnus pastoral de formador. E também ser dedicado em uma formação integral permanente, porque isso também, num sentido de exemplo, mas também para que ele saiba lidar melhor com as situações com os seminaristas, com os formandos. Quanto mais ele vai se dedicar a isso, a continuar seus estudos, ao buscar crescer e estar atualizado naquilo que a Igreja orienta e naquilo que o mundo também se desenvolve, quanto mais ele estiver atualizado nisso, melhor ele vai poder exercer sua função.

#### **1.a Com todas essas características verbalizadas, você quer dizer que o formador ele deve ser uma referência para os formandos?**

Sem dúvida nenhuma. Eu acho que ele que é colocado como formador, ele fica como uma referência para o futuro presbítero quando, o presbítero sempre vai ser lembrado, aquele seminarista vai se lembrar do seu formador, o que vivenciou com ele no tempo de seminário. Então, sem dúvida nenhuma o formador tem esse aspecto de referência para o formando. Ele é o presbítero mais próximo e eu até ousaria dizer, o

formando é capaz de perceber no formador as qualidades, mas também alguns defeitos que todos temos. E isso faz com que se veja que o ministério sacerdotal é algo exercido por gente humana, por pessoas, não é exercido por anjos, então, eu acho que esse contato com o formador, vendo suas qualidades e seus defeitos, tenha esse sentido de referência.

## **2. Qual a importância do formador nesse seu processo de discernimento vocacional?**

Eu penso que nem sempre dentro do processo nós conseguimos olhar para nós mesmos com objetividade, ficam sempre em nossas cabeças coisas assim. Nós não somos capazes de ver em nós tudo aquilo que precisamos melhorar ou tudo aquilo que podemos desenvolver mais, que talvez isso não seja tão negativo, mas que precisa melhor ser desenvolvido. Um papel importante do formador se dá nesse sentido, porque ele é aquele que vai olhar de fora. Eu penso que, por exemplo, com um exemplo bem prático da minha vida, no meu processo de discernimento vocacional, todos os meus formadores foram muito importantes porque dão essa dimensão de dar um retorno, dar um feedback, dar uma resposta àquilo que eu talvez precise melhorar ou que eu tenho que desenvolver melhor. Então eu acho que só com a ajuda desse fator externo, dessa pessoa olhando de fora, nós conseguimos melhorar cada vez mais. E o formador, na minha concepção, tem essa importância porque ele tem o papel de ajudar nesse processo.

### **2.a Você quer dizer com isso que o formador deve ser aquele pedagogo da presença?**

Com certeza, eu acho que o formador tem essa dimensão de ser aquele que conduz, como o nome do pedagogo diz, aquele que vai conduzir. Eu acho que o formador tem esse papel. É claro, alguns, e eu já passei por vários formadores, alguns têm uma presença mais ativa na casa, outros menos ativa, mas essa presença é sempre qualitativa, isso que é o mais importante. Talvez o número de horas, se fosse para contabilizar, fosse menor, mas é uma presença sempre qualitativa que vai com certeza orientando e guiando. E é aquele que tem essa presença como um pedagogo que procura orientar.

### **3. Como formando, como você vê essa relação formando - formador?**

Num primeiro momento eu fico pensando por quantos formadores eu já passei e fiz as contas: foram nove até hoje, então eu já convivi com nove formadores. Eu acho que é evidente que como qualquer relação interpessoal, eu tive mais facilidades com uns, menos com outros, mas de qualquer forma, eu acho que a relação entre formador e formando, num primeiro momento, deve ser sempre mantida na sinceridade. Quando há verdade, quando essa relação se estabelece com verdade, então ela vai ser harmoniosa, vai ser fraterna, vai ser frutuosa, poderíamos dizer. Acho que quando somos verdadeiros, tanto da parte do formador, quanto da parte do formando, ambos podem ter a oportunidade de crescer, porque o formando, no seu processo de se formar cada vez mais, o formador também, sabendo aprender naquilo que pode aprender. O que falta ainda, eu acho, nesse relacionamento, é essa relação mais aberta assim. É uma amizade filial até poderíamos dizer do formador para com o formando, ela oferece muito e é de grande crescimento para o formando. Quanto mais você se distancia do teu formador, vendo muito de uma perspectiva de autoridade assim, de cima para baixo, eu acho que isso vai distanciando e vai dificultando, talvez, o processo. É claro que a autoridade existe e precisa ser exercida, mas sem cair em ditadura e sem cair no medo. Eu acho que nunca o medo deveria estar presente nessa relação. Deve ser uma relação de muita confiança. Assim como o formador tem que ter liberdade para falar ao formando, o formando deve ter essa autoridade de se abrir com o formador. Acho que isso é o essencial dessa relação.

#### **3.a O que você acredita que pode acontecer nessa relação formando-formador quando o formando é despertado no seu sentimento de medo pelo seu formador?**

Acredito que a primeira resposta de agir em função desse medo será se esconder, não ser sincero. Se eu dizia que a sinceridade vai ser frutuosa, não tem dúvida nenhuma que o esconder-se, o retraindo-se, o não querer manifestar-se ao formador, quem vai sair perdendo é o próprio formando, e poderíamos dizer até de um modo mais amplo, a Igreja, porque aí não serão melhorados aspectos que poderiam ser melhorados. Talvez possam até serem aspectos graves que depois podem até vir a estourar, ou talvez aspectos menos graves, mas que para a vida de cada formando, de cada pessoa, poderia ser muito melhor trabalhado se de repente ele se abrisse. E eu tenho, assim, prática no sentido que, muitas coisas que eu relatei aos meus formadores até hoje, eu vi o quanto melhorou digamos que,

eu dou um exemplo bem claro, na relação com o meu pai, o fato de ter me aberto com os formadores com relação a isso me ajudou muito a trabalhar isso, a relação com o meu pai. E isso para mim, eu vejo que foi só a partir do momento que eu me abri. Enquanto eu não tivesse falado, enquanto eu não tivesse expressado meus sentimentos, isso não iria acontecer, então quando a gente age em função do medo, se deixar agir em função do medo, com certeza quem vai sair perdendo é o próprio formando.

**3.b Dentro do processo formativo, além daqueles contatos informais com os formadores, você tem algum contato formal, algum momento onde você pode abrir o seu coração para o formador?**

É costume, acredito que é um costume muito bom, muito salutar, que é a gente ter sempre uma conversa ao menos mensal com o formador. Eu acho que isso é de fundamental importância: porque? Porque nos momentos informais nem sempre você vai se abrir, nesse sentido mais profundo que talvez seja necessário para o crescimento espiritual e formativo. Os momentos informais ajudam sim no estabelecimento da amizade, da confiança, mas os momentos propriamente formais, horário marcado, vai lá conversar, pensando em que assuntos vai trabalhar com o formador. Então acredito que nesse sentido são importantes os momentos formais. E acho sim que é necessário esse contato formal.

**4. Futuramente como presbítero, você gostaria de exercer a função de formador em casas de formação?**

Eu acredito que quando a gente sente o chamado para ser padre, a primeira imagem da vocação sacerdotal nunca é de ser formador, ou mesmo assumir uma função administrativa na diocese ou coisa assim. A primeira imagem do padre que eu tenho desde criança é sempre aquele padre da paróquia, do contato com o povo. No entanto, desde a minha entrada no seminário, a gente começa sempre a ver o quanto é importante o papel do formador e quanto são valiosos e importantes para a vida da Igreja e também passei a acreditar que eu também posso ser formador e que também como formador eu também pudesse realizar-me na minha vocação. Antes eu queria, se me perguntasse isso a uns cinco ou seis anos atrás, eu diria que não, eu diria que “não, eu quero me realizar enquanto padre, na paróquia”, mas hoje não, hoje eu acredito que como formador, o formador

também tem essa possibilidade de se realizar e de servir a Igreja através de sua função. Então acho que a minha resposta é sim. Eu gostaria até de exercer a função de formador, porque eu acredito primeiro que é um modo de estar a serviço da Igreja, de ajudar no presente da Igreja e no futuro também, porque está trabalhando com os futuros padres. E eu acredito que sendo formador eu até, entre aspas, sairia ganhando, no sentido de que a convivência com os seminaristas, a convivência com os formandos traria, acredito, um grande crescimento espiritual e humano, principalmente, na convivência, na vida comunitária. Nós que somos chamados a sermos padres diocesanos talvez não tenhamos tanto essa dimensão de vida comunitária depois de padre, agora, o formador sai ganhando nesse sentido, ele é chamado a ter essa vida comunitária com seus seminaristas, com os padres com os quais trabalha. E essa relação também entre formando e formador que eu acredito que pode ajudar muito, como eu dizia quando me perguntava da relação, o crescimento não é só do formando que vai buscar crescer, mas acredito que o formador também cresce a cada momento, a cada contato.

#### **4.a Para ser um bom formador você acredita que basta ter o bom senso, os cursos de filosofia e de teologia ou outros cursos específicos?**

Eu acredito que não basta, não pode parar na formação inicial, o novo documento da CNBB traz muito isso, o tempo da filosofia e teologia como uma formação inicial. A formação, ela continua. Para exercer bem sua formação acredito que o formador tem sim que buscar meios necessários, quanto mais possíveis para melhorar seu desempenho como formador. E aí, nós vemos aí os últimos documentos da Igreja falando do auxílio da psicologia na formação, nós podemos ver sem dúvida nenhuma o auxílio de uma sã pedagogia, de uma especialização em determinados níveis que possam ajudar realmente nesse contato com o formando, com o formador. Acredito que quanto mais o formador buscar se formar, buscar se conhecer melhor, melhor vai desempenhar a sua função.

#### **5. Gostaria de dizer uma palavra final?**

Eu acredito que uma palavra final seria aos formadores e formandos, que deixem que essa relação seja sempre mais aberta, sempre mais amiga e fraterna, baseada na

verdade, acho que isso é o fundamental: uma relação baseada na verdade, uma relação baseada na sinceridade com certeza vai trazer muitos ganhos para ambos os lados.

## APÊNDICE D

## TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS FORMADORES

**FORMADOR A**

**1. Como foi sua trajetória de formação para a função de formador? Em que momento, ou quem o motivou e/ou direcionou sua escolha para a função de formador?**

Primeiramente não houve uma trajetória específica, uma preparação tendo em vista a formação, mas a preparação se deu naturalmente com o estudo da teologia com alguns momentos específicos de formação que fui tendo ao longo da vida, a formação própria do seminário. Depois tive alguns contatos com alguns padres da Opus Dei, alguns convívios que tive, isto é, alguns momentos de formação, mas não houve uma preparação propriamente específica. Podemos dizer que as coisas se deram de forma natural, de modo muito simples assim. Depois quanto ao momento em que fui escolhido, foi logo após o finalzinho do diaconado, antes ainda da ordem presbiteral, de tal forma que quando me ordenei já estava no seminário. Depois quanto ao direcionamento, acredito que da equipe dos formadores alguém tenha indicado ao bispo, permitindo que ele fizesse essa escolha, mas sem uma preparação específica.

**1.a Que característica que você percebeu em você que fez com você fosse escolhido para estar aqui na formação dos futuros presbíteros, pelo que você se conhece, se percebe?**

Creio que o caminho foi normal, isto é, com carinho e dedicação tanto no campo dos estudos também da convivência certamente com limites, mas com grande esforço de levar uma vida séria; também no campo doutrinário de se preocupar com os elementos próprios de nossa fé, no campo moral também creio que estes elementos foram importantes para que se fizesse essa escolha. Naturalmente havia outra pessoa que poderia talvez até com

melhor jeito, com melhores condições também de assumir essa função de ser formador dos futuros presbíteros.

### **1.b Digamos que a obediência em primeiro lugar, mas também podemos aliar uma boa vontade de trabalhar na formação dos futuros presbíteros?**

De fato acolhi com alegria o chamado para trabalhar na formação que é um grande desafio, mas também uma grande graça, um grande dom de Deus poder ajudar para que o jovem possa também se preparar. Depois é um serviço mediante o chamado à vocação sacerdotal.

## **2. Como você vê o processo formativo dos futuros presbíteros na atualidade?**

Primeiramente vejo com esperança porque a formação, pelo fato de ser um dos meios de renovação da Igreja, a renovação dos modos de ser da Igreja no mundo, a nova evangelização que nos tem falado o atual papa Bento XVI, supõe um pouco a renovação da formação dos nossos jovens e futuros presbíteros. Naturalmente vemos dificuldades, vemos jovens que vem de contextos diversos com virtudes, com grandes limites, sobretudo, a questão das famílias desestruturadas, que geram grandes dificuldades para a pessoa naturalmente para o seu desenvolvimento; depois, a educação intelectual também com grandes limites, grandes falhas, às vezes o jovem não consegue se desenvolver nesse processo ou se desenvolve mas de um modo mais lento e com certeza exige um pouco mais dos formadores. Depois, o mundo atual também traz uma série de dificuldades quanto ao hedonismo, no sentido de se ter uma vida mais fácil, momentos de prazer e de lazer. Momentos que não exigem grandes sacrifícios. Criar uma mentalidade um pouco mais mística no sentido de assumir uma vida mais sacrificada é difícil! No jovem de hoje, porque ele apreende as coisas de outra forma, nota-se algo interessante quando entra no seminário, traz uma linguagem também nova, uma linguagem que pode permitir à Igreja uma aproximação dos seus fiéis entendendo, os meios atuais de comunicação, de como se deve usar a internet e outros meios que possibilitam que as pessoas de mais idade têm dificuldades de usar, tudo é visto com um grande dinamismo e como possibilidade de crescimento para o jovem atual, do seminarista atual.

**2.a Tendo em vista que você vê o processo formativo com muita esperança e que os seminários possuem um guia pedagógico, o que você diria sobre a importância do guia pedagógico?**

Creio que o guia pedagógico ajuda sim! Porque propõe um caminho, e ao mesmo tempo, guarda uma experiência de vida. Ele não condensa coisa assim do nada, mas é de fato fruto de experiências de pessoas que já vivem nesse meio que já guardam um histórico. Naturalmente propõe coisas novas de modo ordenado. Isso ajuda os jovens a perseverarem na realidade que se encontram e devem se lançar. Creio que é de grande ajuda. Evidente que temos hoje um número muito grande de informações de escritos sobre a formação, mas creio que a diferença está no fato de se escolher bem determinado material e também de seguir com clareza, com constância aquilo que se propõe, demonstrando ao jovem que não se faz um caminho improvisado, mas que se faz um caminho sério, pensado, que dá segurança e dá confiança ao jovem para que ele possa prosseguir. Realmente o guia pedagógico pode fazer um grande bem.

**3. Quais as dificuldades encontradas em sua função de formador?**

Uma das grandes dificuldades que podemos ver é o ativismo ou o grande acúmulo de atividades. O formador não está totalmente dispensável para a formação e isso a gente nota que é uma experiência um tanto comum e às vezes temos que achar tempo para fazer muitas coisas que, de repente não seria propriamente aquilo que deveríamos fazer no momento, no entanto é necessário saber por que outras coisas também estão em jogo e de alguma forma alguém tem que fazê-las. Nós, formadores da Arquidiocese de Curitiba, temos um encontro mensal, mas mesmo assim, a gente nota que conseguimos fazer bem mas é meio corrido às vezes até para se marcar as reuniões. São muitas pessoas em torno de 17 pessoas e, no entanto, tem que achar tempo para todos, então fica difícil para se encontrar. As reuniões dos formadores ajudam muito nos nossos trabalhos. Depois no campo de interação com os formandos naturalmente há dificuldades; há jovem que nos procuram com frequência, às vezes com problemas sérios que exigem um maior cuidado de mais tempo e isso às vezes pode faltar; uma grande dificuldade porque temos que dispensar muito tempo pra isso e, às vezes, não se tem o tempo suficiente.

**3.a Você falava que uma das grandes dificuldades que o formador encontra é ter tempo integral para a formação porque, geralmente, o formador tem outras atividades pastorais. Como você tem percebido a atuação do formador como o “pedagogo da presença” segundo o novo documento produzido pela CNBB?**

Realmente a presença do formador vai além da presença simplesmente corporal, embora esta presença seja extremamente necessária, supõe também uma presença de espírito, de acompanhar o formando sabendo o que acontece com ele mesmo quando ele se encontra em casa nos finais de semana, nas comunidades, em momentos de férias. O formador deve estar ciente onde está o formando e aquilo que realmente está fazendo. Enfim deve haver interação com o formando, deve haver confiança entre formador e formando. Supõe a confiança, a confiança própria e séria que deve haver entre o formando e o formador. Portanto, a interação é muito necessária. Uma presença que não pode faltar, de tal modo que o formando e o formador se encontrem durante todo o processo.

**4. Quais os desafios que o formador enfrenta na atualidade para formar os futuros presbíteros?**

Primeiramente poderíamos olhar fora da Igreja. O jovem que ingressa nas casas de formação, às vezes, vem de uma realidade eclesial, mas às vezes não. Às vezes ele vem de experiências diversas do mundo com uma fé um tanto imatura, e a formação como sabemos é exigente. Quando a formação começa a agir, o jovem passa por mudanças, por questionamentos. Às vezes estes questionamentos são grandes e em alguns casos ocorre à saída do jovem da casa de formação e em outros casos ele supera estas dificuldades. Vencer é de fato um desafio, eis a questão: como fazer com que o seminarista seja de fato um cristão que tenha consciência de batizado e de sua missão? Vemos que isso às vezes é um desafio e que isso não acontece, a prova disso é aqueles que saem e voltam muitas vezes a levar a vida de antes ou às vezes um pouco pior; então é um grande desafio fazer com que os valores cristãos entrem no coração do jovem e que ele possa ter isso como um valor, algo importante para a sua vida independente se ele saia ou fique no seminário. Depois vemos, em alguns, um espírito de egoísmo, pois quando um jovem entra no seminário às vezes não é muito disponível; em certo sentido ele não é muito de servir e

quando os formadores vão propondo as coisas alguns reagem contrariamente porque imaginam que tem direito a tudo. Reclamam dos professores porque dão textos demais; se sentem cobrados e, por isso, acham que tem razões para rejeitar aquilo que a formação propõe. É um desafio de fato cobrar os elementos na medida certa e ao mesmo tempo permitir que esse seminarista sinta-se motivado na casa de formação.

**4.a O seminarista, antes de ingressar no seminário, passa por um gradativo processo de integração: vai conhecendo o seminário através do SAV. E mesmo com todo este trabalho de acompanhamento, mesmo antes de ingressar no seminário, percebe-se que ainda não é suficiente este tempo e acompanhamento para superar os vícios, como por exemplo, o egoísmo ao qual você se referia. Pergunto: Você acredita que o seminário pode ajudar o seminarista para uma vida mais de comunidade e mais de fraternidade?**

Nós vemos que na prática certo número de seminaristas consegue dar a volta, às vezes, até em pouco tempo. Às vezes jovens que eram filhos únicos, que viviam sozinhos ou com poucos irmãos aprendem a viver em comunidade e a comunidade torna-se para eles um lugar um espaço de grande alegria, de grande convivência e outros de fato não conseguem viver em comunidade, o que os leva ao isolamento e em alguns casos não conseguem realmente ficar e acabam deixando o seminário justamente por uma dificuldade de convivência. Normalmente estas dificuldades de conviver trazem outras como, capacidade intelectual pouco desenvolvida talvez devido a um ensino fundamental um tanto ruim, gerando uma série de dificuldades posteriores e o jovem acaba não aceitando muito os limites que lhe são impostos.

## **5. Gostaria de dizer uma palavra final?**

A formação é um espaço adequado para o crescimento do jovem, para o crescimento da pessoa humana, portanto um espaço em que não fazemos o caminho sozinho..Somos acompanhados e esse acompanhamento é necessário em todos os âmbitos da vida humana e creio que ainda mais junto da formação sacerdotal, porque sabemos que o padre vai trabalhar com pessoas, sobretudo no âmbito da salvação, no âmbito da humanização e em vários horizontes que o padre pode trabalhar. Vemos que no seminário encontramos pessoas com dificuldade diversas e como é interessante que tenhamos uma

formação bem ampla, isto é, que dê a possibilidade de ajudar muitas pessoas em diversas dificuldades onde se encontram. Quando nós formadores não tivermos a capacidade de resolver ou de ajudar podemos, pelo menos, indicar os caminhos que podem ser a salvação no sentido de que a pessoa pode achar também um remédio para a sua dificuldade.

## **FORMADOR B**

**1. Como foi sua trajetória de formação para a função de formador? Em que momento, ou quem o motivou e/ou direcionou sua escolha para a função de formador?**

Antes de tudo só gostaria de situar o tempo de formador e os vários níveis de funções entre eles: formador de 2º grau como responsável pela disciplina e orientador, vice-reitor, reitor. Interessante que a escolha de formador foi à necessidade. Inicialmente não houve uma preparação específica e preparatória como algo assim, diria científico técnico, porém sempre no processo tem os caminhos. Enquanto seminarista, pensei que poderia ser padre de paróquia ou de seminário. Tinha consciência plena, mas a trajetória ou quem tencionou este começo foi através de um convite do senhor arcebispo diante da necessidade da falta de um formador no seminário SJ. A função inicial seria responsável pela disciplina e orientador dos seminaristas do 2º grau. Além dessa função fui nomeado vigário paroquial em uma paróquia no interior de Quitandinha. Estes dois elementos foram fundamentais para o processo inicial de entender o primeiro desafio da pessoa humana já que cada um tem o seu caminho, a sua história. Nessa função inicial, ainda como desafio, foi um elemento que eu diria muito difícil, muito obscuro, mas juntamente com esse trabalho junto à paróquia de Quitandinha, então eu poderia dizer que essa trajetória inicial foi primeiramente com um convite diante de uma necessidade, sem uma preparação específica, porém preparado de forma geral, eu sabia desta possibilidade. Isso dava tanto para ser pároco como formador. Nessa trajetória inicial se pudesse assim dizer mesmo não muito ainda conhecida a motivação, poderia falar no interesse que tinha de fato no ser humano, no ser humano em sua complexidade, como ele funciona, uma verdadeira paixão. Não entendia nada ainda, mas tinha verdadeira paixão de descobrir como é o ser humano, como era esse chamado, como é que a pessoa respondia onde é que estavam os itens principais a serem tocados, como é que faz o ser humano crescer, enfim, são perguntas

que me motivaram na trajetória inicial. Não tinha uma noção de como trabalhar, de como fazer, mas era uma vontade inicial, então acredito que esta primeira parte não foi uma preparação muito grande. Houve então um segundo momento quando fui convidado a ser vice-reitor do seminário M.P.R.A. Aí, então fui conhecer dois encaminhamentos, além do pessoal sobre o que é a OSIB que teve um início nesta época e logo a seguir a ARSEM. Desses dois elementos ou desde estas reuniões mensais fui aprendendo elementos fundamentais na preparação para a função; mas o que mais me ajudou foi quando fui convidado a fazer um curso em 1981 um curso para formadores em Santo Domingo, na República Dominicana. Lá durante 40 dias tive um contato mais específico com quatro dimensões fundamentais no senso de um ser humano, especificamente falando no sacerdócio ministerial, sempre tendo duas modalidades: uma, que o vocacionado vai seguir a Jesus é um grande mistério na vida, e segundo, como ele vai fazer este seguimento com objetivo específico de seguir Jesus. Lá naquele curso pude trabalhar elementos da vida espiritual, mas na parte humana comunitária que ainda era bastante um assunto bem aberto, a experiência comunitária e humana diria bem específico, depois intelectual e pastoral. Lá de fato “cai um pouco das nuvens” porque comecei a perceber o quanto é bonito, mas o quanto era desafiador o trabalho do ser humano em especial eu na função de formador.

### **1.a Além de participar de um curso em Santo Domingo e das assembléias de reitores, você fez um curso específico?**

Nestas assembléias, além de teorias trazidas, especialmente nos anos 80 a questão da humana que era o grande desafio da época, quer dizer, o que é o ser humano; a ciência não sabia ainda a base constitutiva tão extraordinária. No curso específico da OSIB, nessa organização dos seminários no Brasil, tive um curso chamado Counseling, que são relações de ajuda ao qual foi essencial, ajudou em muito. Talvez eu tivesse muita dificuldade perto do ano 2000 se não tivesse interesse, porque houve um cansaço devido às dificuldades referentes à área do entendimento na pessoa humana. Sei completamente que o desabrochar do ser humano nesta perspectiva de ser padre só é possível com um acompanhamento específico, isto é, com fases, isto é, com datas marcadas porque tem que trabalhar na hora certa, não só quando o ser humano quer, mas tem que enfrentar um ritmo. Este curso de relações humanas durou dois anos e fui convidado a continuar por mais dois anos. Hoje quando há necessidade sou chamado a ajudar neste curso de

relações humanas, nas relações que ajudam, a ajudar no encaminhamento e também na parte prática daqueles que fazem este curso. Para mim o essencial foi o escutar. Foi uma aprendizagem durante quase quatro anos e esta melhora foi decisiva, muito importante pra mim e para os formandos. Quinzenalmente procuro atender, individualmente, os seminaristas.

## **2. Como você vê o processo formativo dos futuros presbíteros na atualidade?**

Classificaria nos últimos 10 anos como excelente, comparativamente em 30 anos, eu gostaria de subdividir talvez os anos 80 e 90 que foram razoáveis. Para a época era excelente, mas para aqueles que fizeram o âmbito formativo naquela época hoje o processo formativo estaria defasado frente aos desafios da atualidade. Dos anos 90 aos anos 2000, já houve um despertar forte em varias áreas, e muitos daqueles que foram formados nesta época hoje estão bem melhores, eles estão atuando, claro, com perspectivas posteriores de uma autoformação e de continuar o processo formativo. Posso dizer que nos últimos 10 anos o processo formativo é excelente. Eu poderia subdividir o processo formativo em várias facetas: a primeira é que há uma orientação da Igreja mais clara, mais específica. Houve um trabalho muito interessante a partir do ano de 1963 onde houve uma preocupação pela formação devido à mudança na Igreja após o Concílio e ela trouxe novidades espetaculares, sendo que a novidade maior é o campo de atuação do padre dentro de uma sociedade; então já é mais aquele onde a sociedade o busca, apenas, na verdade total, mas agora há a ida e volta; a sociedade que busca, o fiel que busca o padre e o padre que tem que buscar o fiel, isso trouxe diferenciação no âmbito formativo. Gostaria de dizer que a partir dali vários documentos foram sendo oferecidos aos formadores e aí está a segurança de documentos de altíssimo nível. Cito um, o *Pastores Dabo Vobis* do papa João Paulo II porque houve um sínodo a respeito da formação e este documento resume a grande expectativa e ao mesmo tempo iluminou. Lembro quando abri o livro então era muito bom ler e perceber o quanto o processo da espiritualidade, da vida comunitária, no lado do ser humano interno, sua trajetória emocional cultural e especialmente da problemática que o ser humano está passando e depois o grande problema da questão intelectual do estudo do padre e depois a função de pastor nos desafios propriamente paroquiais que mudaram muito especialmente com o que nós hoje temos dito, assim, a famosa pastoral urbana; então a orientação da Igreja, e agora inclusive

está para sair a orientação, o guia pedagógico, podia dizer mais uma orientação segura a nível de Brasil; ele está praticamente a disposição da sociedade e especialmente para nós formadores. Desta forma as orientações da Igreja deram o que eu chamo um cunho excelente na formação; segundo eu acredito que dentro do seminário não há formador de cada espaço, filosofia, teologia, seminário menor, mas há a formação de uma equipe isso já vem pelo menos nos últimos quinze anos; é uma equipe de formadores estruturada, de qualidade, que pensam o seu processo juntos. Estamos praticamente conversando mensalmente sobre dificuldades e aí evidentemente o aluno, aquele que está sendo formado, sente que vai deixando, vai abrindo a vida. Não é só o formador que vai lhe proporcionar a formação, mas ele percebe que é o todo. Depois eu queria repetir que existe um guia pedagógico do Paraná que foi muito importante, e houve um processo de seis, quase sete anos de estudos. Este processo é muito interessante por que ele é feito nas assembleias anuais com a presença de um formador e um formado, quase um desafio, mas é de estudar este desafio. Como que ele deu certo? O formando e o formador se debruçaram em cima de problemática maior, não só de sua comunidade, mas um todo da sociedade com culturas diferentes, com outras orientações. Este guia pedagógico já está em nossas mãos, ele foi efetivo. Outro ponto eu diria, as ciências nos auxiliam também, especialmente a psicologia, a pedagogia, a sociologia. A psicologia porque o ser humano está despedaçado, eu diria, na sua ansiedade em vista da felicidade; é dito para o ser humano que ele pode ser feliz por um caminho que não o leva para a felicidade e nós, quando o formando entra em nossas casas, nós dizemos que ele vai ser feliz, mas é uma felicidade diferente; então esta problemática interna, ela tem uma estrutura e ela deve ser trabalhada com a ajuda da disciplina, dentre elas a própria psicologia, o que esta ciência faz? ajuda para que o indivíduo possa se conhecer para melhor responder na busca desta felicidade, a felicidade é dele ser, de poder estar a disposição nos elementos mais importantes no ser humano, que é ser aceito e útil e ainda ele pode seguir a Jesus porque ele é primeiramente aceito pelo Mestre e depois ele pode servir este Mestre. Segundo, a pedagogia, porque hoje não há como elaborar o processo educativo sem ter uma compreensão do ser humano, porque ele tem características hoje que o absorvem, são muitos os chamados da sociedade, são muitos os desafios das problemáticas humanas, e depois a sociologia, elemento muito difícil, que o candidato vem de um meio real, de uma família, não sei se está pior ou melhor a família humana, mas ela tem desafios muito mais profundos e que trazem marcas profundas também no indivíduo, então eu diria que hoje

nós temos condições de chegar até o formando e dar melhores soluções para que ele possa aceitar o desafio de ser padre na sociedade de hoje.

**2.a O processo formativo é um processo delicado. Você coloca duas colunas importantes nesse processo formativo, tendo em vista o discernimento vocacional dos seminaristas, futuros presbíteros: primeira coluna é a equipe formativa e a segunda coluna é o guia pedagógico. Pergunto: na realidade atual você percebe que isso tem favorecido o discernimento dos seminaristas ou falta algo mais?**

Penso que as duas colunas já estão acontecendo a mais ou menos 10 anos, com maior visibilidade; de fato são colunas fundamentais, pois não há como chegar no ser humano sozinho, sem uma abrangência, sem uma disciplina sem objetivos claros, tanto maior visibilidade mais a frente e os imediatos e por que a vida passa muito rápida e então não há mais como ser um formador único, então a equipe é fundamental. A equipe traz um estudo: o pensar do processo humano, e o processo humano é delicado. Quanto ao guia pedagógico, a sua grande novidade é que ele é feito a partir destas experiências. No Brasil, uma felicidade imensa, claro que o guia não é apenas de uma parte pragmática, apenas de palpites, não, ele é já orientado por realidades já vividas, mas estas realidades já iluminadas pela ciência, por experiências que deram certo. O guia pedagógico não é escrito apenas em teorias, mas uma teoria já baseada na prática. Eis as duas colunas: a equipe de formadores e o guia pedagógico.

### **3. Quais as dificuldades encontradas em sua função de formador?**

Acredito que são várias porque elas fazem parte do nosso processo do dia-a-dia, eu estenderia em três níveis: primeiro o processo humano; intelectual e espiritual que são dimensões onde nós atuamos e temos presente. Primeiro no processo humano é quem vem às nossas casas de formação, que é aquele que nós chamamos de formando; seminarista, e, naturalmente de forma ampla, todos eles vem de um processo de muita inconsistência, de muita fragilidade, com muitas feridas e essas inconsistências e fragilidades são provindas de sua estruturação inicial, ainda como filho lá de uma família, a família com dificuldades e desafios, muitas vezes criados pela mãe, não tendo contato mais solene com o pai. Ou então, se tem, caracteriza como um desafio de inconsistência, ou até mais, maior, de resistência, e que você processa difíceis para o padre futuramente,

porque? O padre, antes de tudo vai ter uma paternidade chamada espiritual. Não é só espiritual não, é também paternidade de pai no sentido do relacionamento. E essa é a dificuldade maior dentro do seminário. Eu sou formador, sinto dificuldades porque eles também querem ver em mim uma paternidade e que ela seja consistente. Claro que a dificuldade maior eu poderia dizer aqui é a de dupla mão. Primeiro, tenho que estar atento ao meu processo interior e sei muito bem que se eu não estiver bem, não estiver integrado, eu não dou conta do processo chamado humano, que é uma dificuldade grandíssima, nem é um desafio, é uma dificuldade do dia-a-dia. Então, particularmente, eu semanalmente faço um processo terapêutico para poder me integrar fisicamente, e mesmo assim a dificuldade é muito grande. Então, nessa questão da paternidade, ela é uma dificuldade encontrada por causa já do indivíduo que vem de famílias, eu diria assim, com desafios muito grandes, entre eles o pai porque ele também vai ser pai e normalmente depois, se eu não conseguir tocar nesse formando essa situação, ele depois como padre vai desenhar uma dificuldade, ou ele vai continuar a mesma dificuldade que ele teve lá no processo, claro, de forma superficial que estou dizendo, mas ele vai ter muita dificuldade de desempenho na questão da pastoral. O que vai acontecer: ele vai fugir, ele vai se irritar com o processo, ele vai ser superficial, ele vai procurar outras atividades e não vai conseguir direcioná-las para aquilo que é específico na comunidade. Então esse processo humano, eu diria, inconsistência, fragilidade, é muito interessante. Segundo: há uma chamada para o processo intelectual. O que é intelectual: é o que o padre deve estudar no âmbito teológico, filosófico, e especialmente depois no sentido de comunidade, dos desafios daquilo que chamamos de relacionamento. E por isso então, especialmente nas décadas de 70, 80 e 90, não se via que o padre precisava estudar tamanhamente, ou se ele estudava, eram ciências de âmbito mais amplo e não as mais específicas, por exemplo, a teologia para ter um aprofundamento e saber dizer ou evangelizar ou, nós dizemos assim, passar o mistério àqueles ouvintes. A grande reclamação nos últimos 20 anos, é que o padre não consegue falar teologicamente. Ele fala muito superficialmente. Eu acredito que a preparação intelectual é uma dificuldade do dia-a-dia. Agora, o susto maior é que o formando está dentro de um processo onde ele não vê que isso é importante, por enquanto. E dentro desse processo a dificuldade maior era de âmbito de disciplina. Eu ainda não descobri exatamente como trabalhar isto, mas há uma dificuldade de que os estudos tenham uma disciplina, isto é, dedicar tempo específico. Terceiro, no âmbito espiritual, que é muito interessante essa dificuldade, porque incrivelmente o formando quer buscar uma mística mais profunda. Ele não aceita mais a superficialidade. Ele é superficial,

ele resiste ao apelo, mas se o processo formativo não lhe oferecer algo mais consistente ele não vai aceitar e ele vai ser um crítico e ele vai pedir, portanto, mais profundidade. Nós chamamos isso no âmbito espiritual de mística, mística mais profunda. Ele quer achar uma motivação mais profunda para o exercício de seu ministério. E quando ele acha, ele se torna maravilhoso, ele é o motivador extraordinário. Então três dificuldades entre tantas, eu diria, no processo humano seria a fragilidade; no processo intelectual, um estudo mais disciplinado; e, no processo espiritual é a busca mais profunda, e ela já é verdadeira, isso já é sentido: o ser humano formando quer aprofundar na mística. Há uma problemática: o processo formativo ainda não conseguiu estabelecer melhorias porque nós não temos também formadores que puderam fazer uma profundidade maior, que tiveram uma experiência maior e, portanto esse desafio ainda nem é dificuldade, já se torna um desafio para o processo formativo.

**3.a Diante dessas dificuldades que você elencou, como que você procura trabalhá-las no processo formativo? Existe um espaço de conversas com o formando que você vai pontuando para ele ou não? Como é que você devolve essa dificuldade que você sente no formando, como é que você trabalha isso?**

São dois os encaminhamentos para que as dificuldades possam ser saneadas e trabalhadas. Primeiro é a chamada organização do processo interno: o formando sabe exatamente que existem objetivos a serem alcançados e avaliações. Elas são de forma comunitária, então é um processo difícil, mas tem dado certo e a grande descoberta dentro do processo e aliviou muito foi que os objetivos e as avaliações tiveram uma pequena mudança pedagógica, em vez de dizer “nós temos que trabalhar com tais objetivos, eles tem que ser alcançados”. Segundo, então vamos avaliá-los, mas a avaliação é sempre de uma forma negativa que eles entendiam, que era chamar a atenção deles, pontuar negativamente. E aí, então, nesse processo comunitário, pelo menos nós aqui no seminário, atuamos com três perguntas, que eu acredito que já estão bastante espalhadas nos processos do Paraná que eu sinto e até do Brasil. É: “quais os ganhos que tivemos até agora ao procurar alcançar?” Em outras palavras simples, “o que de bom aconteceu?” Nunca começaram pelo negativo que era o específico e até a gente tem vontade de ver primeiro aquilo que não funciona. E, engraçado porque esse processo elaborou um processo mais dinâmico. Então primeiro é “o que de bom aconteceu”, segundo: “o que precisa ser melhorado?”. E por último, avaliar os pontos chamados assim de desafios,

dificuldades que emperraram o processo. Então esse no nível comunitário. Agora, tem o mais importante que é no nível pessoal, não tem outro processo que eu conheça a não ser aquele que você vem pontuando especificamente numa conversa pessoal, e até por isso que o meu curso de relações de ajuda e de escuta foi importante, porque nessa hora eu preciso ouvir o formando e à medida que ele vai falando, eu vou conseguindo captar o que está acontecendo no conjunto, não só naquela dificuldade que ele está apresentando, porque aquilo é muito fácil, eu posso responder, mas é escutando em vários momentos, não só quando ele quer, ou então quando ele está em situação delicada, com problemas, mas efetivamente, sistematicamente, isto é, e aqui no mínimo uma vez por mês, na minha casa este é o mínimo, só que constantemente a gente se reúne de forma direta, isto é, ao momento específico, e depois há mais dois outros momentos que são de ordem de fora do processo. Muitas vezes no momento que está acontecendo alguma coisa, então a gente senta e sai fora daquele processo, revê e depois, durante o acompanhamento personalizado, que é assim chamado, a gente tem como trabalhar. Na dinâmica de como trabalhar essas dificuldades de órbita comunitária, alcançando sempre, fazendo perceber que ele está percorrendo o caminho, que ele teve bons momentos, que ele conseguiu alcançar vários objetivos, segundo o que ele ainda precisa e como, e depois as dificuldades, isso no nível comunitário. No pessoal, é incrível, mas a questão da escuta enquanto ele vai colocando, na medida em que eu vou devolvendo, vou clareando para ele, ele mesmo vai conseguindo captar as resistências, as necessidades, as inconsistências, a fragilidade, e aí então não machuca tamanhamente o formando porque, de fato, um dos problemas maiores é que eles são muito sensíveis, mas foi a única forma, na devolução ao formando é que foi possível, ou que é possível tomar consciência do processo.

### **3.b Poderíamos dizer que o formador deve ser o pedagogo da presença na casa de formação?**

Talvez esse seja o elemento mais importante, a presença do formador permanente e de tempo integral, ela é fatal já no processo, não há como esconder isso. Inclusive o grande problema nosso como desafio do formador é estar presente no processo, porque como ele é difícil, porque você é acuado pelo processo, o processo é discutido com você e você tem que dar um testemunho elaborado, normal, então a presença do formador faz com que eu possa ver o processo formativo ou o guia pedagógico, captar e ao mesmo tempo ir atualizando o formando, mas mais do que isso, a minha presença vai ajudando até

que o formando ganhe segurança e especialmente que eu possa observar como isso funciona nos mais diversos momentos da formação, seja eles de forma comunitária, mais pessoal, no dinamismo das atividades mais comuns. Enfim, dentro do processo, a presença do formador é o elemento fatal.

#### **4. Quais os desafios que o formador enfrenta na atualidade?**

O desafio fundamental é a questão chamada dedicação. É um formador com presença integral, porque fundamenta o processo do encaminhamento da formação no indivíduo. O formador integral, quer dizer uma presença efetiva, pedagógica, iluminadora, e também de direção, que ele possa sentir alguém que está ao lado desafiando o formando e especialmente orientando, mas também o desafio, além da total dedicação, de ser um formador integrado, e aí então um trabalho muito interessante para aqueles que vão ser formadores, pois acredito que assim como eu fui apenas convidado, e lá no início eu tinha mais chance de acertar pelo processo, hoje a chance é menor, o formando, o formador convidado vai ter, eu diria, um acento imediato, ele vai ter que se preparar mais rapidamente, então, total dedicação. Segundo, eu chamo de adequação pedagógica do espaço, isso é importante hoje, como trabalhar isso numa casa de formação? É fazer com que o formando já sinta que ele não vai trabalhar como padre daqui há dez anos, que ele vai trabalhar como padre já agora, então eu diria que ele vai fazer pastoral? Não, ele já está fazendo pastoral. E esse estado de adequação pedagógica não é só de espaço, mas é do desafio que a vida passa muito rápido e ela já é importante vivê-la adequadamente na situação de seminarista. Por isso adequado ao espaço, nem mais luxuoso e nem mais ou menos que comprometa o dia-a-dia da vida, por isso não dá pra dizer que é só depois que eu vou trabalhar. Não, desde já eu vou fazer com que a vida seja vivida no momento. Terceiro, é um padre que, ou melhor, o desafio maior, desculpa, é dizer que nós não temos a capacidade, muito menos “bola de cristal” para em dois ou três anos, ou em quatro anos formar uma pessoa humana. Isso eu acho que a ciência já nos ajuda ter essa percepção de um todo da vida que vai encaminhando. É uma visão mais ampla do ser humano que o mundo está tendo esse exercício que é desafiador para a busca da paz, para a busca do bem estar, para que todos se entendam. Então, a formação permanente do padre e o desafio maior na formação é fazer com que esse que está passando pelas nossas mãos tenha esse interesse de estar permanente se formando nas várias áreas, não só intelectual, espiritual, mas especialmente na atuação interna, no autoconhecimento,

enfrentando terapia, se for preciso, estar atento àquilo que necessita, enfim, estar sempre se adequando a cada passo e aí então, evidentemente que o processo tem uma responsabilidade muito grande naqueles três ou quatro anos, mas mais importante que no processo, o formando perceba que é importante ele estar atento a si e ao processo externo de seu trabalho permanentemente. Eu chamo isso de formação permanente conforme os documentos e guias pedagógicos. Todos eles alertam.

**4.a Como formador dos futuros presbíteros, você comentou nas suas respostas que o formador deve ser uma pessoa integrada. Poderia explicar?**

Plenamente. Dentro dos trinta anos de formador esse foi o elemento mais contundente: saber que eu não vou vencer a prática da formação externa se eu não estiver adequado. E o que isso compromete? É que eu me conheça cada vez mais. Portanto o formador é o primeiro a buscar essa formação. É muito interessante isso, mas eu diria que no processo formativo eu ganho mais do que o formando, porque o formando ainda não tem, ele está sem as experiências, mas eu já tive. Cada vez que os desafios são grandes em todos os níveis, mas este, porque o formando toca minhas áreas principais, aquelas de maior sensibilidade, e as mais importantes são estas: das resistências referentes ao processo humano de acolher o diferente; depois, de perceber que eu, como líder, preciso não só obter a liderança externa, racional, mas a nova liderança paterna, de passar o amor, passar, especialmente que ele sinta que ele é amado, que ele é importante no momento mais específico da vida, sem que isso torne maior ou menor, mas que ele sinta o sabor de ser pessoa. Mas se eu não tiver esse sabor, eu não tenha desenvolvido essa temática interna espiritualmente também no processo terapêutico, dificilmente eu vou conseguir amar o formando e se eu não amar, ele não crescerá. E amar o formando é entendê-lo. Não quero dizer que com isso estou de acordo com a problemática dele, não. Eu vou buscar entendê-lo e a partir desse entendimento, desse carinho, desse amor, ele vai conseguir captar e mudar.

## **FORMADOR C**

**1. Como foi sua trajetória de formação para a função de formador? Em que momento, ou quem motivou e/ou direcionou sua escolha para a função de formador?**

Como todo presbítero da Igreja Católica, passei por dois processos formativos: no Seminário Maior Filosófico B.P., de 2003 a 2004, no qual cursei o curso de filosofia e posteriormente, de 2005 a 2008, cursando a faculdade de teologia, morando no Seminário R.A. nos três primeiros anos e no último ano no Seminário S.S. Além dessa formação eclesial para o futuro presbítero, também acredito que contribuiu para minha escolha como formador ter feito o curso de Serviço Social antes de entrar no seminário no ano de 1997 a 2002. Então, tudo isso contribuiu para minha formação intelectual. O que motivou a minha entrada no seminário para a função de formador foi um pedido do senhor arcebispo D. M.J.V., que, junto com a equipe de formadores e o conselho presbiteral viram em mim, um jovem recém ordenado, a possibilidade de contribuir na formação de futuros sacerdotes, função essa que desempenho desde o ano passado (2009), mas precisamente no mês de agosto, no qual vim a substituir o Pe. M.G.A que era então o atual vice-reitor. No primeiro semestre de 2009, acumulei a função de diretor de estudos e a partir de então, até o presente momento, sou vice-reitor da casa de formação Seminário Maior Filosófico B.P.

**1.a Tendo em vista que você já tem dois anos de formador, você acredita que para ser um bom formador, ele o será apenas pelo bom senso ou ele precisa fazer algum curso de especialização que você vê que é necessário para melhor ajudar os formandos no seu processo de discernimento vocacional?**

Embora já tenhamos a formação básica eclesial de um sacerdote, hoje o processo formativo exige de nós, padres formadores, que estejamos em constante atualização, através das publicações da Igreja precisamos buscar os dados atualizados com a realidade que nos circunda e principalmente através daquilo que nós chamamos de formação permanente, que vem através de atualizações para o sacerdócio, através de cursos, através de pós-graduações, mestrados ou doutorados. Então, essa constante formação é necessária porque é muito superficial apenas o estudo que nós temos. Hoje os desafios e dificuldades exigem de nós formadores atualizações constantes e para toda a vida.

## **2. Como que você vê como formador o processo formativo dos futuros presbíteros na atualidade?**

Eu vejo que o processo formativo dos futuros presbíteros na atualidade engloba tudo aquilo que um bom padre do futuro, à imagem de Cristo Bom Pastor, precisa ter: uma formação adequada na parte intelectual, que responda àquilo que a sociedade e a própria Igreja exige de um padre, também corresponde e ajuda o futuro presbítero a ser o Bom Pastor através da dimensão pastoral, sabendo dialogar com o contexto eclesial-pastoral da nossa Igreja, assim como também auxilia o futuro presbítero sabendo trabalhar com a sua parte afetiva através da dimensão humano-afetiva. E por fim, o atual processo formativo ajuda o futuro presbítero também na dimensão comunitária, estar se relacionando com o próximo e estar aí sendo esse elo de ligação na comunidade, por isso vejo que o processo formativo é bem total, ele trabalha de forma integrada e é um projeto que constantemente é revisto, é atualizado para que cada vez mais possamos dar respostas à sociedade, à Igreja, e formando bem os futuros presbíteros que assim possam desempenhar a sua função à imagem de Cristo Bom Pastor.

### **2.a Essas dimensões que você acabou de mencionar, como elas são trabalhadas nas casas de formação?**

A dimensão humano-afetiva é trabalhada por formadores que se especializam ou na área de psicologia, ou também na área de psicopedagogia, cursos esses que dão ao formador um conteúdo maior nesta parte humano-afetiva. Esses encontros, esses momentos da dimensão humano-afetiva são realizados através de formações, realizados nos nossos seminários, na parte da tarde, fora do período de aula, e também, algumas disciplinas do curso, por exemplo, de filosofia e teologia, abordam essa dimensão humano-afetiva. A dimensão intelectual é trabalhada de maneira intensa, através dos cursos de filosofia, teologia e cursos que vêm congregar esta dimensão. A dimensão comunitária é trabalhada no convívio no seminário e quando o vocacionado retorna para sua comunidade e mesmo para sua casa, onde se envolve na vivência comunitária. A dimensão espiritual é realizada com acompanhamento mensal do diretor espiritual da casa. E a dimensão pastoral também se desenvolve na comunidade onde o candidato retorna todos os finais de semana.

### **3. Uma vez que você tem dois anos de formador, quais as dificuldades que você tem encontrado na sua função de formador?**

As dificuldades que tenho encontrado em minha função de formador, estão relacionadas num primeiro momento ao início do meu sacerdócio, afinal de contas sou um padre jovem, procuro desenvolver melhor meu trabalho, mas sempre procurando escutar aqueles que têm uma maior experiência no processo formativo. Então, as dificuldades que encontrei foram frutos da minha pouca experiência na função, que são acarretadas por outras funções que desempenho na arquidiocese. Muitas vezes fazem com que minha presença no seminário não seja tão presente. São estas dificuldades, elas existem, pela própria necessidade da Igreja e mesmo pela minha pouca experiência. É por isso que busco escutar os formadores que têm uma maior caminhada e procuro, com humildade, ouvi-los para aí construir um bom formador que possa contribuir na formação desses futuros sacerdotes.

#### **3.a Não obstante estas dificuldades que você levantou, como não dispor de tempo integral para os formandos devido aos outros trabalhos pastorais, você se considera ou não uma pessoa realizada no processo formativo?**

Olhando esses dois anos de caminhada posso afirmar, com toda convicção, que eu me realizo como formador. Porque aqui no seminário posso colocar em prática o meu ministério na formação desses meninos. O acúmulo de trabalho, as dificuldades que são inerentes à nossa missão precisam ser superadas. São superadas com trabalho, com dedicação. Posso dizer com toda convicção que sou muito feliz na função que desempenho, sinto que tenho contribuído na formação dos futuros presbíteros e tenho muito a aprender. A vida é um eterno aprendizado e estamos aí sempre nos formando para também nos atualizarmos com a linguagem dessa juventude, essa linguagem contemporânea que está aí ligada à internet às tecnologias. Por isso o padre sempre tem que estar atualizado e que bom saber que, me considero um formador realizado porque estou aqui num ambiente que me realiza como sacerdote e tomara que eu possa contribuir por muitos anos na função de formador.

**3.b A gente percebe pela sua fala que, diante de várias atividades pastorais, você procura conciliar. O que você acha do formador ser um pedagogo da presença. Como é que você vê isso no processo?**

É fundamental o formador ser esse pedagogo da presença. Para formar um ser humano e, conseqüentemente, um sacerdote; é importante estar junto em todos os momentos da casa, desde o amanhecer nas orações da manhã, na faculdade, no almoço, nos momentos informais, nos momentos de formação; esses são os momentos que nós formadores formamos os futuros sacerdotes e também criamos uma relação de confiança, nas quais podemos ajudá-los nos momentos de alegria, nos momentos de dificuldades. Por isso que a presença é fundamental. O formador tem que se fazer presente para formar e ajudar a pessoa a crescer em todas as dimensões.

**4. Como formador, quais os desafios que você percebe na atualidade no sentido do processo formativo?**

O maior desafio que nós formadores hoje encontramos, diz respeito à estrutura dos seminaristas que chegam nos seminários. Hoje os seminaristas vêm de realidades diferentes, de famílias nem sempre estruturadas, vêm de realidades educacionais diferentes, vêm de paróquias diferentes, e toda essa diversidade cultural, social, religiosa e humano-afetiva exige do formador que ele esteja sempre atento a tudo isso. E essas diferenças são o nosso maior desafio porque nós precisamos ter instrumentos e conhecimentos para trabalhar com todas elas e ajudar esses seminaristas a crescerem nas dimensões mencionadas já posteriormente. Então, na minha visão, o maior desafio é este: conciliar diversas realidades e dessas realidades, ajudar a formar um ser humano e formar um sacerdote que esteja disposto a doar sua vida pelo Reino de Deus.

**4.a Se percebe no processo formativo que existe uma diferença muito grande entre os seminaristas. Cada um, como você mesmo dizia, traz para dentro da casa de formação todo esse mundo particular. Como é que você, no processo formativo, trabalha cada indivíduo, uma vez que, como diz o ditado popular, “cada cabeça, uma sentença”. Que espaço você oferece para ouvir esses seminaristas, uma vez que cada um é diferente?**

A nossa vivência no seminário é formada por momentos oficiais, que nós nos encontramos com eles, esses momentos são formativos, mas a forma de atendê-los acaba se processando de maneira informal, num contato no corredor, na hora do almoço, em momentos informais. E há também os momentos formais, que são conversas mensais, nas quais eu me disponho a atendê-los, a orientá-los, a ouvi-los e encaminhá-los no processo formativo, dentro da dimensão intelectual e dentro da dimensão disciplinar, que são minhas funções no seminário. Então há essas duas maneiras: ou pela informalidade, quando nós conversamos com eles, ou pelo caminho formal, ao qual eles já estão habituados conversar conosco ao menos uma vez por mês. O formador tem que estar sempre disponível porque o seminarista tem as suas dificuldades e num momento determinado ele pode vir nos procurar. Então, a disponibilidade, ser essa presença amiga em todos os momentos em que for necessário.

## **FORMADOR D**

**1. Como foi a sua trajetória de formação para a função de formador? Em que momento, ou quem motivou e/ou direcionou a sua escolha para a função de formador?**

Na verdade, a missão como formador para mim já começou no tempo de formação, eu acredito, pela escolha de um projeto monográfico no curso de teologia, e esse projeto tinha um cunho também relacionado ao histórico da formação presbiteral, principalmente a nível de Brasil. Ali pude me inteirar um pouco mais dos documentos eclesiais que tratam da formação e deste modo esse projeto depois se tornou uma monografia de conclusão de curso de teologia. Então, acredito que o primeiro passo, mais fundamental para a formação para a função de formador seja nesse projeto. Antes do desenvolvimento desse projeto me veio também o trabalho realizado junto à Pastoral Vocacional, que tem também o objetivo do acompanhamento dos candidatos ao sacerdócio. Por dois anos pude também prestar uma ajuda, um apoio junto ao padre, na época o Pe. J.M. que trabalhava na Pastoral Vocacional. Acredito que esses foram os dois elementos importantes que me levaram depois para a função de formador, não tanto por uma escolha minha, mas depois, por uma decisão da Igreja e pelo convite também de D. P., do arcebispo na época que, logo no final do quarto ano de teologia me disse que eu estaria, depois de ordenado, trabalhando na formação.

**1.a Tendo em vista a sua trajetória sintetizada em dois momentos: o primeiro dele a sua monografia de teologia sobre o sacerdócio e depois os trabalhos na Pastoral Vocacional, acompanhando os candidatos para ingressarem nos seminários, pergunto para você: hoje, para ser um bom formador, basta ter o bom senso ou ele precisa se especializar em alguma área?**

Essa pergunta é bem interessante porque me faz lembrar muito o dia em que fui convidado para ser formador, por D.P. Ele me convidava depois de ter terminado o meu curso de filosofia e de teologia. Então, com o curso de filosofia e teologia existe uma preparação específica para o ministério sacerdotal, mas, em grande parte, o enfoque se dá, na minha percepção, sob o ponto de vista de uma formação para futuros párocos. Então, quando D. P. me dizia que eu seria formador, eu me senti bastante desafiado e ao responder a ele, eu disse assim: “eu vou e vou com toda a boa vontade”. Eu acredito que essa boa vontade poderia ser traduzida aqui como o que foi dito no sentido de bom senso: tudo aquilo que eu já tinha recebido, mas dizia para o arcebispo que eu precisava me especializar na área e buscar também cursos nessa área da formação. Então ele me respondia: “vá, trabalhe durante um ano, depois nós voltamos a conversar”. Então foi assim que, na verdade, aconteceu um pouco a minha trajetória. Eu fui daí nomeado para ser vice-reitor na filosofia, e durante aquele ano trabalhei lá, também ajudando nos trabalhos e como realmente o trabalho na formação foi algo que eu vi que poderia dar uma contribuição, passado o segundo semestre estava em pleno acordo também com alguns formadores, fui conversar com D. P. para fazer o curso de psicologia e começar o acompanhamento para ingressar, futuramente, na escola de formadores, que eu acredito que é algo específico para a formação. E me ajudou muito nessa trajetória, pelo curso de psicologia e pela escola de formadores que também é algo específico. Desta forma acredito que é realmente necessário algo específico realmente para esse campo.

**2. Como que você vê o processo formativo dos futuros presbíteros na atualidade?**

A primeira palavra que me vem na mente sobre formação presbiteral é desafio. Talvez não seja uma novidade essa palavra desafio na atualidade relacionado com a questão da formação, mas acredito que é um dos aspectos bem desafiadores hoje,

principalmente para os jovens que sentem o chamado à vida sacerdotal. Trabalhando agora mais especificamente com os que entram no seminário, logo dá pra perceber, e com uma forte e grande ajuda da psicologia, de um conhecimento pessoal, percebe-se que eles chegam com muitos anseios e muitas coisas que são marcas do mundo. Essas marcas do mundo que estão nos jovens que ingressam hoje, nos seminários, precisam ser trabalhadas. Marcas que poderíamos aqui citar a questão do consumismo, a questão mesmo dos meios de comunicação, às vezes o uso até inadequado e exagerado dos meios de comunicação, a questão do hedonismo. Na verdade existem marcas que vêm com os jovens e precisam ser trabalhadas, por isso que são desafiadoras, porque o mundo hoje é desafiador e às vezes pensa que o seminário é um ambiente onde essas coisas e situações não são trabalhadas e precisam ser trabalhadas desde o início do processo e ao longo de todo o processo formativo. Porque não tem como dizer que existe uma formatura final para isso. Tem um início o processo inicial que nós damos aqui e sabemos que esse processo se delonga depois da formação.

**2.a Você falava que no processo formativo, os formadores devem ter presente que os jovens que ingressam nos seminários, vêm com as marcas do mundo. Você falava sobre hedonismo, tudo aquilo que eles vão aprendendo pelos meios de comunicação social, às vezes nem sempre corretamente. Tudo isso deve ser trabalhado no processo formativo. Como é que você trabalha esses aspectos no processo formativo? Como você organiza esse tipo de trabalho para realmente atingir o jovem como um todo?**

Acredito que existem várias frentes que são feitas no seminário, desde o tempo que trabalhei na vice reitoria da filosofia e agora tenho sentido mais de perto e na “pele” a questão realmente da formação aqui no seminário propedêutico, vejo que um dos aspectos que pode, que ajuda bastante é a presença, diria, presença constante junto ao ambiente formativo, como formador. Então, a percepção nos momentos informais, a pontuação também depois de aspectos percebidos, aqueles momentos informais do formando. Os momentos informais que me refiro são no sentido, às vezes, de um lazer, de uma refeição que pode ser um pouco mais alongada, no sentido de um diálogo, então, esse é um aspecto que pode ser um elemento que um formador precisa ter para perceber também o seu formando. Vejo outro aspecto importante que acontece também, isso no nível de grupo, são as formações específicas com o grupo. Aqui no seminário nós chamamos de

formação humana, e acontece numa manhã a cada quinze dias, em torno de três horas e meia, não seguidas, é claro, mas com um tempo apropriado. E nesse tempo de formação no propedêutico, o que eu trabalho? Principalmente na forma de dinâmicas de grupo, que eu acredito que é uma forma que há para que o jovem também se confronte com algumas situações suas e essas situações que ele traz e também marcas que até às vezes ele desconhece e também precisa conhecer melhor. Então as dinâmicas de grupo ajudam bastante. E depois, outra parte de conhecimento teórico da formação, dos elementos, de como é que se formam atitudes, as necessidades, os valores, como é que os jovens também precisam estar abertos para esses valores. Conhecer também um pouco mais das necessidades que podem estar por detrás de muitas atitudes que o seminarista tem junto ao ambiente formativo. Então essa é uma segunda frente. E o terceiro que eu vejo, a outra frente que precisa ser trabalhada é o colóquio pessoal. É aquela conversa, pelo menos quinzenal, que aqui acontece em torno de 30, 40 minutos para escutá-los, aquele confronto pessoal com aqueles elementos que vão aparecendo tanto nas dinâmicas de grupo quanto no relacionamento que acontece entre os próprios formandos.

### **3. Quais as dificuldades encontradas em sua função de formador?**

As dificuldades que mais aparecem estão ligadas a levar cada formando a sentir-se realmente como protagonista do processo formativo, porque muitas vezes, os seminaristas, os vocacionados vêm com uma ideia de vocação, ou chega-se no seminário com uma ideia de alguém já formado, pronto, acabado, ou às vezes se pensa que o processo formativo depende do formador ou depende da Igreja. A gente sabe que, claro, depende do formador porque ele é um agente também educacional no processo formativo, depende da instituição da Igreja que oferece todos os meios. Mas se não houver realmente um empenho da pessoa e se ela não for levada a sentir-se protagonista do seu próprio processo, eu acredito que não há processo formativo nesse sentido. Então eu vejo isso como é uma das dificuldades que hoje nós podemos enfrentar e eu enfrento isso porque termina um ano no propedêutico, será que aquele jovem realmente se sente como protagonista do processo, ou ainda está esperando que outro faça o processo por ele mesmo? Então sentir-se protagonista na verdade é entrar no processo até de refletir-se como um indivíduo, não no individualismo, mas sentir-se um ser individual e nesse processo aí seguir em frente recebendo dos formadores, depois no futuro, as fases de formação recebendo o estímulo, confiando na presença do Espírito que move o coração

realmente no sentido vocacional, mas ele como um segundo lugar aí, se sentindo realmente como um protagonista. Eu vejo que essa é uma dificuldade que pode ser encontrada. Mas também eu vejo que, assim, ampliando um pouco mais, ter dificuldades no nível da formação, essa questão da presença e ausência, e saber dosar ausência e presença no seminário é um desafio para o formador, porque às vezes num ambiente em que ele o tempo todo, vamos dizer assim, é uma presença, não deixa também o outro crescer. Então vejo que está interligado também a isso como uma dificuldade, que de repente o tempo todo ficar falando ou ficar corrigindo, até que ponto também o outro é levado a crescer. Agora, se vai para outro lado, de repente alguém que deixa que ele faça o que quer, deixa tudo à vontade, então, saber dosar momentos de presença e momentos de ausência para o formador eu acho que é bem difícil, mesmo tendo muitas formações, e mesmo com concursos e tudo, a gente não, eu sinto assim como uma dificuldade pessoal até para saber os momentos que realmente eu preciso ser uma presença e os momentos que eu realmente preciso me ausentar e deixar que o outro cresça.

### **3.a Com isso você quer dizer que o formador não deve ser um “bonachão” como também não deve ser um “ditador”?**

Isso, na verdade é levar ao diálogo e levando ao diálogo, fazer com que realmente haja essa internalização de um projeto que eu diria, é um projeto de Igreja, é um projeto institucional, mas é um projeto pessoal e tem que assumir como um projeto pessoal. Se não houver esse assumir como um projeto pessoal, realmente vai, o processo vai ficando a desejar no decorrer das fases que vão ocorrendo. Então eu vejo que é nesse sentido que há esses momentos eu diria de presença e de ausência, mas não ser um bonachão, mas também não ser um ditador. Então precisa realmente do diálogo para escutar e precisa realmente de outro elemento que eu acho importante, não posso deixar de falar. aqui que é questão realmente de dificuldade, o próprio formador se sentir bem no seu próprio processo como formador. Se eu não estou também bem comigo, se eu não estou de bem com a missão que me foi dada, eu posso colocar em risco todo o processo de não só um indivíduo, mas daqueles que me foram confiados. Então o fato de estar bem consigo mesmo pode ser um elemento também norteador para poder ajudar o outro a crescer.

#### **4. Quais são os desafios que o formador, ele enfrenta na atualidade?**

No momento atual, um desafio pertinente é atualizar-se em relação aos meios de comunicação social. Os jovens, como dizia, vêm marcados com muitas coisas, com muitas formas de comunicação que o formador também não consegue acompanhar. Não estou dizendo que a gente precisa acompanhar tudo, sou do princípio de que não precisa assim acompanhar ou estar lá junto, ser um jovem como aquele, mas eu diria, é um grande desafio para o formador até poder entrar nesse universo. E é mais desafiador ainda porque esse é um universo que muda muito, então, de um ano, ou em um ano numa casa de formação as coisas mudam muito. Se formos olhar aí as redes sociais estabelecidas aí por meio da internet, algum tempo eram umas, hoje são outras e daqui talvez dois ou três meses surjam outras e vão surgindo, vão surgindo novos meios e novas linguagens, linguagem às vezes difícil, que a gente não consegue também adentrar nesse universo. Vejo isso como um grande desafio também. Também vejo um desafio para o formador na atualidade ganhar também confiança do formando, que dizer, no decorrer do processo, que o formando se sinta bem nesse diálogo, que no tempo também de formação se sinta bem dialogando, conversando, e que sinta aberto para também falar o que deve ser falado. Vejo isso como um grande desafio para o formador. Talvez seja uma visão minha pela questão da fase de formação que nós encaramos. Sabemos que no tempo de formação existem várias fases, então às vezes penso assim: quando o formando adquire uma capacidade de diálogo, de transparência com o formador, é o momento que ele está passando para outra fase, que vai começar tudo novamente, com outro formador, com outra pessoa. Então vejo isso como um desafio também para nós formadores, porque trabalhando no propedêutico, tendo trabalhado seis anos na filosofia, percebi que há um tempo para adquirir confiança na pessoa, e quando adquire confiança, é o momento que ele tem de passar, então talvez seja o momento que ele tem para crescer também, mas penso que até chegar com outra pessoa e ganhar confiança, muitos podem se perder nesse processo. Então é realmente um grande desafio esse saber criar confiança. E a confiança também ajuda muito nesse diálogo que se estabelece com o formando.